



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**“SOU FORASTEIRO AQUI, EM TERRA ESTRANHA ESTOU”:
DISPUTAS DE ALMAS E DE TERRITÓRIOS ENTRE PROTESTANTES E
CATÓLICOS (CARIRI CEARENSE, 1936-1960)**

Ossian Soares Landim

CAMPINA GRANDE
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**“SOU FORASTEIRO AQUI, EM TERRA ESTRANHA ESTOU”:
DISPUTAS DE ALMAS E DE TERRITÓRIOS ENTRE PROTESTANTES E
CATÓLICOS (CARIRI CEARENSE, 1934-1960)**

Ossian Soares Landim

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande, março de 2011

LANDIM, OSSIAN SOARES.

L257s "Sou forasteiro aqui, em terra estranha estou": disputas de alma e de territórios entre protestantes e católicos (Cariri, Cearense, 1936-1960)/ Ossian Soares Landim, Campina Grande, 2011.

xp.; il.; color.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.

1. Religiosidade – história, 2. Campanha anti-protestante, 3. Igreja Católica. I. Título.

CDD: 200

Ana Paula Saraiva CRB 3/1000



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

OSSIAN SOARES LANDIM

**“SOU FORASTEIRO AQUI, EM TERRA ESTRANHA ESTOU”:
DISPUTAS DE ALMAS E DE TERRITÓRIOS ENTRE PROTESTANTES E
CATÓLICOS (CARIRI CEARENSE, 1934-1960)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no
Curso de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande,
pela seguinte banca examinadora:

Avaliado em ____ / ____ / ____ com média ____

Banca examinadora da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Examinadores:

Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador)
(Universidade Federal de Campina Grande)

Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos
(Universidade Regional do Cariri)

Dra. Patrícia Cristina de Aragão
(Universidade Estadual da Paraíba)

Dra. Juciene Ricarte Apolinário
(Universidade Federal de Campina Grande)

Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
(Universidade Federal de Campina Grande)

Aos meus filhos: Camilla, Kevin, Miquéias e Lara.

AGRADECIMENTOS

As palavras abaixo irão expressar toda a minha gratidão às pessoas e instituições que me ajudaram nesta caminhada. Meu muito obrigado de todo coração a todos.

Ao programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal de Campina Grande que me proporcionou tudo o possível para a continuidade dos meus estudos em história. Encontrei pessoas maravilhosas que cuidaram da minha estada na universidade. Pessoas como Arnaldo e Meresa que a todo o momento, se comprometeram a nos informar e acompanhar sobre tudo que necessitávamos.

A Cúria Diocesana do Crato na pessoa da secretária Tânia, que com tanta atenção aos pesquisadores me atendeu fornecendo as edições do jornal A Ação para esta pesquisa.

Aos meus entrevistados: Pr. Jaime Augusto, Pr. Davi Gino, D. Mazinha, Dr. Napoleão, que dispensaram seu tempo para fornecer-me informações importantíssimas.

Ao Pe. Renato da Igreja Matriz de Santo Antônio de Barbalha que com tanta simpatia me atendeu na secretária da igreja e abriu os livros de tomo para a pesquisa.

Ao Sr. Humberto Cabral que me forneceu em sua casa, sua coleção de jornais A Ação onde encontrei edições importantes que não se encontravam na Cúria Diocesana.

Obrigado, Dra. Juciene Ricarte, quantas vezes telefonei para você e todas às vezes fui atendido e com tanta educação, amor e compreensão me ouviu dando-me as direções necessárias para um bom procedimento na caminhada até o final da jornada. Uma excelente coordenadora.

Agradeço Aos meus professores: Dr. Osmar, Dr. Gervacio Batista, Dra. Regina Coelli, Dr. Alarcon Agra. Vocês deixaram suas marcas em minha vida acadêmica e pessoal, aprendi e tentei nesses dois anos absorver tudo que vocês me transmitiram, marcas valiosas que carregarei por toda a minha vida.

Meus companheiros de sala, quantas alegrias, quantas discussões valiosas que me fizeram crescer juntamente com vocês. Gostaria de destacar alguns que estavam mais próximos desse cearense: Marcos, Elton John, Luiz, Elaine, Leonardo. Tantas vezes precisei de vocês e com tanta atenção me atenderam. Obrigado meus amigos pela sinceridade e atenção.

Deixei algumas pessoas para agradecer por último, porque essas pessoas foram meu sustentáculo e não me deixaram desistir e me incentivaram a continuar na minha jornada no mestrado.

A Adriana minha esposa. Quantas vezes eu cheguei cansado das viagens e encontrava sempre um colo para me receber com carinho e amor. Uma companheira em todo tempo. Quantas broncas necessárias em forma de incentivo para eu não desistir. Obrigado por entender as minhas ausências em horas cruciais das nossas vidas, somente o amor poderia convencer você a me deixar ausente por alguns dias. E você não desistiu de mim. Na caminhada do mestrado, ou no meio de tudo, você me deu um lindo presente, nossa filha Lara, uma bênção de Deus para nós. Eu amo você muito.

Dr. Iranilson. Buriti, Dr. Iran, irmão Iranilson, seu nome não estava no rol dos professores acima citados por um motivo especial, você merece um parágrafo exclusivo de agradecimento. São muitos os dons que você possui e neste momento gostaria de relacionar aqueles que foram usados em meu favor: paciência, compreensão, hospitalidade, ensino, diaconia (arte de servir), respeito, um conselheiro. Somente Deus para dar-te uma porção em dobro daquilo que você e sua família (Denise e Álef) fizeram comigo. Um parágrafo é muito pouco para agradecer a vocês por tudo, Deus abençoe vocês.

Sou grato aos meus pais, que por tantas noites e dias me esperavam chegar de Campina Grande preocupados e só dormiam quando eu entrava em casa. Mãe, a senhora foi uma pessoa fundamental na minha jornada, suas orações me sustentaram, seu amor me deu forças para continuar e neste momento podemos cantar e louvar a Deus pela vitória que Ele nos deu. Aos meus irmãos: Osvaldo, Marnea e Marsilea que acompanharam minha jornada.

RESUMO

A religiosidade, como temática nos estudos históricos foi por muito tempo deixada de lado, silenciada e negada pelos historiadores. Este trabalho visa amenizar um pouco esse desinteresse por parte dos historiadores brasileiros. A religião é um campo fértil para a pesquisa histórica. O estudo histórico da religião proporciona ao historiador contemplar as relações sociais de uma determinada época e lugar. Historicizar as realidades religiosas do Cariri cearense é o assunto principal desta pesquisa. A campanha antiprotestante no Cariri se apresentou principalmente nas ações de violência dos católicos contra os protestantes. A violência atingia os corpos e sensibilidades dos protestantes, para esse fim a Igreja Católica usou os meios que estavam ao seu alcance: jornais, boletins, associações, e a própria população. A ação por parte da Igreja tinha o intuito de banir os protestantes da região e reafirmar seu lugar na sociedade. Do outro lado, os protestantes, que eram os Batistas Regulares, reagiam astutamente para permanecerem na região e cumprirem com sua missão em terras caririenses. A missão foi cumprida, mas a preço de muito sacrifício. Personagens com o Sr. Edward McLain, Jim Willson, Alberto Johnson foram primordiais para o estabelecimento dos Batistas Regulares no Cariri.

Palavras Chave: Campanha antiprotestante, Igreja Católica, Edward McLain, Identidade.

ABSTRACT

Religiosity, as a theme in historical studies has long been sidelined, silenced and denied by historians. This work aims to alleviate some of this disinterestedness on the part of Brazilian historians. Religion is a fertile field for historical research. The historical study of religion provides the historian contemplate the social relations of a particular time and place. Historicize religious realities Cariri Ceara is the main subject of this research. The campaign of persecution the protestant in Cariri performed primarily in the actions of violence by Catholics against Protestants. The violence affected the sensibilities of the Protestant bodies, and to this end the Catholic Church used the media that were within our reach, newspapers, newsletters, associations, and the population itself. The action by the Church was intended to ban the protesters from the region and reaffirm their place in society. On the other hand, Protestants, who were the Regular Baptists, reacted astutely to remain in the region and fulfill its mission in caririenses lands. The mission was accomplished, but the price of much sacrifice. Celebrities with Mr. Edward McLain, Jim Willson, Albert Johnson were vital for the establishment of the Regular Baptists in Cariri.

Key Words: Campaign, The campaign of persecutionthe protestant, Edward McLain, Identity.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA	01	-	CASA	COM	FRASE	PINTADA	18
.....							
FIGURA 02	- IGREJA DO SOCORRO EM JUAZEIRO DO NORTE						22
FIGURA 03	- MATRIZ DE NOSSA SENHORA DAS DORES EM JUAZEIRO DO NORTE						41
.....							
FIGURA 04	FIGURA 4	- PLACA COLOCADA NA ENTRADA DA CIDADE DE BARBALHA EM 27 DE SETEMBRO DE 1959.....					45
FIGURA	05	-	OS	MAIS	IMPORTANTES	RAMOS	DO
CRISTIANISMO.....							58
FIGURA - 06	O IR E O VIR DA ESTAÇÃO FERROVIARIA DE JUAZEIRO DO NORTE						70
FIGURA - 07	MISSIONÁRIO JIM WILLSON NAS RUAS DE JUAZEIRO DO NORTE						80
FIGURA - 08	O ATENDIMENTO ÁGUA EM JUAZEIRO DO NORTE NA DÉCADA DE 1950						106
FIGURA 09	-	EDWARD	MCLAIN	E	SUA	ESPOSA	INÊS
MCLAIN.....							107
FIGURA 10	- GRUPO DE ALUNOS DE INGLÊS DA FÁBRICA ANDERSON CLAYTON & CIA LTDA.....						108
FIGURA 11	- CARTÃO COM FOTOS DA PERSEGUIÇÃO EM 1950						111
FIGURA 12	- MISSIONÁRIO ALBERTO JOHNSON.....						112
FIGURA 13	- CULTO AO AR LIVRE NA DÉCADA DE 1950 NA PRAÇA PE. CÍCERO.....						114
FIGURA 14	ALUNOS E ALUNAS DA ESCOLA PRIMÁRIA BATISTA.....						118
FIGURA	15	ALUNOS	DO	INSTITUTO	BÍBLICO	BATISTA.....	120
FIGURA 16	FAMÍLIA WILLSON.....						121

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - RAMOS DA REFORMA PROTESTANTES NO BRASIL	60
--	-----------

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 DESENHO METODOLÓGICOS.....	12
1.1 Temporalidade e Fontes da Pesquisa.....	13
1.2 Discussão historiográfica.....	19
CAPÍTULO 2 PAISAGENS POLÍTICO-RELIGIOSAS NO BRASIL	27
2.1 Discursos Políticos Sobre Religião no Brasil.....	28
2.2 Novas Paisagens Religiosas: o Brasil dos protestantes	36
2.3 O Cariri cearense e seus lugares de conflitos religiosos	40
CAPÍTULO 3 IDENTIDADES CONTRASTANTES: O EU E O OUTRO NA FORMAÇÃO DO CARIRI RELIGIOSO.....	54
3.1 “Onde Ele Me Guiar Eu O Seguirei”	55
3.2 “Sou Forasteiro Aqui, em Terra Estranha Estou”.....	68
3.3 “Alerta, católicos! Não deixeis nunca a Santa Religião Católica, Apostólica Romana” – Definindo a Identidade Católica Caririense.....	72
CAPÍTULO 4 QUEM SÃO ELES? QUEM ELES PENSÃO QUE SÃO? A PRESENÇA PROTESTANTE NO CARIRI CEARENSE	84
4.1 “Quem sois vós para reformar uma religião divina? Jesus Cristo é o Senhor dela foi ele que vos enviou?”.....	85
4.1.1 Os Jornais como campo de batalhas: as escrituras de si e do outro.	88
4.1.2 – As homilias dos padres geradoras das práticas de violência e as táticas de permanência dos protestantes	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126

ANEXOS 131

I CAPÍTULO

DESENHO METODOLÓGICO

1.1 - Temporalidade e Fontes da Pesquisa

Como em qualquer trabalho de pesquisa tivemos que fazer algumas escolhas, trabalhar com cortes, recortes, colagens, bricolagens. A primeira foi escolher a temporalidade. O que determinou o recorte temporal e territorial foi o período da instalação do grupo evangélico Batista Regular na região do Cariri, entre 1936 a 1960 nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha¹. Período este que abrange a chegada do primeiro missionário a região do Cariri cearense, os embates entre católicos e protestantes, e a aceitação do grupo por parte da sociedade caririense. Devemos salientar, esse grupo de protestantes (evangélicos) foi o pioneiro nesta região predominantemente católica.

Uma segunda escolha advém das fontes. Encontramos a campanha antiprotestante da época em vários tipos de fontes, desde jornais, principalmente o jornal *A Ação Católica*² publicado pela Diocese do Crato, passando pelos sermões dirigidos à população católica. Estes sermões não estão documentados de forma escrita, mas fazem parte da memória de alguns dos protestantes e católicos que viveram na época e os relataram em documentos áudios-visuais. Da parte dos protestantes as fontes que encontramos são: cartas dos primeiros missionários, depoimentos orais registrados em áudio e vídeo e nos jornais *The Ohio Independent Baptist*, *The Baptist Bulletin*. Estes dois jornais relatam em primeira-mão as notícias dos primeiros missionários Batistas Regulares na região do Cariri. Serviam para divulgar o trabalho destes missionários para as Igrejas Batistas Regulares nos Estados Unidos, uma espécie de relatório, ou uma prestação de contas, pois eram os membros destas igrejas norte-americanas que sustentavam financeiramente os missionários no Brasil. Além do sustento financeiro, os missionários solicitavam aos

¹ As três cidades formam um triângulo geográfico chamado de CRAJUBAR, com a distância de nove a dez quilômetros entre uma e outra cidade, propiciando ao pesquisador da região um deslocamento sem dificuldades.

² O jornal "A AÇÃO" foi fundado em 1938 com o título de "Boletim de Ação Católica". O jornal circulou na região do Cariri por cinquenta anos, era de circulação semanal e distribuído aos domingos. A própria Diocese era quem imprimia o jornal na sua gráfica. O intuito principal do jornal segundo a maioria das suas colunas era orientar as famílias católicas da região para a boa moral católica e os bons costumes. Com o passar do tempo o jornal A AÇÃO publicava também em suas colunas outras notícias sobre diversos assuntos: economia, literatura, política etc.

seus "*Brothers*" e "*Sisters*" que orassem por eles em virtude do que estavam passando no Brasil.

Os jornais tinham circulação nacional, em qualquer cidade onde tinha uma Igreja Batista Regular os jornais ali chegavam. Os jornais como fonte de pesquisa agregam reflexões sobre uma produção que circula e é consumido como uma prática cultural. O discurso jornalístico tem uma intensão de "verdade" e proporciona ao historiador refletir sobre o que se constrói sobre essa "verdade". Além desse discurso, esse tipo de fonte tem seus receptores, leitores da própria localidade e de outros lugares que ao lerem os jornais se informavam dos acontecimentos, tendo uma noção de espacialidade e do cotidiano.

Outra obra importante é do prof. Jaime Augusto Lima, "Que Povo é Esse?", onde o autor relata os mais importantes embates da polêmica antiprotestante e as ações dos missionários para o seu estabelecimento na região. Todas estas fontes, de ambas as partes, nos levaram a pesquisar esta polêmica a partir do campo da intelectualidade.

A região do Cariri não é conhecida somente pela sua religiosidade e pelo fanatismo, mas também, por ser uma região produtora de intelectuais, e que boa parte destes compartilhavam da polêmica instaurada pela chegada dos protestantes no Cariri, principalmente aqueles que escreviam para o Jornal A Ação Católica. Estes intelectuais faziam parte do clero católico, como também eram os católicos leigos pertencentes à Igreja Católica Apostólica Romana. Os nomes desses vultos irão aparecer no decorrer deste trabalho. A intelectualidade não se restringe apenas ao campo da produção escrita, mas também pode ser vista através da tentativa de convencer o outro a partir dos discursos orais. O campo religioso neste período passa a ser alvo desse tipo de intelectualidade, e mais uma vez vale ressaltar, de ambas as partes, pois os Batistas Regulares também utilizavam-se de discursos orais e escritos na tentativa de convencer a sociedade caririense de sua importância na região. Pode-se perceber que atualmente, o grupo Batista Regular é bastante homogêneo nestas três cidades. São dezessete igrejas distribuídas nas três cidades, um seminário de formação de pastores e missionários e um colégio de ensino fundamental e médio.

A capacidade intelectual do clero e de pessoas influentes que faziam parte do catolicismo romano produziram discursos que foram usados em alguns momentos

para convencer as pessoas a se utilizarem da violência. Em vários discursos católicos a população era incitada a combater os protestantes por meio da violência, muitas vezes armada (com paus e pedras). Os embates eram fervorosos entre católicos e protestantes. Estes embates fizeram parte do processo de instalação dos evangélicos na região Caririense. Embates vividos pela comunidade nas ruas, nas casas, na política, nas igrejas e organizações dirigidas ou influenciadas pela Igreja Católica Romana.

As fontes também me levaram a uma outra questão amplamente estudada pelos historiadores: a territorialidade ou a questão dos espaços, sejam eles físicos ou simbólicos. Disse acima que uma das características marcantes da região do Cariri, especialmente as três cidades em destaque neste trabalho, é sua religiosidade católica romana. Através das fontes percebemos que a Igreja Católica tentou demarcar a Região do Cariri Cearense como território quase que intransponível para outras religiões. A professora Dra. Rosa Maria Godoy Silveira nos diz

[...] na medida em que Região é um conceito que se remete ao de território, Território é um conceito que remete a poder e cultura, Poder e Cultura são conceitos que remetem à História. Pois que não há Cultura Histórica desterritorializada; seja o território compreendido como domínio seja como apropriação simbólica. (2007, p. 39-40).

Portanto, é papel do historiador escutar as fontes e fazê-las falar para desvelar as relações sociais, as inquietudes da sociedade, e no caso desta pesquisa, por em evidência as relações conflituosas entre católicos e protestantes.

Outro recorte nessa operação historiográfica foi em relação à temática. Já mencionamos que o nosso objeto de pesquisa aborda as disputas espaciais do Cariri Cearense na esfera religiosa. A religiosidade, enquanto uma temática maior foi negada e silenciada pelos historiadores durante muito tempo. O historiador Michel de Certeau, comentando sobre o preconceito da historiografia quanto aos estudos sobre religiosidade nos diz:

A distância do tempo, e, sem dúvida, uma reflexão mais epistemológica permitem hoje relevar os preconceitos que limitaram a historiografia mais recente. Eles aparecem tanto na escolha dos assuntos quando na

determinação dos objetivos dados ao estudo. Mas, sempre estão ligados às situações que conferem ao historiador uma posição particular com relação a realidades religiosas. (CERTEAU, 2002, p.42).

Michel de Certeau contrapõe-se, portanto, às explicações naturalísticas e sociológicas que concebem a experiência religiosa apenas como sendo um "sintoma", um reflexo de alguma outra coisa. Estudando a relação entre Certeau e o estudo das religiões, Eduardo Gusmão Quadros, interroga: "Mas se a experiência religiosa é tão inexprimível, como fazer, então, para estudá-la?" E o mesmo responde:

Em um primeiro momento, deve-se considerar com atenção as narrativas dos fiéis. Pode-se tomar um exemplo dos relatos de "conversão". Os crentes costumam dividir suas vidas em um antes e um depois a aquele momento. Ele se prolonga, portanto, podendo ter durado alguns minutos, para re-significar os anos ou décadas. Mais que um momento, a experiência passou a ser uma "duração", "habitando" o fiel como uma fonte renovadora de sentidos³. A experiência religiosa é uma força "viva"; gera a vida, pois é o divino vivendo "dentro" dos fiéis, conforme dizem. (QUADROS, 2002, p. 6)

Ao relacionar este tempo "sagrado" com as múltiplas temporalidades da vida social e do ambiente cultural, o Michel de Certeau teve que adentrar na relação entre religião e memória, entre experiência religiosa e história. Portanto, historicizar as realidades religiosas, e no caso desta pesquisa, realidades conflituosas, fazem parte dos objetos de pesquisa historiográfica.

É crucial perceber que, os estudos e pesquisas no campo da história sofreram modificações a partir da escola dos Annales. A proposta dessa escola foi inicialmente promover uma decomposição da história, "não existe mais história e sim histórias" (DOSSE, 2003, p. 269), sendo assim, a história deve ser colocada em séries. A multiplicação dos objetos de estudo esmigalha a história e expande o discurso do historiador. Há diante do historiador uma impotência diante do tempo e da sociedade. Os saberes da sociedade sofrem uma mutação e uma multiplicação significativa, não há mais verdade e sim verdades diversas, e o historiador deve-se especializar em uma delas. As narrativas não são mais globalizantes e sim

³ A tarefa das sociedades religiosas é realimentar esta "fonte". Nem sempre consegue, mas nesta época Certeau tratou pouco da fé deste modo mais dinâmico. Pode-se comparar com a perspectiva apresentada na "Invenção do Cotidiano", onde a fé é concebida como um "investimento" das pessoas em certas afirmações e práticas (1996, p. 278).

particulares. A unidade temporal apenas aparece de mofo ilusório e artificial. Assim, deve-se enfatizar o impulso dado pelos Annales a História Social e Cultural, pois trouxeram para a história novos enfoques, novos agentes, privilegiando as ações sociais e culturais dos sujeitos inseridos no processo histórico por vezes esquecidos. A pesquisa histórica que tem a **história-problema** como matriz conduz,

[...] a resposta a problemas posto no seu início e a verificação das hipóteses-respostas possíveis. A partir da posição do problema, o historiador distribui suas fontes, dá-lhes sentido e organiza as séries de dados que ele também terá construído. O texto histórico é o resultado de uma explícita e total construção teórica e não mais o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si. A organização da pesquisa é feita a partir do problema que a suscitou: este vai guiar na seleção dos documentos, na seleção e construção das séries de eventos relevantes para a verificação das hipóteses, cuja construção ele exigirá. (REIS, 1996, p. 46)

A proposta desses novos historiadores era a de ampliar os temas para os estudos históricos, temas estes voltados para as "pessoas comuns" as quais deveriam aparecer na historiografia. Com essa proposta veio também à diversificação de fontes para a pesquisa história. Há na atualidade uma gama de fontes variadas que podem ser trabalhadas pelo historiador:

[...] o diário de uma jovem desconhecida, uma obra da alta literatura ou da literatura de cordel, as atas de reunião de um clube, as notícias de jornal, a propagandas de uma revista, as letras de músicas, ou até mesmo uma simples receita de bolo. Não há mais limites para os tipos de textos que podem servir como materiais para o historiador. (BARROS, 2004, p. 134)

Uma nova história estava sendo proposta, novas pessoas, novos objetos e novas problemáticas a serem pensadas emergiram para os historiadores. Esta pesquisa se situa na linha de pesquisa Cultura, Poder e Identidades do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, linha esta que representa as novas propostas historiográficas. A história cultural tem proporcionado uma verdadeira mudança nos estudos históricos desde a década de 1990 no Brasil. Houve um considerável aumento nas pesquisas feitas a partir da cultura "[...] uma verdadeira virada nos domínios de Clio". (PESAVENTO, 2008, p. 8).

Os estudos culturais têm voltado seu olhar para “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2008, p. 15). Este modo de pensamento proporciona ao historiador pensar a cultura como

[...] tradução da realidade que se faz simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa: (PESAVENTO, 2008, p. 15).

A história cultural abre um leque variado de opções de objetos para os estudos mais variados (BARROS, 2004) como, por exemplo: as identidades;

As identidades são, pelo seu lado, um outro campo de pesquisa da História Cultural. [...] a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro. (PESAVENTO, 2008, p. 90)

A frase “Alto lá senhores protestantes” é carregada de identidade. Uma identidade geográfica, física e espiritual de poder, que se mostra ao outro, àqueles que ameaçam uma parte da coletividade ou que já está fixado, uma religião, um sistema social e cultural. No caso da referida frase, o seu autor, ao invés de buscar identidade, procurou elaborar enunciações de diferença, demarcações territoriais: “A Barbalha de Santo Antônio já está evangelizada”. Tal frase, como expressa na fotografia abaixo, territorializa Barbalha, fecha sua identidade, demarca fronteiras de pertencimento religioso.



Figura 1: casa com frase pintada, demarcando a territorialização do Município de Barbalha – CE.

Fonte: Acervo do autor

Por outro lado, o estrangeiro mostra sua identidade estabelecendo sua diferença, propondo mudanças de identidades. As alteridades são postas pelas ações e reações entre os grupos no cotidiano da sociedade. A identidade religiosa é uma parcela do campo de estudo da História Cultural que será tratada neste trabalho.

No caso das identidades dos batistas, estes chegam com táticas enunciativas que legitimam a “intervenção” para aqueles que fogem ao padrão bíblico. Mediante vários discursos de cunho puritano, os Batistas criam sustentação legal e moral para uma atuação sistemática, de modo a colocar em prática o seu projeto “pedagógico” e “regenerador” das vidas. A tônica era “regenerar a sociedade” caririense através da adoção de práticas vistas e ditas como puras, santas e dignas moralmente. Ao ser fiel a tais princípios doutrinários, o protestante estava tomando o “remédio” para os males, fortificando tanto o seu corpo quanto o seu espírito. Em outras palavras, esse conjunto de discursos coloca a pureza ao lado da virtude e do bem-estar social, ou seja, era identificada como um instrumento eficaz que impediria a proliferação da doença do “pecado” que ameaçava a sociedade do Cariri. Ao aceitar ser membro da seara protestante, o convertido tornava-se um “eleito de Deus”: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pe. 2:9)

1.2 – Discussão historiográfica

O estudo e a historiografia da religião estabelecem conexões com praticamente todos os demais campos do saber. Por isso, ao fazermos essa discussão historiográfica, não iremos alocar apenas livros e obras escritos por historiadores, mas também aqueles que, mesmo pertencentes a outro campo de saber, olham a história da religiosidade no espaço caririense.

Concernente à historiografia local sobre as práticas religiosas no Cariri, sabemos que o primeiro missionário Batista Regular que chegou a cidade de Juazeiro do Norte foi o senhor Edward McLain (1902-1975), no dia 11 de setembro de 1936. Antes de sua chegada a Juazeiro do Norte, o senhor Edward Guy McLain obteve algumas informações sobre o tipo de catolicismo vigente da cidade de Juazeiro do Norte em virtude de um contato que o mesmo teve na sua chegada ao Brasil em 1935 na cidade de Salvador – Ba. Lá, encontrou-se com um escocês chamado Sr. Duncan que tinha passado pela cidade de Juazeiro do Norte e lhe deu notícias sobre a religiosidade da cidade, especialmente sobre a principal figura religiosa da época, o Padre Cícero Romão Batista e sobre o catolicismo popular que o padre praticava na região. Quando o senhor Edward McLain chegou a Juazeiro do Norte o Pe. Cícero já havia morrido (20 de Julho de 1934), mas seus seguidores guardavam seus ensinamentos e praticavam-nos cotidianamente. Mesmo sem conhecimento geográfico e social da região, e sabendo que os protestantes não eram bem recebidos na cidade, o senhor Edward partiu para Juazeiro do Norte, e chegando à cidade foi assim recepcionado:

Quando o vigário da cidade, Pe. Orlando, soube que havia um missionário hospedado em Juazeiro, ficou enfurecido. Dirigiu-se a pensão acompanhado de 300 pessoas para convencer o proprietário a expulsá-lo. Disse ao missionário, que ele era o pastor da cidade e não havia lugar para outro. Sugeriu-lhe que se retirasse em poucos dias. (LIMA, 1997, p. 40).

A ameaça do pároco não desanimou o senhor Edward McLain que se instalou na cidade de Juazeiro do Norte. (Jornal 60 Anos, 200,7 p. 02).

Com a morte do Padre Cícero, líder religioso e político, em 20 de julho de 1934, Juazeiro do Norte e toda região do Cariri tornou-se um dos maiores centros de peregrinação católica do Brasil, especialmente da região Nordeste. O catolicismo praticado pelo Pe. Cícero fora o tipo de catolicismo popular⁴ que se difere de um catolicismo romanizado ou oficial em suas práticas e crenças.

Segundo o professor Francisco Régis Lopes Ramos, a romanização pode ser assim definida:

Em linhas gerais, os historiadores usam o termo 'romanização' para caracterizar as diretrizes adotadas pelos dirigentes da Igreja Católica na segunda metade do século XIX. Sobretudo depois do Concílio Vaticano I (1869-1870), as políticas da Santa Sé desenvolveram várias ações no sentido de fortalecer a hierarquia no funcionamento da estrutura clerical. [...] Neste projeto, há uma profunda valorização da obediência. Os 'leigos' têm a obrigação de buscar parâmetros na voz dos padres e de todos os membros da ordem eclesiástica. Os padres devem obediência aos bispos e outros superiores, assim como os bispos são subordinados a membros do corpo clerical que ocupam cargos de maior poder. [...] Com a 'romanização', a Igreja torna-se mais repressiva. Procura desenvolver, com mais profundidade, uma pedagogia do medo. (RAMOS, 2004, p. 350).

O mesmo professor nos indica quais alguns traços do catolicismo popular implantado em Juazeiro do Norte pelo Padre Cícero:

Os fiéis estavam preocupados com a resolução de problemas do cotidiano. [...] Pensava-se que o Padre Cícero poderia realizar curas e aliviar os sofrimentos do viver. A religiosidade se fazia como tática de sobrevivência. [...] Para a Igreja, os devotos de Juazeiro eram 'fanáticos ignorantes', que desobedeciam às ordens do bispo e inventavam crenças sem fundamentação na doutrina católica. [...] Os devotos que, todos os dias, ocupam as ruas de Juazeiro acabam escolhendo outros lugares para as práticas de devoção: a casa do Padre Cícero, a Matriz de Nossa Senhora das Dores e as paredes da Igreja do Horto, isto é, o templo que ficara inconcluso em face das proibições de dom Joaquim. (RAMOS, 2004, p. 351-52).

A reafirmação das práticas do catolicismo popular foi uma das grandes marcas deixadas pelo Padre Cícero, que mesmo antes de morrer tinha seguidores

⁴ Há algumas diferenças entre o catolicismo popular e o catolicismo romanizado principalmente nas práticas e crenças religiosas. Algumas práticas do catolicismo popular como o flagelo do corpo não fazem parte das práticas do catolicismo romanizado.

fiéis aos seus ensinamentos e práticas religiosas, e o tinham como um homem santo e venerável.



Figura 2: Igreja do Socorro em Juazeiro do Norte, onde está sepultado o corpo de Pe. Cícero, local de peregrinação de romeiros de todo Brasil. Foto da década de 1950.

Fonte: Acervo do autor

Diante deste quadro religioso da região Carriense, pode-se pensar que a inserção de uma religião diferente despertaria uma reação contrária por parte da população que era extremamente católica e devota do santo Padre Cícero. A resistência à nova religião na cidade de Juazeiro do Norte e região não foi um fator exclusivo do povo “comum”, mas tomaram parte também da resistência autoridades políticas e os intelectuais que formavam a elite da região, e que dispunham de poder sobre a população local.

Diante deste resumo da história local, lancei mão de alguns marcos teóricos para auxílio à leitura⁵ das fontes e problematizá-las. Primeiramente, colocou-se em suspeição algumas questões interessantes a serem respondidas: quem eram as pessoas que resistiam aos protestantes diante das ações e influência da Igreja

⁵ Nesta dissertação, estamos pensando a leitura como formação, e isto implica, conforme Larrosa (2002, p.133) analisá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: “não só com o que o leitor sabe, mas, também, com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma [...], como algo que nos constitui”.

Católica Romana? De onde vinham os discursos de resistência? Onde estes discursos circulavam? O que faziam os protestantes para serem aceitos pela população cariense? Quais as estratégias e táticas usadas por católicos e protestantes nas suas relações de forças? Estudar a história regional é mais uma peça de quebra-cabeça universal dos estudos histórico-culturais. Busquei assim, analisar, através de uma abordagem regional as formas de ler e os modos de prescrever os conflitos e poder entre dois grupos religiosos na região do Cariri, especificamente nas três cidades principais da região, partindo do pressuposto que estes conflitos ocorriam dentro de um determinado sistema de relações. José D'Assunção Barros em "O Campo da História" traz um artigo sobre a abordagem regional e enfatiza:

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. Mas, de qualquer modo, o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior. (BARROS, 2004, p. 152-3)

Percebe-se diante dos primeiros acontecimentos entre católicos e protestantes um pouco de como ocorreu naqueles dias às relações entre ambos. É notável também, o lugar da fala que começa pelo clérigo da cidade (Pe. Orlando) se impondo sobre o missionário e levando aqueles que estavam ao seu lado a aderirem ao seu discurso. Essas relações aqui descritas nos remetem a exatamente o que Michel de Certeau propõe sobre estratégias e táticas:

Chamo de 'estratégia' o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer é isolável de um 'ambiente'. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de sua relações com uma exterioridade distinta. [...] Denomino, ao contrário, 'tática' um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo, sem retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos,

preparar suas expansões e assegurar uma independência em fase das suas circunstâncias. [...] a tática depende do tempo, vigiando para 'captar o vôo' possibilitando o ganho [...]. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em 'ocasiões'. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. [...] as táticas apresentam continuidades e permanências. (CERTEAU, 1994, p. 46-7).

Para Certeau, Estratégia e Tática sempre nos remetem a um lugar próprio. Este lugar é organizado a partir de uma cadeia de procedimentos dados pela Estratégia. O cálculo e as manipulações das relações de poder são alvo dos procedimentos estratégicos. A Tática, por sua vez se utiliza das referências do lugar próprio. Os procedimentos táticos funcionam no espaço do outro tirando proveito do lugar organizado. (JOSGRILBERG, 2005). A primeira impressão que muitos têm sobre esse jogo de Estratégia e Tática é que, os procedimentos de estratégias pertencem sempre a quem está no poder, ou quem tem o poder e, conseqüentemente os procedimentos táticos pertencem a quem está lutando para reorganizar os lugares, ou a procura de novos lugares. No caso desta pesquisa tentarei mostrar que os dois lados, tanto católicos, aparentemente no poder, ou que manipulam as relações de poder, e protestantes, aqueles que aparentemente não estão no poder, se utilizam de Estratégia e Tática.

De acordo com as fontes, a história dos primeiros protestantes na região do Cariri cearense está profundamente marcada pelas agitações e levantes populares, muito embora a Constituição Federal assegurasse a liberdade de culto, o que na prática isto não acontecia nesta região.

O momento de conflito entre católicos e evangélicos nos faz perceber uma determinada realidade social na comunidade caririense. Para Roger Chartier "a história cultural [...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída pensada, dada a ler", (CHARTIER, 1988, p. 16-7).

São momentos conflituosos iguais a esses que nos remetem ao estudo das representações sociais com base na teoria de Chartier;

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão são sempre determinadas pelos interesses de grupo dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] Por isso esta investigação sobre as

representações supõe-nas com estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe ou tentar impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas – , muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1988. p. 17)

Os discursos, as pessoas investidas de autoridade, aqueles a quem o discurso atingia formam uma teia que montam uma realidade social: religiosa, política, social e cultural.

As relações de forças entre católicos e evangélicos no Cariri nesta pesquisa vão passar pelo crivo da nova história cultural que nos fornece segundo Peter Burke uma perspectiva “de novos problemas ou até então não ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhes são próprios.” (BURKE, 2005. p. 70).

Os capítulos seguintes desta dissertação propõe uma discussão da campanha antiprotestante instalada no Cariri cearense nos anos de 1936 até a o começo da década e 1960, quando os discursos e ações tornaram mais intensos e os confrontos foram inevitáveis.

O capítulo dois, intitulado **Paisagens Político-Religiosas no Brasil**, serve de panorama histórico sobre as discussões religiosas no Brasil. As discussões começam na primeira Assembleia Constituinte do Brasil em 1823 quando os deputados e senadores se propuseram a discutir a situação das outras religiões no Brasil. A segunda parte deste capítulo contempla a chegada das missões protestantes no Brasil, foi o momento da expansão do protestantismo no Brasil. O capítulo se encerra mostrando a paisagem religiosa na região do Cariri cearense, com destaque para a campanha antiprotestante encabeçada pelo clero que ganha visibilidade nas escrituras do jornal A Ação. Este periódico tinha o intuito de defender a ortodoxia católica das suas doutrinas em detrimento da doutrina protestante, neste jogo foram usados os principais intelectuais da cidade do Crato e de outros lugares do Brasil.

O capítulo três, **Identidades Contrastantes: o eu e o outro na formação do Cariri religioso**, continua abordando os combates discursivos entre protestantes e católicos, com destaque, ainda, para a campanha católica contra o protestantismo. O jornal *A Ação* também tem papel preponderante neste momento, pois vai formar a identidade do protestantismo a partir das suas doutrinas. No primeiro momento deste capítulo narramos a empreitada de Edward McLain, primeiro missionário batista em terras caririenses. O percurso feito da sua saída dos Estados Unidos e sua chegada ao Brasil, passando pelo Rio de Janeiro até sua estada em Juazeiro do Norte. No segundo momento, destacamos a presença materializada da "heresia protestante" no Cariri com os Batistas Regulares e, por fim, enfatizamos a formação da identidade protestante no Cariri elaborada e tecida pela Igreja Católica.

O capítulo quatro tem como título: **Quem são eles? Quem eles pensam que são? A presença protestante no cariri cearense**. Esse capítulo narra os confrontos mais acirrados no Cariri, principalmente nas cidades de Juazeiro do Norte e Barbalha. Os discursos por parte da Igreja Católica circulavam com muita intensidade convencendo as pessoas a se colocarem a favor da campanha antiprotestante. Os discursos geraram ações violentas por parte do povo católico. As agressões verbais e físicas eram constantes nos cultos ao ar-livre. Em meio a tanta perseguição os Batistas Regulares agiam taticamente para se manterem na cidade. O fator amizade é bastante realçado nas vozes dos entrevistados, foi a melhor tática usada para desestabilizar o lugar católico caririense.

Esses capítulos narram uma pequena parte da história desses conflitos, mostrando as identidades e representações dos grupos religiosos envolvidos. Novos espaços surgiram e novas relações surgiram durante este período. Faremos uma visita a estes lugares a partir desse momento.

II CAPÍTULO

PAISAGENS POLÍTICO-RELIGIOSAS NO BRASIL

2.1– Discursos Políticos Sobre Religião no Brasil

Esta é uma pesquisa que nasceu a partir de muitas escolhas, desde as opções pessoais às necessidades de novas leituras e escrituras sobre o protestantismo no Brasil, particularmente no Sul do Ceará. Dessa forma, mediante a configuração das novas concepções historiográficas, da variedade de temas, objetos e fontes de pesquisas, os conflitos entre católicos e protestantes no Brasil passaram a fazer parte da historiografia brasileira. Os estudos acadêmicos sobre o protestantismo no Brasil surgiram na década de 1970, ainda no período da ditadura militar e do surgimento da teologia da libertação. Basicamente durante esse período esses estudos foram feitos por sociólogos, “A Sociologia da Religião iniciou, nos anos 70, a análise mais acadêmica protestante no Brasil e [...] a obra de Candido Procópio representou o momento (re)fundador da pesquisa sobre religião” (SANTOS, 2004, p. 234).

Até o fim da década de 1980, a academia restringia a análise da religião somente ao campo sociológico. Segundo Michel de Certeau (2000, p. 35), a História marginalizava o saber religioso, considerando-a uma “mística sempre ameaçada” ou um “folclore”. O religioso era posto como marginal e atemporal, “uma natureza profunda, estranha à história”, rejeitada pela intelectualidade. Diz Certeau:

A ciência constituía um campo de puros “fenômenos” religiosos, cujo sentido se retirava para uma outra ordem, oculta. Ela os situava ao lado da etnologia, e ligava um exotismo do interior a um essencial perdido, no território do imaginário ou do simbólico social. Ela podia, assim, buscar na religião a metáfora de um fundo a-histórico da história (2000, p.36)

No começo da década de 1990, no entanto, houve uma reconfiguração tanto do saber e das pesquisas historiográficas quanto do contexto religioso brasileiro, como aponta Freston (1992, p.158), notando-se que o catolicismo começou a perder muitos dos seus fiéis para o protestantismo pentecostal, uma maior visibilidade dos protestantes, e os novos pilares metodológicos mudaram e reconfiguraram os novos

estudos sobre o catolicismo e protestantismo no Brasil. A geografia dos "grupos ocultos" começou a ser alterada. Como menciona Certeau, uma reflexão mais epistemológica permitiu desconstruir os preconceitos que limitaram a historiografia da religião.

Esses novos estudos historiográficos apontam para várias direções, como a chegada dos protestantes no Brasil, seus confrontos e sua inserção cada vez maior nos espaços⁶, principalmente nas cidades. O processo da chegada e da instalação dos protestantes em terras tupiniquins passou por tramites legais, foi assunto importante nos tratados feitos entre Portugal e Inglaterra e da primeira Assembleia Constituinte quando foram instituídas as leis para entrada dos protestantes no Brasil.

A possibilidade da entrada de protestantes no Brasil no primeiro período monárquico por via legal era impossível; e a entrada por outros meios era praticamente inexistente, pois o desembarque de estrangeiros no Brasil dependia de autorização de Sua Majestade, ou sob vigilância dos guardas. (RIBEIRO, 1973, p. 16). Tanto franceses, como holandeses que desembarcaram no Brasil não obtiveram sucesso em suas empreitadas religiosas. O último Huguenote francês foi enforcado em 1567 no Rio de Janeiro e os trabalhos religiosos dos holandeses, especialmente no Nordeste, foram totalmente esquecidos em virtude da ação jesuítica. Southey comenta sobre a estada holandesa no Brasil:

Vinte e cinco anos tinham estado no país os holandeses e contudo pouca mistura houvera entre as duas nações; era a diferença de religião o obstáculo por demais forte, sendo sinceras ambas as parcialidades. [...] ainda que pessoalmente se não conformassem com a superstição dominante, caíam nela necessariamente os filhos; de modo que com a primeira geração desapareceu todo o vestígio da religião, língua e costumes dos holandeses. A luta ambiciosa que por tanto tempo sustentaram os holandeses com tão grande dispêndio de sangue e cabedal, nenhum benefício póstumo produziu além do de povoar, como advertência a qualquer outra potência, quão impossível é a conquista permanente do Brasil. (SOUTHEY, 1981, v.2, p. 376).

⁶Neste texto, o espaço é entendido como "o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar [...]. O espaço é um lugar praticado". (CERTEAU, 1994, p. 202)

O início do processo de tolerância religiosa no Brasil só se deu em virtude da chegada da Família Real a partir de 1808. Com este episódio, novos olhares e novas possibilidades de convivência começaram a emergir. Para Dom João VI, era interessante construir novos territórios para o outro, principalmente para a Inglaterra protestante, coadjuvante na fuga da Realeza para a Colônia. Se relacionar com os Puritanos era, assim, de fundamental importância para os acordos políticos e negociações econômicas. Os tratados assinados por D. João VI com a Inglaterra, a partir de 1810, modificaram além da economia, a vida religiosa da colônia portuguesa. Novos cenários se desenhavam na Colônia Portuguesa: a liberdade de culto, a constituição de congregações, a construção de capelas mesmo com algumas restrições, mudou o cotidiano da sociedade brasileira e a relação das práticas do espaço com a ordem construída:

[...] o seu primeiro ato público na América foi a Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, datada logo na Bahia, abrindo os nossos portos a todas as nações amigas. Constatou-se que foi isto devido ao conselho da Inglaterra que assim, sendo a única nação importante *amiga* de Portugal (todas as outras eram aliadas ou vassalãs de Napoleão), assim astutamente, dividida com Portugal o comércio do Brasil. Seja como for: mas foi dado o passo inicial para o grande comércio internacional, para a imigração de estrangeiro e, - digamo-lo também - para a liberdade de cultos. (RODRIGUES, 1904, p. 95-6)

A pregação protestante começou a circular na sociedade brasileira, pois o Tratado da Aliança e da Amizade garantia o privilégio de liberdade de culto: "era a primeira vez que Portugal dava a uma potência estrangeira o direito de construir um templo Cristão com o culto da Reforma". (RODRIGUES, 1904, p. 105). O Tratado da Aliança e da Amizade se apresentou, pelo menos politicamente, como um decreto que rasgou a ordem até então predominante, que furou o cerco católico, que cavou outras bases religiosas. Assim, o Tratado produziu novos textos, possibilitou a passagem para outras paisagens religiosas, para outras enunciações cristãs, organizando, assim, novas caminhadas cristãs pelo continente americano.

Em 03 de junho de 1822, foi convocada a primeira constituinte brasileira por José Bonifácio de Andrada e Silva, mas somente no dia 19 de junho do mesmo ano

foram dadas as instruções para a convocação por Decreto Real que convocava a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa para o Reino do Brasil. E logo em sua inauguração ficou, evidente a importância da Igreja Católica Romana no Império demarcando os seus espaços de atuação, conforme afirma o Padre Júlio Maria:

Depois de um tão vasto período histórico em que o Brasil sente desde o seu berço, no ensino do jesuíta, até ao ocaso do colonato na administração de D. João VI, a poderosa influência do catolicismo: depois desse grande percurso de mais de três séculos, era impossível que um império se fundasse no Brasil sem recorrer ao elemento religioso, e sem pedir à Igreja o prestígio necessário para substituir, se não na realidade, ao menor aparentemente de acordo com as idéias e os sentimentos religiosos da nação. (MARIA, 1950, p. 134)

Mas, a paisagem não era tão fácil de ser transposta. Foram necessárias muitas negociações, conflitos, enunciações. Mesmo com os tratados entre Brasil e Inglaterra, a Assembleia Constituinte de 1823 restringia as ações protestantes principalmente em relação à pregação e a conversão das pessoas à nova religião. É o que reza o artigo 12:

Porém, se se provar que eles pregam ou declaram publicamente contra a Religião Católica, ou que eles procuram fazer Prosélitos, ou Conversões, as Pessoas que assim delinqüirem poderão, manifestando-se o deu Delito, ser mandados sair do País em que a Ofensa tiver sido cometida. (CALMON, 1973. 3v).

A Igreja Católica Romana no Brasil sentia-se ameaçada pelos novos habitantes que professavam outra fé, e em virtude dessa ameaça os discursos começaram a surgir em prol de uma oficialidade de uma religião estatal. Os discursos são, portanto, relatos que transformam lugares em espaços praticados, em locais de atuação, de demarcação territorial, um *corpus* de atuação (CERTEAU, 1994, p. 203).

Cada defesa configura-se em uma feitura de espaço, em uma "operação de demarcação" que tem como objetivo fundar e articular espaços. Católicos e protestantes possuem as suas defesas e os seus acusadores. Porém, ambos disputam os olhares e os votos dos deputados. Uma das propostas da Assembleia Constituinte era a liberdade dos povos como constata o próprio discurso de abertura do Imperador D. Pedro I:

Dignos representantes da Nação Brasileira. É hoje o dia maior que o Brasil tem tido, dia em que ele pela primeira vez começa a mostrar ao mundo que é Império, e Império livre. [...] que esta Constituição tenha bases sólidas, bases, que a sabedoria dos séculos têm mostrado, que são as verdadeiras para darem uma justa liberdade aos Povos, e toda a força necessária ao Poder Executivo [...]. (CALMON, 1973, p. 15, 18).

Alguns deputados seguiram a mesma linha de raciocínio do Imperador, mas colocando-se em defesa da liberdade religiosa, como no caso do deputado pernambucano Monsenhor Francisco Moniz Tavares:

[...] Eu reputo, e reputarei sempre a Liberdade Religiosa um dos Direitos mais sagrados que pode ter o homem na Sociedade. Reputo o direito sagrado, porque estou certíssimo, que a consciência é um santuário onde poder-nenhum humano tem direito de penetrar. [...] Se a Religião, Sr. Presidente, tivesse sido sempre perfeitamente livre ela não teria sido jamais se não um objeto de amor, e de respeito, porque eu a considero em sua essência como companheira fiel, e engenhosa, e intangível amiga do desgraçado; mas não tem sucedido assim; déspotas estúpidos, e mal intencionados têm querido por meios ainda os mais bárbaros fazer passar a sua crença, sem se lembrar, que a intolerância colocando a força ao lado da fé, colocou igualmente a coragem ao lado da dúvida [...] (CALMON, 1973, p. 190,91).

Várias foram as defesas feitas em favor da liberdade religiosa, como também, houve uma forte oposição da junção entre Igreja e Estado. O deputado Nicolau Pereira de Campos Vergueira fora uma voz que defendia a separação entre Igreja e Estado:

Nos primeiros felizes tempos da Igreja dos Católicos não eram intolerantes; mas se os mesmos Ministros do Culto eram tolerantes, como não haviam de sê-lo os membros da Igreja, que não eram Ministros do Culto. A intolerância pois não vem dos princípios da Religião; vem da mistura, que se tem dos poderes do Chefe da Igreja com os do Trono; logo que se uniram estes poderes e se lançaram no mesmo livro de registro, as Leis Eclesiásticas, e as Cívicas, confundiram-se por esta mistura os limites dos dois poderes; e nós, que conhecemos os limites dos nossos não passemos além deles. (CALMON, 1973, p. 199).

Para o deputado Nicolau Pereira de Campos Vergueira, a felicidade do Reino dependia da separação entre Igreja e Estado, pois as leis de ambas as partes não deveriam se misturar, se caso isso acontecesse o resultado seria terrível, a intolerância era o fim da junção dessas duas leis. Tanto o Estado quanto a Igreja deveriam reconhecer os limites de seus poderes dentro da sociedade, cada poder cuidando dos seus assuntos. No discurso de Nicolau Vergueira é perceptível o que Certeau chama de "operação de demarcação": de um lado o Estado, do outro a Igreja; de um lado o rei, do outro a fé; de um lado o caminho da Assembleia, do outro o caminho do céu; de um lado a política, do outro o catecismo; de um lado a tribuna, do outro o altar. São contratos narrativos, ações organizadoras de áreas (política ou religiosa), fragmentos de espacialidades que se fazem presentes na voz do deputado: "A intolerância, pois, não vem dos princípios da Religião; vem da mistura, que se tem dos poderes do Chefe da Igreja com os do Trono" (CALMON, 1973, p. 199). É o perigo da mistura que, na voz de Vergueira, torna o Brasil um palco de possíveis conflitos. Essas disputas espaciais oferecem, portanto, um campo muito rico à análise da (falta de) liberdade religiosa no Brasil do século XIX.

Contudo, um dos assuntos que mais paralisavam a pauta sobre os artigos 7º, 9º, 12 e 14 foi a definição do que era Liberdade Religiosa. Era um "verdadeiro" teatro de ações. Depois de muitos embates e performances, algumas emendas foram aprovadas. No entanto, dois artigos que rezavam sobre a tolerância religiosa assim diziam:

Art. 14. Cada Membro das Comunhões Cristãs pode professar a sua Religião no recinto destinado a esse fim. Todos os que professam estas comunhões podem gozar dos direitos políticos. [Na Sessão seguinte, o autor da emenda enviou à Mesa uma subemenda a este artigo, que ficou

assim: 'Cada Membro das Comunhões Cristãs pode professar sua Religião; mas o culto público só lhe pertencerá uma vez que a legislatura lho conceda, atenta as circunstâncias do tempo, lugar e estado de luzes da Nação; todos porém seguirem estas comunhões podem gozar dos direitos políticos, foi apoiada]. [...]

Art. 15. As outras Religiões além da Cristã, são apenas toleradas e só lhes compete o culto doméstico; e sua profissão inibe o exercício dos direitos políticos.

Art. 16. A Religião Católica Apostólica Romana é a Religião do Estado por excelência, e a única mantida por ele; e só a ela compete o culto externo fora das Igrejas. (CALMON, 1973, p. 330, 342).

"Mas o culto público só lhe pertencerá uma vez que a legislatura lho conceda, atenta as circunstâncias do tempo, lugar e estado de luzes da Nação". A partir desse fragmento do Artigo 14, percebe-se que a "Liberdade Religiosa" foi restringida a começar pelos cultos que deveriam ser domésticos e os outros credos cristãos não poderiam falar sobre sua religião com outras pessoas. A Igreja Católica Romana era, assim, consagrada pelo Estado à única religião que se beneficiava do Estado em suas práticas e em sua manutenção. Conforme Certeau (1994, p. 209), ao considerar o papel do relato discursivo na delimitação espacial, pode-se reconhecer, logo de início, a função do Estado em *autorizar* o estabelecimento oficial do catolicismo, bem como a oposição de dois movimentos que se cruzam (católico e protestante). O Artigo 14 concedia o poder da legitimidade a uma das esferas religiosas, ao passo que estabelecia fronteiras de atuação às demais. O culto público, ou a palavra autorizada, pertencia à Igreja Católica Romana. O anonimato, ou mapa silenciado, era o território do outro, do corpo anônimo. Para o catolicismo, o corpo protestante podia ser perigoso à religião, trazendo as marcas do sectarismo, da divisão, da querela religiosa. Esse corpo protestante pode trazer comportamentos de risco, fatais à fé católica.

Uma batalha discursiva continuou sendo travada. O protestante, visto como o "estrangeiro", o outro do catolicismo, era constantemente narrado pelos deputados. Segundo o Diário da Constituinte, ainda houve argumentos em prol de uma maior liberdade religiosa com fins pragmáticos e interesseiros, pois a abertura para novas religiões traria para o Brasil mais pessoas para o território, em outras palavras, traria mão-de-obra. Foi esse o argumento discursivo que usou o deputado baiano Antônio Ferreira França:

[...] quanto mais tolerância há dos cultos, e mais fruições para todos os que professam, maior tranquilidade e sossego há e menos querelas Religiosas. Além disto, Sr. Presidente, é este o meio de convidar Estrangeiros para aumentar a nossa povoação, que tão minguada está, e tão desproporcionada à grande extensão do território que possuímos. Ninguém se extirparia sem a certeza que já de encontrar garantias dos seus direitos individuais, e de propriedade, e a tolerância de seu culto no país, que via adotar como Pátria. (CALMON, 1973, p. 334).

O movimento iluminista, o liberalismo político e as ideias democráticas americanas e francesas do século XVIII começavam a influenciar os intelectuais no Brasil, especialmente alguns políticos e religiosos da época. Essas influências foram fortes fatores para a abertura do protestantismo no Brasil.

Mesmo com alguns deputados argumentando em seus discursos sobre a plena liberdade religiosa, a Assembleia Constituinte de 1824 aprovou os artigos ratificando uma liberdade cerceada para outras religiões cristãs e a oficialidade da religião Católica Apostólica Romana no Brasil. No entanto, os protestantes lançaram mão de táticas para divulgarem a fé. Mesmo proibidos de pregarem em público, a atividade missionária se fazia mediante a colportagem, ou seja, o serviço de distribuição de bíblias e de literaturas, principalmente aos imigrantes anglófonos. A colportagem pode ser compreendida como uma operação tática que organiza um espaço de evangelização a partir de um não-lugar, denominado por Certeau como "lugar-praticado" (1994, p. 202). Pregações rápidas feitas nas portas das casas, junto à venda e distribuição de bíblias contribuem para a elaboração de novas paisagens missionárias no Brasil. Na porta das casas ou mesmo nas ruas, os colportores esboçam texturas místicas, experiências miraculosas, vozes carregadas de sensibilidades, pregações sobre os milagres de Jesus (SIEPIERSKI, 2001, p.25). Neste palco, as palavras de testemunhos também compõem uma geografia identitária, formam tradições que cristalizam determinadas imagens representativas da primeira leva de missionários protestantes no Brasil.

Para Certeau, essa operação de criar novos hábitos para os crentes pode ser entendido como o corolário de uma outra operação, qual seja, "fazer os corpos dizerem o código", falarem a linguagem dos missionários, expressarem as normas,

soletrarem uma ordem, reproduzirem os emblemas de uma lei identificadora que "avança" sobre o corpo "para assim fazer crer e praticar". Para Certeau, a lei...

[...] se inscreve, portanto graças ao que dela já se acha inscrito: são as testemunhas, os mártires ou exemplos que a tornam digna de crédito para outros. Assim se impõe ao súdito da lei: "os antigos a praticaram", ou "outros assim acreditaram e fizeram", ou ainda: "Tu mesmo, tu levas já no teu corpo a minha assinatura", (1994, p.240-41).

2.2- Novas Paisagens Religiosas: o Brasil dos protestantes

Quando os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil no início século XIX, o Catolicismo já celebrava mais de 300 anos em terras brasileiras. O mapa religioso demarcava cada atuação, porém, "onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia" (CERTEAU, 1994, p. 215). Nessa travessia de relatos, as primeiras missões protestantes modernas⁷ desembarcam no Brasil durante o reinado de D. Pedro II (1831-1889), cenário marcado por uma economia de exportação, e por um sistema político organizado nos moldes da monarquia francesa. O Brasil desse contexto também é caracterizado pela carência do iluminismo e do protestantismo, vivendo ainda sob a herança ibérica, profundamente católica, oligárquica, e patrimonial. Portanto, os missionários protestantes representam uma força cultural invasora não só na América Latina, como também no Brasil. É o estranho que chega, que observa a terra do outro (o católico), que deseja conquistar o território mais desejado: a alma do brasileiro. Esta alma é aqui representada como um lugar a ser alterado, marcado, codificado, (re) feito pelo discurso protestante. A proposta da mensagem protestante é convencer o sujeito a

⁷ As primeiras missões protestantes modernas foram formadas por congregacionais, presbiterianos, batistas, metodistas e episcopais. Só no alvorecer do século XXI que aportam as missões pentecostais, como a Assembleia de Deus.

entregar-se, ou melhor, entregar seu corpo e sua alma a um processo que implica renúncia da religião anterior, a fim de que seja construído nele contornos demarcadores que representam a nova religião. O protestantismo de missão representa, assim, uma nova proposta de evangelização brasileira:

[...] o "protestantismo de missão" ou "protestantismo de conversão" ocorre na tentativa de expansão do proselitismo protestante no Brasil. A primeira igreja protestante deste protestantismo de missão foi a Igreja Metodista americana que, em 1836, envia seu missionário ao Rio de Janeiro, onde este organiza reuniões nas casas. Em 1855, o médico escocês Robert R. Kalley chega ao Brasil, desenvolvendo atividades proselitistas em língua portuguesa, contando com a ajuda de alguns dos madeirenses convertidos durante seu trabalho na Ilha da Madeira. Em 1858, Kalley funda a primeira igreja evangélica de língua portuguesa em solo pátrio, na cidade do Rio de Janeiro. A Igreja ficou conhecida como Igreja Evangélica e seus membros conhecidos como evangélicos, termo este que perdura até os dias de hoje. (BITUN, 2007, p. 18)⁸.

É importante destacar que, nessa história de novas configurações espaciais religiosas, católicos e protestantes formam uma rede escriturística, compõem e escrevem histórias múltiplas, formadas em fragmentos de trajetórias, em idas e vindas, em ataques e contra-ataques. São mãos e pés religiosos que escrevem outras espacialidades (mística, poética, teleológica), que ligam gestos e passos, abrem rumos e direções em busca de novos fiéis. São práticas e discursos que descrevem vidas, inventam um cotidiano, (re)modelam corpos, criam memórias, fabricam tradições e, também, fazem histórias.

Os missionários se tornam agentes culturais trazidos pela expansão comercial, desestabilizando os modelos de evangelismo locais. A presença protestante no Brasil representa o questionamento do *statusquo* da religião Católica Romana e a possibilidade de uma nova forma de prática religiosa, um novo

⁸Outra igreja a enviar missionários foi a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. A chegada de seu primeiro missionário foi em 1859, havendo a fundação da igreja presbiteriana em 1862, também na cidade do Rio de Janeiro e, em São Paulo, a segunda igreja presbiteriana em 1865. Os Batistas, outra denominação, fundaram igreja no Brasil em 1881, em Salvador, com a chegada de seu primeiro missionário. As últimas denominações deste período do protestantismo a enviar seus representantes foi a Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, organizada no Brasil em 1889, no Rio Grande do Sul e a Igreja Luterana norte-americana, em 1900, que primeiro organizou sua escola teológica em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, para depois, em 1903, fundar sua Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Confira BITUN, 2007.

disciplinamento religioso. Pedagogizados pelas normas protestantes, o corpo do convertido torna-se obediente, crente nesse discurso:

Uma credibilidade do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes. Fazer crer é fazer fazer. Mas por curiosa circularidade a capacidade de fazer se mover – de escrever e maquinar os corpos – é precisamente o que faz crer. Como a lei é já aplicada com e sobre os corpos, “encarnados” em práticas físicas, ela pode com isso ganhar credibilidade e fazer crer que está falando em nome do “real”. (CERTEAU, 1994, p.241).

O resultado da presença protestante foi intenso, e conseqüentemente fortes conflitos surgiram com o sistema religioso vigente no Brasil.

Os protestantes encontram o país desfrutando de um contexto social aberto às inovações da época, em certas áreas até progressista, e por que não dizer, liberal. “Revistas e jornais, associações culturais e artísticas, hospedarias, teatros, cafés e lojas se multiplicariam ao fim do século dando um ar cosmopolita a todos os grandes centros urbanos”. (COSTA, 1989, p. 166)

É sabido que, durante todo o século XIX, o protestantismo de missão desenvolveu-se no Brasil, tanto mediante os processos de imigração, quanto mediante o proselitismo, constituindo-se no que se chama de protestantismo histórico. Após a Proclamação da República e a Nova Constituição (1891), a liberdade religiosa foi garantida, a separação de Igreja e Estado foi consolidada, inaugurando, assim, o pluralismo religioso no Brasil e a emergência de novas configurações espaciais religiosas. Conforme Bitun (2007), essas novas paisagens contribuem, ainda que não de uma forma absoluta, para o declínio do monopólio religioso católico, que se vê agora envolvido na incômoda tarefa de disputar o campo religioso brasileiro até então monopolizado.

Nas pregações, nos hinos, nos estatutos e regimento das igrejas protestantes que chegavam ao Brasil, é perceptível um conjunto de categorias que lhes ajudam a criar suas identidades, tais como cura pela fé, libertação dos pecados, salvação eterna, felicidade no presente e no porvir, justiça, dentre outros. Em torno dessas

categorias foram elaborados símbolos que, em determinados casos, alcançaram *status* de tradição, como assevera Hobsbawm, tentando assegurar identidades ou coesão entre os adeptos da nova religião. Dessa forma, devemos analisar esse momento histórico como portador de discursos que produzem conceitos e sentidos, em que há disputas, relações de poder, que interferem nas posições em que os membros e congregados ocupam socialmente. Como argumenta Hall (1997), são discursos que inventariam a identidade do "outro" mediante as representações, produzindo e fazendo circular referências que governam e controlam as identidades.

A década de 1920 testemunhou o começo da restauração católica e a década seguinte assinalou o seu fortalecimento. Isto aconteceu em virtude do estreitamento dos laços de cooperação entre a Igreja e o Estado. O maior representante católico desse relacionamento foi D. Sebastião Leme, que fora nomeado cardeal em junho de 1930. Do lado do governo o nome era do então empossado Getúlio Vargas, que assumiu o governo da nação após o golpe que ocorreu em outubro de 1930. Riolando Azzi afirma que, foi a partir desse momento onde ficou notório que o movimento "revolucionário" de 1930 não tinha uma inspiração comunista, "afigurou-se aos líderes do episcopado que era chegado o momento de lutar para que a nova ordem a ser implantada pela Segunda República fosse de caráter nitidamente cristão". (AZZI, 1978, p. 48). Era o recomeço de uma nova era de influência da Igreja Católica Romana sobre o Estado.

Nesta época, o pesquisador alemão chamado Emílio Willems constatou em suas pesquisas sobre os protestantes no Brasil que "o protestante se via acusado de praticar uma fé contrária ao estilo de vida e às tradições do Brasil, e até pior, eram taxados de mercenários, vendidos a uma ideologia política estrangeira. Eles viviam tendo que provar que eram bons cidadãos". (WILLEMS, 1967, p. 61)⁹.

Para dificultar ainda mais a ação dos protestantes no Brasil, a Constituição de 1934 cedeu às pressões da Igreja Católica Romana, mesmo sem oficializá-la como religião oficial, estava incluso alguns artigos tais como: o ensino religioso nas escolas públicas, capelanias católicas nas forças armadas brasileiras, sindicatos

⁹The Protestant had thus to face the frequently repeated charge that their way of life was incompatible with Brazilian traditions, and still worse, that they were mercenaries or dupes of a foreign political ideology. It was left to them to dispel these suspicions and to prove themselves good citizens. (Tradução Nossa).

católicos, e em meio a tudo isto foram realizadas grandes campanhas contra as missões estrangeiras de cunho protestante,

Este foi o panorama geral que procuramos apresentar neste primeiro momento. Não desejamos fazer uma história das origens, porém, achamos importante mencionar alguns dos percursos protestantes em solo brasileiro, com a finalidade de situar historicamente a pesquisa. Na realidade, o nosso objeto de pesquisa, conforme mencionado na introdução deste trabalho, é a presença protestante no Cariri Cearense, principalmente a presença Batista, uma denominação fundada no dia 10 de setembro de 1871, em solo brasileiro, na cidade de Santa Bárbara, no estado de São Paulo, tendo como seu pastor o Reverendo Richard Ratcliff (OLIVEIRA, 2005). Esta igreja foi fundada para servir os colonos de língua inglesa. Só em 1882 foi fundada em Salvador uma igreja Batista Brasileira. (LIMA, 1997).

2.3 – O Cariri cearense e seus lugares de conflitos religiosos

A religião é o grande segredo da harmonia e da união do povo barbalhense. Ali não há discrepantes. Não há protestantes: há, sim, um recado em grandes letreiros às portas da cidade, nestes termos: "Alto lá, senhores protestantes! A Barbalha de Santo Antônio Já está evangelizada!"

(A Ação 4-7-54, p.3 Ano XV N°. 655 Barbalha está sendo Modelo.)

O gosto pela pesquisa histórica e a curiosidade de pesquisar sobre questões religiosas no Cariri cearense¹⁰ serviram de incentivo para o começo deste trabalho.

¹⁰ A região do Cariri cearense está localizada ao sul do estado do Ceará. Composta de 26 municípios divididos em quatro microrregiões: Cariri, Chapada do Araripe, Sertão do Cariri e Serrana de Caririçu. Parte da primeira região é que nos interessa no trabalho, composta pelos municípios Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Jardim. Somente os três primeiros municípios são alvo da nossa análise.

A participação como membro do grupo de estudos em História Social e Cultural (2004-2007) da Universidade Regional do Cariri levou-me a fazer algumas indagações sobre uma questão crucial para envolver-me nesta pesquisa. Uma pergunta inicial foi levantada para começar a nortear o trabalho: como foi pensada a instalação do primeiro grupo evangélico no Cariri cearense, uma região zoneada pelo Catolicismo Romano?



Figura 3 – Matriz de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte. Nesta igreja é celebra a missa da benção dos chapéus, um acessório usado pelos romeiros em Juazeiro.
Fonte: Acervo do Autor.

Não existem respostas para esta pergunta, afinal, não é ofício do historiador cultural compreender os conflitos da história, mas problematizá-los, questioná-los, lançar luz sobre as fontes. Para elaborar esta paisagem de pesquisa, primeiro visitei várias vezes a biblioteca da Universidade Regional do Cariri, na qual não foi encontrado nenhum trabalho especificadamente sobre o assunto. Por que esse silêncio historiográfico sobe essa temática? A religiosidade caririense é um tema

bastante debatido e pesquisado pelos historiadores tanto da região, quanto pesquisadores vindos de outras regiões e até de outros países¹¹.

A maioria dos estudos sobre a religiosidade caririense giram em torno do Pe. Cícero Romão Batista e das festas que envolvem a religiosidade popular. Apesar da dificuldade em não encontrar trabalhos com essa temática dos conflitos religiosos regionais, não desisti de pesquisar, e sempre com a questão principal em mente fui investigar em outros lugares e questionar outras pessoas. Encontrei vários tipos de informações: fontes escritas e orais que testificavam sobre a polêmica e os embates entre Católicos e Protestantes no Cariri. Encontrei essas informações na Cúria Diocesana do Crato no jornal *A Ação Católica*, na casa do senhor Humberto Cabral que guardava uma parte do acervo do mesmo jornal, nas primeiras igrejas Batistas Regulares fundadas nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e no Seminário Batista do Cariri na cidade do Crato.

Além do gosto pela pesquisa histórica e pelo assunto em si, por dezesseis anos participei ativamente do grupo Batista Regular, nesse período ouvi muitas narrativas sobre a polêmica chegada e instalação dos protestantes no Cariri. Formado em teologia pelo Seminário Batista do Cariri (1997) fui seduzido pelas temáticas discutidas na disciplina de história dos Batistas Regulares ministrada pelo professor Jaime Augusto Lima. No meu período de formação teológica foi quando tive um contato maior com as narrativas dos primeiros missionários que chegaram ao Brasil. Alguns desses missionários já haviam falecido quando entrei no grupo Batista Regular, mas outros(as) cheguei a conhecê-los(las) e dedicar boas conversas com o propósito de apreender ainda mais sobre o que tinham passado naqueles primeiros anos. As narrativas individuais dessas pessoas me levaram à análise da função da memória como uma nova prática historiográfica. Essas memórias individuais transmitem as experiências plurais que produzirão uma identidade coletiva. Por diversas vezes compareci a cultos que lembravam a

¹¹ O historiador americano Ralph Della Cava por várias anos esteve na região pesquisando sobre o Pe. Cícero. Uma das obras mais lidas deste historiador é *O Milagre em Joazeiro* que já foram publicadas várias edições. Outra pesquisadora que muito influenciou nos estudos religiosos da região é Maria do Carmo PaganForti pesquisadora paulista que estuda o fenômeno do milagre da hóstia e publicou a obra *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. A obra de Luitgard de Oliveira Cavalcante Barros, *Juazeiro do Pe. Cícero a Terra da Mãe de Deus*, relata sobre a religiosidade popular e vida do Pe. Cícero. Obras importantes, mas escritas por pessoas que não pertencem a região caririense.

chegada dos missionários pioneiros e ouvi muitas narrativas dos primeiros convertidos. Fernando Catroga se refere à recordação da seguinte maneira:

[...] como acreditar que a recordação seja voz verdadeira do pretérito e não perceber que é ela quem dá futuros ao passado, numa actividade de representificação que, no entanto, se não for praticada, será devorada pela corrupção do tempo? A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os traços-vestígios do pretérito são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens relíquias, lugares, escrita, monumentos – e de ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados. (CATROGA, 2001, p. 48).

As conversas com os missionários e com os primeiros convertidos ao protestantismo, os cultos como ritos de recordação e representificação, a memória individual e a memória coletiva, são nestes momentos que os indivíduos, e em muitos casos somente eles, podem dar respostas aos problemas levantados pelo tempo e pela história (LE GOFF, 2003, p. 422).

Embora só os indivíduos possam recordar, os ritos de recordação, e particularmente os comemorativos, têm efeitos holísticos, pois desempenham funções instituintes de sociabilidades [...] que não se esgotam no problema da fidelidade. É que a memória, reavivada pelo rito, também tem um papel pragmático e normativo. Em nome de uma história, ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tenta a traduzir-se numa mensagem. E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memórias coletivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura. (CATROGA, 2001, p. 49-50).

Somente a memória individual já seria o bastante para problematizar os conflitos entre católicos e protestantes na região do Cariri. Mas, percebe-se que, a partir da junção das memórias em momentos dos "ritos de recordação comemorativos", que as pessoas envolvidas nestes conflitos criam e recriam uma

identidade em volta de "um patrimônio comum" e por muitas vezes levavam os ouvintes que não participaram daqueles conflitos a se envolverem numa "cadeia de filiação identitária". São também esses momentos de lembrar os conflitos onde os grupos, e no caso dessa pesquisa, católicos e protestantes se distinguiram entre si em virtude de suas ações e reações uns com os outros.

No decorrer desta pesquisa, o leitor irá perceber algo intenso por parte destes dois grupos, quanto mais eram perseguidos, mais os protestantes se uniam, e, quanto mais eram chamados a expulsar os protestantes da região, mais os católicos se uniam nesta causa. Essas experiências, ao serem narradas nos momentos dos ritos de recordação, criam também um laço entre aqueles participantes dos conflitos e àqueles que não vivenciaram, conservando, assim, "uma unidade doméstica" independentemente do momento que se narram essas vivências.

Por vezes, a memória é marcada por alguma ação vinda das partes envolvidas. "Alto lá senhores protestantes" é parte de uma oração encontrada em letras garrafais nos muros, nas casas e até mesmo num monumento na entrada da cidade de Barbalha pelos missionários batistas regulares.

Esse tipo de ameaça era um aviso dado pelos católicos da cidade aos protestantes para não invadirem o seu território e ao mesmo tempo dava voz à campanha antiprotestante instaurada pelos clérigos católicos da região do Cariri que durou pelo menos três décadas. O catolicismo é percebido como um espaço no qual as lutas relacionadas com a memória, as identidades e as representações estão constantemente sendo travadas. Na imagem abaixo, é possível perceber o estandarte que foi levantado para "acuar" os protestantes, silenciá-los, informá-los que não há lugar no "Reino de Barbalha" para católicos e protestantes, somente para católicos.



Figura 4 – Placa colocada na entrada da cidade de Barbalha pelos católicos no dia 27 de setembro de 1959. Pode-se perceber a frase “Alto lá senhores protestantes, a Barbalha de Santo Antônio já está evangelizada” por baixo do cartaz de Jânio Quadros.

Fonte: Acervo do Autor.

José D’Assunção Barros, na sua obra *Cidade e História* (2007) faz uma leitura da obra de Kevin Lynch (*A Imagem da Cidade*) o qual oferece um modelo metodológico de investigação da cidade. Observando as imagens feitas pelos citados, Lynch percebe há pelos menos cinco elementos nas representações da cidade produzidas nestas imagens (Ver Barros, 2007, p. 94-8). Um desses elementos são os marcos visuais que trazem em si “chaves de identidade”:

Os marcos visuais [...] constituiriam pontos de referência externa ao observador. [...] os marcos visuais são elementos impenetráveis pela trajetória imaginativa, funcionando apenas como pontuadores desta trajetória. Os marcos visuais seria chaves de identidade para a construção mental da forma urbana, permitindo precisamente a leitura e orientação da estrutura espacial. (BARROS, 2007, p. 97).

Ainda de acordo com Certeau (1994, p.241), o discurso normativo só “anda” se já houver se tornado um relato, uma narrativa articulada que fala em seu nome, uma lei historiada e historicizada, textualizada através dos corpos. Assim, a oração em letras garrafais nos principais lugares da cidade de Barbalha (“Alto lá senhores protestantes! A Barbalha de Santo Antônio já está evangelizada”), funciona como um

dispositivo pedagógico que produz sentidos e verdades em torno da evangelização católica do Cariri Cearense. É uma frase-metáfora que fala sobre a construção de um território santo, separado pela fé romana, higienizado pelas bulas papais. Juntamente com o cenário religioso de Juazeiro do Norte, a ação dos defensores do catolicismo de Barbalha se encontra "presa" entre os objetivos que lhe são conferidos e o público ao qual se dirige. São normas que se inscrevem sobre os corpos, gravadas "nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos". Além de um dispositivo pedagógico, a frase de Barbalha pode ser compreendida, também, como uma tecnologia disciplinar destinada a gravar a força da norma e da doutrina católica romana sobre o fiel, tatuá-lo "para fazer dele uma demonstração da regra, produzir uma 'cópia' que torne a regra legível" (CERTEAU, 1994, p.231-32). No Livro de Tombo da Igreja Matriz de Santo Antônio de Barbalha¹² também é possível entender a tecnologia disciplinar que é elaborada para "proteger" o católico das garras dos evangélicos:

Sim, amados filhos é preciso dizer-vos, e vós já o sabeis, que êsses ministros evangélicos, como eles se chamam não são enviados de Deus; faltá-lhes a autoridade para pregar, para guiar o povo, são perigosos inimigos da nossa Fé, da Santa Religião e Santa Madre Igreja. Conseqüentemente, não podeis, por curiosidade tomar parte em seus officios, assistindo ao seu culto, o que envolveria uma adesão implícita à seita heterodoxa. Também não vos é permitido aceitar as bíblias e livros outros de propáganda que êles andam a espalhar por qualquer preço; importa-vos, pois, rejeita-los ou queima-los. (Livro de Tombo de Barbalha, Circular de janeiro de 1959).

Juntamente com esse tipo de discurso, o jornal católico *A Ação* também contribuía para divulgar ameaças contra os protestantes, rotulá-los de inimigos e reafirmar o senhorio do catolicismo. Seus discursos, geradores de práticas, estão diluídos em outras narrativas, como hinos, sermões pregados em missas no Juazeiro, no Crato e em Barbalha, aconselhamentos nos confessionários, dentre outros. São impressos que, como diz Certeau, se imprimem sobre o corpo, marcando-o com o Nome e com a Lei, alterando-o para torná-lo um símbolo do Outro, um dito, um chamado, um nomeado, um escolhido por Deus para a seara

¹² Esta fonte a partir de agora será identificada somente como Livro de Tombo.

católica. Cada impresso repete a experiência "do corpo escrito pela lei do outro". Diz Abílio Lopes no jornal *A Ação*: "O protestantismo rejeita tudo quanto há de consolador, terno e afetuoso na Religião Católica; por isso devemos aborrecer e abominar, tão malvada seita". (LOPES, 02-03-1952 p. 03).

Enquanto documento oficial, o jornal *A Ação* e os demais discursos oficiais, como o Livro de Tombo, podem ser entendidos como estratégias que partem de um lugar de poder, compreendidas como um tipo de saber que transforma os espaços em lugares organizados e legíveis, "em lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem". (CERTEAU, 1994, p.102). São documentos que se preocupam com a construção da singularidade, com a elaboração de preceitos que permitem identificar a cartografia do catolicismo do Cariri e do *modus vivendi* de seus membros. São fontes que "inventariam" as especificidades da Igreja Católica. São representações construídas pelos líderes (padres, bispos, beatos), fundamentais para a elaboração de um perfil identitário. São documentos que trazem à tona as singularidades de um discurso quanto às estratégias de consolidação, bem como os conflitos enfrentados por essa denominação cristã.

A representação de si e dos outros é usada para forjar as suas identidades. Como argumenta Tomaz Tadeu da Silva (1998), mediante a representação são travadas batalhas discursivas de criação e imposição de significados particulares. Tais impressos são tecnologias disciplinares que transformam os corpos individuais em um "corpo católico", objetivando fazer com que esses corpos produzam o texto de uma lei, de usos, de costumes (CERTEAU, 1994, p.232-33). São narrativas que fazem o católico desacreditar do outro, do estrangeiro, do forasteiro.

Calvino, um dos cabeças dos protestantes, para provar sua missão, tinha pago a um homem que se fingisse morto, afim de ressuscitar depois. Porém quando chegou com os amigos, já a justiça divina havia castigado esse seu cúmplice; o fingido defunto estava realmente morto. Lutero outro chefe, quando lhe perguntavam pela prova de sua missão divina, respondia "é a um asno". Portanto, só os encarregados por Jesus Cristo, tem o direito de ensinar sua religião. (LOPES, 02-03-1952, p.03).

Analisando tais enunciados, atestamos que os mesmos aparecem no discurso do jornal *A Ação* acompanhados de uma série de preocupações, dentre as quais: a) a legitimidade dos membros da igreja católica; b) o controle social e moral dos sujeitos que pertencem aos seus quadros eclesiásticos; c) a afirmação deste conjunto de doutrinas como fundamental para a continuação de um projeto moralizador, que dê legitimidade social e identidade ao grupo, conforme menciona, ainda, Abílio Lopes:

Desengane se todo católico: a religião protestante é cômoda para viver, porque cada um entende a Bíblia como quer, conforme as suas paixões; e assim, pode luxar divertir-se, namorar, amancebar se, comer carne no dia de abstinência, jogar, dansar(sic), etc.; não é preciso a penitencia, a oração, o jejum, a confissão, a frequência do sacramento, e boas obras; basta só a fé; e assim, esta religião é cômoda para viver, mas para morrer! Para morrer é o diabo. (LOPES, 02-03-1952, p. 3).

Para afirmar a identidade da Igreja Católica como legítima representante do Reino de Deus, herdeira do evangelismo e do sacrifício de Cristo, continuadora das boas obras pregadas por Cristo, Abílio Lopes acusa o protestantismo de heresia, de uma seita que não possui princípios morais nem doutrinários. Segundo Lopes, é uma comunidade formada por pessoas que podem luxar, se divertir, namorar, se amancebar, não fazer restrições de comidas ou bebidas, além de não jejuar, não confessar e nem frequentar sacramentos. Dessa maneira, a identidade do catolicismo é construída a partir dos distanciamentos com o protestantismo. O outro é, assim, o estrangeiro, o humano, o não-divino. Tanto as identidades quanto as diferenças são "lógicas" elaboradas pela linguagem e encarnadas nos corpos na construção e desconstrução de representações religiosas. Sendo assim, tais representações são narradas de diversas de muitas maneiras e com diversos fins:

O protestantismo, em suas excitações, vacilações e mudanças de suas seitas, constitui sua sentença de morte, como a imutabilidade da Igreja Católica é a prova de sua divindade e infalibilidade. O protestantis(sic) mudando, mostra que não é divino; é uma seita puramente humana, que se reconhece seu fundador e organizador, um homem viciado; nele não há

Santos nem verdadeiros milagres, por isso devem desaparecer do meio de nós e voltar para os abismos donde saiu. (LOPES, 02-03-1952, p. 4).

O relato de Abílio Lopes reconstrói a experiência religiosa do catolicismo, trazendo à memória dos fiéis de Roma a imutabilidade da Igreja Católica e elaborando o espaço do outro como anormal, periférico, impuro, sem santos nem milagres. Conforme Lopes, para serem ouvidos por Deus, há a necessidade de que os homens se submetam às regras e normas do catolicismo, o que implica na veneração aos santos, no ser bom, no ser puro, no ter fé. Por outro lado, a voz de Deus se faz ouvir por meio da voz da Igreja Católica. Logo, "a voz do padre é a voz de Deus" (ORLANDI, 1987, p. 244). Além, de ser a voz de Deus, o padre também é o elemento mais importante na sociedade. Por isso, diz Lopes, "os protestantes devem desaparecer do meio de nós e voltar para os abismos donde saíram".

Sendo assim, o discurso de Abílio Lopes pode ser visto como uma narrativa que, ao corporificar representações particulares sobre os indivíduos protestantes (heréticos, imorais, traidores), os constitui como os estrangeiros do Cariri, os diferentes, os anormais¹³.

A religião católica é a única que tem a doutrina de Jesus Cristo, e por isto temos a certeza infalível de que ela é a única religião verdadeira, o único caminho certo e seguro para a felicidade e salvação eterna. Portanto, é um grande erro julgar que todas as religiões são boas e iguais. (LOPES, 02-03-1952, p.3).

E evocando a representação do outro como inimigo da fé, o Jornal A Ação, na voz de Abílio Lopes, argumenta:

Já estamos cercados dos quatro inimigos da fé: protestantes, maçons, espíritas e comunistas, que não se cansam de anunciar a morte próxima da Igreja Católica. E na verdade, se a Igreja Católica não fosse divina e Jesus

¹³ Sobre a discussão de estrangeiros, veja HALL, Stuart. Identidade e Diferença.

Cristo não tivesse com ela, já os maus tinham acabado com ela; há muitos séculos. (LOPES, 01-06-1952, p. 2).

Seria "correto" dizer que o ambiente do Cariri Cearense naquele momento de grandes tensões religiosas, tornou-se um lugar controlado por estratégias de poder e referências simbólicas religiosas. É, portanto, neste ambiente controlado por ações corporativistas que os corpos de homens e mulheres são adestrados e induzidos a reconhecerem aqueles que não partilham dos sinais indicadores da fé. Em síntese, reconhece-se o outro a partir do lugar que ocupamos. Reconhece-se a si a partir da demarcação das diferenças do outro:

A necessidade de um "outro" para garantir a construção de um "eu" individual ou coletivo, definido e coerente, demonstra-nos que precisamos estar atentos em como as identidades se configuram na marcação de diferenças, em "locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, que por estratégias e iniciativas específicas", por surgirem de maneiras múltiplas só podem ser entendidas no plural. Como observa ainda Stuart Hall, a face do termo identidade revela uma forma construída de fechamento. Sendo assim, "tem necessidade daquilo que lhe falta - mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado". (SILVA, 2006, p. 3)

A partir de diversos enunciados e narrativas, os diversos discursos católicos produziam argumentos que se fundamentavam quase sempre em uma perspectiva teleológica da história, em uma perspectiva salvacionista, soteriológica. Como "fundadores" da religião cristã no Cariri, os católicos sentiam-se no direito de marginalizar o outro, de desterritorializá-lo, de torná-los estrangeiros. Esta é uma das características do discurso fundador, como argumenta Orlandi:

Essa é também uma das características do discurso fundador: a sua relação particular com filiação. Cria tradição de sentidos projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga, no entanto, na memória permanente [...] Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim. (1993, p. 12).

É importante salientar que, nos processos de reconhecimento de identidades, inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de muitas diferenças. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos identitários do catolicismo no Cariri Cearense, é feito a partir do lugar institucional que ocupam os católicos. Dessa forma, como está expresso na narrativa de Abílio Lopes, a Igreja Católica constrói os contornos demarcando as fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em sintonia com práticas do catolicismo romano) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens (os "desobedientes", os "inimigos da Igreja"). Para os "desobedientes", está reservada a punição, a vigilância por parte dos outros. Para obedecer às regras, constitui-se todo um aparato discursivo, um cuidado e uma terapêutica de si. O olhar do outro era (e é) sempre um discurso que faz parte dos mecanismos de vigilância.

Dessa forma, segundo o jornal *A Ação*, era preciso intervir, punir, sanear, prevenir, cirurgiar o corpo do outro a fim de evitar os perigos, os excessos, a evangelização protestante, os desvios das normas e costumes adotados pela Instituição de Roma. Intervindo, era possível evitar que as "ameaças do protestantismo" não se concretizassem no seio do Cariri: "Há, sim, uma cruzada de defesa contra protestante; também não há lá o demônio maçônico, a bondade da terra não o suporta. Todo barbalhense é católico e devoto de Santo Antônio" (*JORNAL A AÇÃO*, 4-7-54, p.3). E de uma forma noticiosa, o jornal mostra em outra reportagem:

A Ação Informa 'aos Católicos': Em Missão Velha, não há mais um só protestante. Bonito exemplo para outras cidades. Em Juazeiro do Norte, o povo saturado com tanta perlença paulificante reagiu "feroz" contra as insolências protestantes. (*JORNAL A AÇÃO*, 14 de Abril de 1953)¹⁴.

Talvez a frase que sintetize melhor essa vigilância sobre as práticas do outro e que oriente as propostas de intervenção por parte do catolicismo seja: "...filhos é preciso dizer-vo, [], que êsses ministros evangélicos [] são perigosos inimigos da

¹⁴Alguns jornais estavam em estado avançado de deterioração dificultando assim a verificação dos números das páginas de artigos ou das notas publicados.

nossa Fé, da Santa Religião e Santa Madre Igreja” (Livro de Tombo. Circular de 1959)”

No entanto, nosso objetivo não é atribuir à Igreja Católica do Cariri o poder e a responsabilidade de explicar as identidades de si e dos outros, muito menos de determiná-las de forma definitiva. Porém, reconhecemos que suas proposições, imposições e proibições educam os sentidos e possuem “efeitos de verdade”, constituindo-se parte significativa das histórias pessoais dos seus seguidores ou de ex-seguidores. Por isso, podemos afirmar o quanto às identidades são negociações políticas, pois as formas como elas se representam ou são representadas, “os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder” (LOURO, 1999, p.16). A fala de Abílio Lopes é uma ação pedagógica definidora de um padrão, com linhas traçadas, desenhadas, mapeadas, territorializada: “A Igreja verdadeira de Jesus sempre se chamou católica, isto é, universal, porque foi fundada pelo Salvador para salvar a todos os homens”. (A Ação 11 de Janeiro de 1953, p.1).

Conflitos, resistências e tensões classificam o período da chegada protestante (1936). Tempo de mudança, mas tempo de discórdia e persistência. Aliás, todo tempo de mudança pode ser visto como momentos de tensões. Tempo de novas reelaborações de paisagens religiosas, de novas geografias espirituais. Tempo de novos começos. As questões de relações religiosas entre católicos e protestantes aparecem em boa parte da história desde a época da Reforma Protestante em 1517. E no Brasil, a presença protestante incomoda desde o século XVI com a chegada dos huguenotes franceses no Rio de Janeiro. Esta é, pois, uma das preocupações desta pesquisa, pois nos séculos XX e XXI os levantes religiosos regionais não têm sido alvos de análises por parte dos historiadores, especialmente da região do Cariri cearense. Creio que ainda falta essa análise de um historiador e, segundo Hill, a história deve ser escrita a cada geração:

[...] a história precisa ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não mude, o presente se modifica; cada geração formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que

revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras. (1991, p. 32).¹⁵

A dimensão dos conflitos religiosos, evidenciada, especialmente, em ações envolvendo segmentos diversos da população, tem como substrato todo um conjunto de relações sociais, culturais e de poder, cuja influência se revela não apenas nas formas de organização tais como a Igreja Católica Romana. Mas, a influência da Igreja Católica Romana sobre as atividades da sociedade e de suas organizações, tem norteado o seu cotidiano. Era o que acontecia no Cariri, a Igreja Católica Romana regia o cotidiano das pessoas e organizações de várias formas e ações. A prova disto eram as entidades, organizações e os periódicos que a Igreja Católica Romana dirigia na região: em Juazeiro do Norte havia um domínio muito grande da Igreja sobre as entidades educativas, sejam elas dos governos municipais ou estaduais. A própria Igreja também detinha em seu poder pelo menos três escolas ligadas à diocese e estas eram as mais conceituadas da cidade (Colégio Salesianos, Colégio Monsenhor Macêdo, Colégio São Francisco). A mesma situação encontrava-se nas cidades de Barbalha e de Crato, sendo que, na cidade do Crato onde está localizada a Diocese o domínio era mais amplo: cinema, escolas, faculdade, tipografia, rádio, sindicatos, seminário de formação de sacerdotes. Todas essas organizações eram controladas pela Diocese do Crato, pois pertenciam à mesma.

No capítulo seguinte, iremos dar prosseguimento a essas querelas religiosas, enfatizando, sobretudo, o discurso protestante. Convidamos o leitor para continuar, conosco, lendo e participando dessas batalhas discursivas.

¹⁵ O uso de Christopher Hill neste momento é simplesmente para reforçar a importância da pesquisa histórica.

III CAPÍTULO

IDENTIDADES CONTRASTANTES: O EU E O OUTRO NA FORMAÇÃO DO CARIRI RELIGIOSO

3.1 – “Onde Ele Me Guiar Eu O Seguirei”

“É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, Jorge, 1994, p.69)

Sair de um lugar para o outro, emigrar e ser estrangeiro, deixar a família, o conforto do lar, as amizades construídas durante anos, o trabalho que foi difícil de conseguir para estabelecer-se em outras terras, lugar que só se ouviu falar, que se conhecia olhando para o mapa geográfico onde se contemplava o lugar do outro como um desafio de vida. Desafio de se instalar, de infiltrar-se e no caso do missionário Edward McLain e dos outros missionários pioneiros no Cariri cearense, ser percebido pelos outros.

Antes mesmo de sua saída em janeiro de 1935 de sua pátria, os Estados Unidos da América, Edward McLain tinha poucas notícias sobre o que o aguardava na América do Sul. Seu projeto inicial era ir para África do Sul. Começou a preparar-se para isto no Moody Bible Institute desde 1921 no curso teológico que só viria a concluir em 1933¹⁶. Alguns dos seus amigos o incentivaram a escolher ser missionário em terras longínquas. Primeiramente o incentivaram ir à África, “Mas Deus o estava preparando-o para servi-LO no Brasil”. (LIMA, 1997, p. 38). Movido pelas palavras de seus amigos do instituto teológico Edward McLain ingressa numa agência missionária denominada de Baptist Mid-Mission em 1925 com o propósito de ir à África, mas ao término dos seus estudos este propósito foi mudado para a América do Sul, inicialmente a Venezuela era o país onde o jovem Edward residiria, mas isso não foi possível em virtude da uma revolução que estava acontecendo naquele país. As duas outras opções dadas pela Baptist Mid-Mission foram: o Haiti

¹⁶O Sr. Edward McLain matriculou-se no Moody Bible Institute em 1921 para começar seus estudos teológicos e deveria concluir seus estudos em 1925, mas esse projeto fora interrompido por motivos de saúde, uma tuberculose tirou-o de seus estudos. Mas, em 1931 ele retomou seus estudos no mesmo instituto e concluiu seu curso teológico em 1933.

ou o Brasil. A melhor opção foi o Brasil, e de Trinidad nas Antilhas onde tinha aportado e permanecido até outubro de 1935, Edward McLain embarca para o Brasil chegando no dia 30 de dezembro de 1935 ao Rio de Janeiro.

Edward McLain saiu dos Estados Unidos, como já foi mencionado, em janeiro de 1935, em um navio cargueiro, ele e mais quatro passageiros embarcaram rumo ao Caribe. Uma viagem longa, atravessar o continente requeria paciência, navegar era preciso, pois não havia naquela época outro meio mais rápido e mais econômico do que encarar uma viagem pelo Oceano Atlântico. No percurso o Sr. Edward McLain escreve um tipo de diário de bordo publicado no jornal The Ohio Independent Baptist em agosto de 1939. São relatados alguns momentos dessa longa viagem, esses relatos permite-nos perceber as sensibilidades de um jovem americano que se tornaria estrangeiro e estranho aos olhos de quem o receberia.

Antes de ver o relato de Edward McLain é necessário explicar um pouco do movimento missionário protestante no Brasil a partir do começo das ações missionárias protestantes vindas da Europa e da América do Norte. No entanto, gostaríamos de deixar claro que não estamos preocupados com a história das origens, porém, achamos importante fazer menção a outros momentos da história das missões protestantes para, posteriormente, relacionarmos à figura de Edward McLain.

A história do cristianismo é permeada de movimentos migratórios. Desde o seu início, os cristãos eram movidos pela vontade de serem conhecidos e faziam isso divulgando sua fé praticamente em todo o mundo. As páginas da Bíblia e os documentos da Igreja estão repletos de relatos sobre como os cristãos migravam e imigravam de um lugar para o outro com o propósito de tornar a fé cristã conhecida e converter outros povos "pagãos" em cristãos. O cristianismo nasce com uma vocação de ser universal, atravessando culturas, etnias e fronteiras geográficas.

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo que eu lhes ordenei e eis que eu estarei convosco até a consumação dos séculos. (Evangelho de Mateus Cap. 28 versos 19 a 20).

Ele lhes respondeu: não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas, receberão quando o Espírito Santo descer sobre vocês e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra. (Atos dos Apóstolos 1:7-8).

O cristianismo influenciou e foi influenciado nas suas peregrinações entre os países, desde seu berço judaico-cristão até os dias de hoje, a imigração e migração dos cristãos pelo mundo mostra como o cristianismo se expandiu rapidamente entre os continentes.

O relato bíblico do Novo Testamento, especialmente o livro de Atos dos Apóstolos, mostra como os cristãos do primeiro século movimentavam-se de um lugar para o outro por vários motivos: revelação divina, perseguição política e religiosa, etc.. A melhor metáfora a ser usada para exemplificar esse movimento religioso dos primeiros séculos da religião cristã é a figura de um peregrino, um nômade sempre estrangeiro em terras estranhas. Os continentes europeu e asiático já nos primeiros séculos cristãos conheciam a fé cristã, os povos bárbaros¹⁷ ao invadiram o império romano tiveram contato com esse novo tipo de fé e alguns a adotaram para sua vida cotidiana.

No decorrer do tempo o cristianismo foi ganhando notoriedade e status entre os povos e se estabelecendo em alguns lugares como religião oficial (em Roma inicialmente com os Imperadores Constantino em 313 e Teodósio em 391 e 392), e como consequência da junção entre religião e política, houve muitos desgastes e o cristianismo logo cedo começou a se subdividir em ramificações de crenças diferentes perdendo assim seu propósito inicial de levar somente a fé cristã a outros povos.

A partir do século XV, a Europa organizada e com mais países, veio à expansão marítima e a conquista de novos territórios com fins de exploração. A conquista do novo mundo¹⁸ foi um empreendimento político, comercial e religioso.

¹⁷Os povos bárbaros foram os Germânicos que invadiram o Império Romano no começo do século V e cooperaram para desintegração daquele império. Os principais grupos bárbaros foram os suevos, lombardos, teutônicos, francos, godos, visigodos, ostrogodos, vândalos, burgúndios, anglos, saxões.

¹⁸O novo mundo abrangia os territórios das Américas do Sul, Central e do Norte. Territórios conquistados pelos europeus a partir do século XV.

Percebe-se neste momento que a religião não está mais voltada somente para assuntos de fé ou da crença, é um período de intensa secularização da religião e a Igreja cede espaços para outros tipos de negócios especialmente no que concerne ao aumento dos bens materiais. O tratamento dado aos nativos e a qualidade do cristianismo levado aos povos conquistados não eram mais o mesmo dos primeiros séculos do cristianismo.

O século XV também foi um período de transformações internas no cristianismo, especialmente com os movimentos de reforma religiosa na Europa. Uma das propostas dos reformadores era a volta das práticas cristãs do primeiro século, isso incluía o modo de como a fé cristã deveria ser divulgada entre os povos. A reforma trouxe a tona várias ramificações do cristianismo: Luteranos, Calvinistas, Anabatistas e tantos outros modos de fé. Esses novos tipos de pensar a fé cristã passaram a ser divulgados entre as nações europeias, e também aos poucos e muito lentamente aos novos povos que estavam sendo conquistados.

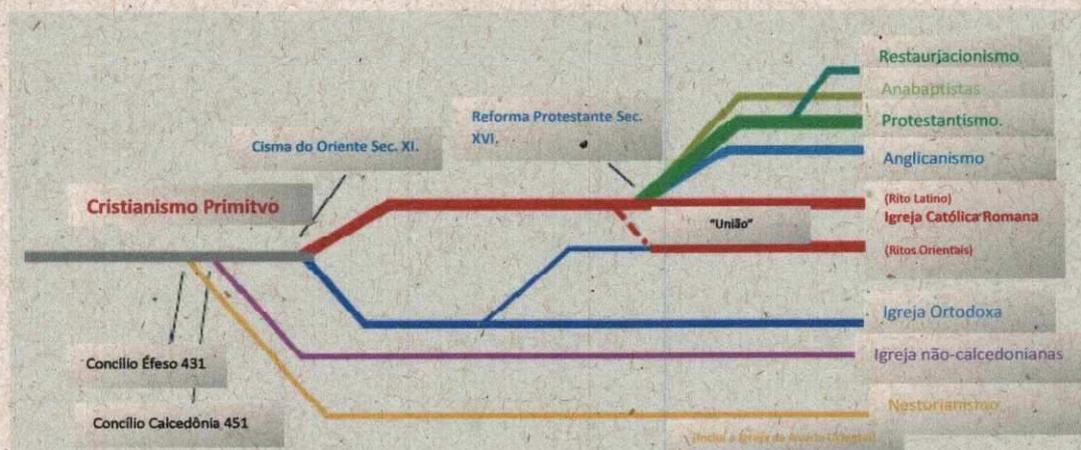


Figura 5 - Os Mais Importantes Ramos do Cristianismo e suas divisões desde o grande cisma no século XI até aproximadamente o século XIX. Destes ramos derivam-se outros credos protestantes. O quadro mostra as principais crenças cristãs no mundo ocidental e oriental. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/denominacao-crista> Acesso em: 13 de jan. de 2011.

Nos séculos XVI e XVII não houve um forte empreendimento por parte dos reformadores protestantes em levar sua fé para outros lugares, mas foi nesse período que dois movimentos importantes surgiram: os irmãos morávios e os

puritanos da Nova Inglaterra. Os morávios saíram de sua terra para morar em terras quase inóspitas¹⁹, com o fim de identificar-se socialmente com os povos daquelas terras. Os puritanos eram calvinistas que lutaram por reformas na igreja da Inglaterra, mas foram reprimidos pelas autoridades, tanto seculares, quanto eclesiásticas e como resultado foram procurar se estabelecer em outras terras para viverem de conformidade com suas convicções, primeiro foram para a Holanda, onde não conseguiram se estabelecer, depois imigraram para o Novo Mundo, a América, dando sua contribuição para o surgimento dos Estados Unidos. A imigração puritana ao Novo Mundo, não tinha inicialmente um intuito missionário, mas em pouco tempo esse grupo iniciou a sua evangelização dos povos locais e mais tarde começaram a perceber que poderiam expandir suas convicções ao restante do mundo, assim empreendendo um grande projeto missionário no século XIX. Os Estados Unidos juntamente com outros países europeus protestantes (Holanda, França, Inglaterra, etc.), sem dúvida foram países que mais investiram na imigração protestante em outros países, porém, isso não pode ser dito de um modo triunfalista, pois, por muitas vezes o empreendimento missionário protestante compactuou com atrocidades de sistemas governamentais, como no caso da discriminação racial (apartheid) na África do Sul.

Os ingleses foram bastante influenciados pelos morávios²⁰ e outros movimentos missionários protestantes do século XVIII e iniciaram o trabalho missionário liderado por um batista chamado de William Carey em 1792. No mesmo ano Carey fundou uma entidade denominada de Sociedade Batista Particular para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos, depois chamada de Sociedade Missionária Batista.

O século XIX foi o momento de expansão das missões protestantes. Na Nova Inglaterra surgiram às agências missionárias recrutando novos protestantes para saírem a pregar o evangelho: Sociedade de Investigação do Assunto de Missões, e

¹⁹São Tomás (Ilhas Virgens), Groenlândia, Suriname, Costa do Ouro, África do Sul, Jamaica, Antigua, entre 1700 a 1760.

²⁰Os morávios e a Igreja valdense são os únicos grupos protestantes atuais cujas raízes mais remotas antecedem a Reforma religiosa do século XVI. A historiografia cristã afirma que os morávios escreveram uma das páginas mais nobres das missões cristãs em todos os tempos. Nenhum grupo protestante teve maior consciência do dever missionário e nenhum outro demonstrou tamanha consagração a esse serviço em proporção ao número de seus membros, que eram poucos se comparado com outros segmentos protestantes.

em 1810 à fundação da Junta Americana de Comissionados para Missões Estrangeiras. Muitos missionários protestantes imigraram neste momento para residirem em outros países. Realmente este século foi o mais proeminente para as missões protestantes pelo mundo. "Na virada do século XIX, a expansão colonial do mundo anglo-saxão elevou o movimento missionário a escala mundial". (MENDONÇA, 2002, p.31).

É importante comentar neste momento que, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Holanda, houve um acelerado aumento de denominações protestantes, um tipo de subdivisão das igrejas da reforma protestante que começou em 1517. Essas denominações em algum ponto de sua crença deferiam umas das outras, surgindo assim, várias igrejas espalhadas pela Europa e América do Norte. Essas novas igrejas surgiram num cenário de intenso movimento missionário e incluíram-se na proposta de enviar muitos dos seus adeptos para outros países. Abaixo, reproduzimos um quadro demonstrativo acerca do surgimento dessas novas igrejas.

1. Anglicanos
1.1 anglicanos propriamente ditos (inglês e seus descendentes)
1.2 episcopais (de origem norte-americana; brasileiros, japoneses, e seus descendentes)
1.3 metodistas (de origem do Sul dos Estados Unidos; brasileiros)
2. Luteranos
2.1 Luteranos ligados à Alemanha (Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil; alemães e descendentes).
2.2 Luteranos ligados aos Estados Unidos (Sínodo de Missouri; Igreja Evangélica Luterana no Brasil; alemães e seus descendentes).
3. Reformados
3.1 Presbiterianos (missões norte-americanas; brasileiros)
3.2 Congregacionais (missões inglesas, norte-americanas e outras; brasileiros)
3.3 Reformados europeus – Igrejas de colônias (holandeses, húngaros, franceses etc.)

4. Paralelos a Reforma
4.1 Batistas (missões do Sul dos Estados Unidos; brasileiros)
4.2 Menonitas (missões norte-americanas, alemãs, etc. principalmente descendentes de alemães.)
5. Pentecostais
5.1 Propriamente ditos ou clássicos
5.1.1 Assembleia de Deus
5.1.2 Congregação Cristã no Brasil
5.1.3 Igreja do Evangelho Quadrangular (ou Cruzada Nacional de Evangelização)
5.1.4 Igreja Evangélica Brasil Para Cristo.
5.2 Cura Divina
5.2.1 Deus é Amor
5.2.2 Numerosas outras.

Quadro 1 – Ramos da Reforma Protestantes no Brasil (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 2002, p. 17-8).

Dentre essas denominações se encontra os Batistas Regulares, uma denominação que surgiu nos Estados Unidos em 1932. Mas, o termo Batista é bem mais antigo. Em 1644 na Inglaterra já havia um registro sobre esses protestantes, “O motivo foi a sua posição única na prática da imersão (mergulhar nas Águas) apenas para os crentes (pessoa que tem crença, que segue o protestantismo)” (BROWN, 1992, p. 8). O acréscimo do nome Regular surge “A partir do século XVII, [...] ‘regular’ passou a designar um Batista calvinista ou particular. Isto é, alguém que aceitava a posição teológica exposta por João Calvino”. (LIMA, 1997, p. 26). Mas, foi nos Estados Unidos que o grupo de Batistas Regulares surgiu com mais visibilidade teológica e eclesial. Após uma discordância em determinadas crenças entre os Batistas do Norte daquele país, as igrejas Batistas do Sul optaram por uma linha

mais conservadora das crenças, separando-se de crenças carismáticas ou de práticas renovadas e ficaram conhecidos como Batistas Regulares²¹.

Os Batistas nos Estados Unidos até então estavam unidos em um só movimento organizado pela Convenção Batista do Norte, adeptos dessas igrejas organizaram agências missionárias, uma das principais era Baptist Mid-Mission organizada em 15 de outubro de 1920 no estado de Ohio, pelo então Rev. William C. Haas, a mais antiga agência missionária credenciada pelos Batistas Regulares dos Estados Unidos. Em seus primeiros propósitos a agência visava enviar seus missionários ao continente africano com o fim de evangelizar as tribos africanas no interior do continente. Mas, com o tempo foram surgindo outras oportunidades de enviar missionários para outros lugares do mundo. As portas foram abertas para a entrada dos missionários dessa agência no Brasil, e em dezembro 1935 o jovem Edward Guy McLain chega ao Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Nesta época a maioria da população evangélica do Brasil se situava no sul do país ligada à Igreja Evangélica Alemã do Brasil. Os missionários estrangeiros no interior do Nordeste ainda eram poucos e muitas das cidades desta região não contavam com igrejas protestantes.

Essa falta de igrejas evangélicas no interior do Nordeste tornou-se um desafio para o recém-formado missionário Edward. Com esse desafio em mente e com a confirmação das Igrejas Batistas Regulares dos Estados Unidos, ele parte em sua jornada ao Brasil, e o primeiro desafio era enfrentar o Oceano Atlântico.

O chacoalhar do mar e o azul da água faziam parte do cotidiano de um "inexperiente" passageiro que iria para uma terra estranha. Jovem, mas bastante destemido a encontrar as pessoas com quem conheceria de primeira mão. Fazer novas amizades, morar em um novo lar, aprender uma nova língua e adentrar numa cultura estranha. A companhia dos outros passageiros, não se comparava a ansiedade de chegar ao destino desejado e compartilhar a fé evangélica a outras pessoas.

²¹ Os Batistas que se separaram dos Batistas do Norte se organizaram em uma organização denominada de General Association of Regular Baptist Churches.

[...] é a viagem em geral que é tomada como metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a 'sentir-se estrangeiro', posicionando-o, ainda que temporariamente, como o 'outro'. A viagem proporciona a experiência do 'não sentir-se em casa' que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. Na viagem, podemos experimentar, ainda que de forma limitada, as delícias – e as inseguranças – da instabilidade e da precariedade da identidade. (SILVA, 2000, p. 88).

Em sua bagagem trazia um rádio captando as ondas de emissoras do sul dos Estados Unidos, eram as últimas notícias que aquele passageiro ouvia do seu país, com tanta proximidade. Além das notícias Edward McLain ouvia o que mais gostava:

Enquanto viajávamos para o Sul por entre as costas das Carolinas e da Geórgia, minha antena de rádio estava instalada no sino do navio, transmitindo-me notícias diárias das cidades sulistas. O devocional da manhã e as canções sacras dos negros eram de particular benção. (McLAIN, 1939, p. 13. Tradução Nossa)²²

O devocional diário é um exercício espiritual praticado pelos religiosos com o propósito de manter saudável e forte seu relacionamento com Deus. O novo missionário gostava de exercitar-se espiritualmente pelas manhãs naquele navio, aproveitava a paisagem e as canções para ser abençoado e ganhar coragem para continuar a viagem. O devocional matutino era um momento de solidão, mesmo tendo a companhia dos outros passageiros, mas era precisamente naqueles instantes que somente ele poderia sentir suas forças e coragem serem revigoradas. O sino do navio que servia para alertar as outras embarcações de uma aproximação, agora amparava a antena de um rádio que transmitia as vozes de cânticos que viria abençoar a vida de Edward McLain:

Imagine estar nas ondulações, com o chacoalhar do mar com nada além do azul da água para ser visto, e de lá vem por entre os céus um coral de

²²While traveling southward along the coasts of the Carolinas and Georgia, my radio aerial was installed in the rigging of the ship, giving me daily broadcasts from southern cities. The morning devotional hour and the Negro spirituals were of particular blessing.

vozes cantando, 'Nas alturas e nas profundezas do perdão, na duração e na amplitude do amor'; 'Onde Ele me guiar eu o seguirei', e de novo 'Eu viverei por ele que morreu por mim'. (McLAIN, 1939, p. 13. Tradução Nossa)²³

Mesmo vivenciando um momento singular, o passageiro pede para que os seus leitores imaginem aquele momento impar. Nada além do mar para ser visto naquelas manhãs solitárias, e eis que surgem vindas dos céus, intermediadas pelas ondas do rádio, canções que o animavam, que acalentavam seu coração, falando do que o motivou sua saída da terra natal: perdão, amor, fé, virtude, coragem e disposição para viver por aquele que morreu por ele. Naqueles instantes o jovem missionário firmava seu propósito de sair da sua terra e ser estrangeiro, peregrinar, mesmo que custasse sua própria vida, ele estava disposto a seguir para "onde Ele" o guiasse, conforme o hino abaixo:

Se eu tiver Jesus ao lado e por Ele auxiliado;
Se por Ele for mandado, a qualquer lugar irei.
Seguirei a meu bom Mestre,
Seguirei a meu bom Mestre,

Seguirei a meu bom Mestre,
Seguirei a meu bom Mestre, onde quer que for irei.

Seja meu caminho duro,
Espinho ou inseguro,
Em seus braços bem seguro
Aonde me mandar irei.

Males poderão cercar-me,
Ou perigos assustar-me;
Mas se Cristo segurar-me
Aonde me mandar irei.
Quando terminar a vida
Finda minha triste lida

²³ Imagine being out on a rolling, tossing sea with nothing but blue water to be seen, and there comes across the heavens a choir of voices singing, "Oh the heights and depths of mercy, Oh the length and breadth of love"; "Where He leads me I will follow", and again "I'll live for Him who died for me".

Mas, com Ele estou seguro,
 Tenho a glória prometida
 Eu pra meu Senhor irei.
 (Cantor Cristão, 1995, Hino 308, Para Onde For, Irei.)²⁴

Essa motivação não vinha somente das horas devocionais matutinas, ficaram para trás pessoas importantes que ao verem aquele jovem desejando sair do seu país e enfrentar o desafio de ser um estrangeiro em outra terra o apoiaram, conforme lemos na escritura abaixo:

Durante algumas horas de profunda experiência espiritual meus olhos frequentemente olhariam de relance para o oeste, por todo lado, de dentro do pequeno quarto com gratidão a Deus, e àqueles queridos que estavam em casa, que valorosamente me incentivaram para entrar novamente em sua seara por outro modo. (McLAIN, 1939, p. 13. Tradução nossa)²⁵

De conformidade com este trecho da carta havia outras maneiras de trabalhar como pastor e talvez outros lugares mais próximos para Edward McLain prestar seus serviços às Igrejas Batistas Regulares nos Estados Unidos, mas segundo o próprio Edward, Deus o estava guiando para outro país, para outra geografia além-mar. Desde 1924 Edward já fazia parte da agência missionária para atuar na África, mas em virtude de uma tuberculose não pode sair para aquele país, nem terminar seus estudos naquele momento. Boa parte dos missionários que entravam na agência BaptistMid-Mission passavam primeiramente por estudos teológicos e depois seriam entrevistados por um concelho de pastores daquela agência, esse era o início do processo de credenciamento e aceitação de qualquer membro das Igrejas Batistas Regulares Norte Americanas que desejasse ser missionário em outro país. Após a aprovação desse concelho os candidatos irão visitar as igrejas para angariar ajuda financeira para manter-se no país que iria residir. Nestas visitas, praticamente por

²⁴ O cantor cristão é o hinário tradicional das Igrejas Batistas e também utilizado por outras denominações Evangélicas tradicionais.

²⁵ During such hours of deep spiritual experience my eyes would often glance westward through the small round port hole with gratitude to God, and those dear ones at home, who have counted me worthy to again enter His harvest for another term.

todo país, novas amizades eram feitas, e estes novos amigos incentivavam Edward a prosseguir no seu intento.

Outros têm compreendido a visão [...] compartilham conosco, e apesar de não terem visto ainda acreditam. Eles têm dividido sua essência [...] que podera confidenciar que quando a seara vem nossas recompensas serão mútuas. Novamente as preciosas horas de companheirismo vivido durante o último ano com os crentes se tornaram um jeito novo e abençoado de vida promovendo coragem e vigor. (McLAIN, 1939, p. 13. Tradução nossa)²⁶.

Por onde Edward passava ele encontrava pessoas que o incentivavam, que compreendiam sua vontade de sair do seu país e enfrentar o desafio de ser estrangeiro. Estes novos amigos iriam compartilhar das alegrias e das recompensas mútuas. A metáfora usada por Edward é de uma seara que está pronta para colheita, campos de grãos maduros a serem colhidos e entregues para o dono do campo e os trabalhadores receberem seu salário. A seara seria o país que viria a habitar, os grãos seriam as pessoas a quem iria divulgar a fé evangélica, e o dono do campo seria Deus a quem entregaria as almas ganhas para a religião. Ele, Edward, tornaria-se um agricultor na seara brasileira, um granjeador de vidas, de almas, de sementes para o Reino Celestial.

Por causa dos empecilhos políticos na Venezuela Edward McLain partiu rumo ao Brasil. Na sua estada em Trinidad nas Antilhas, recebeu as primeiras notícias sobre o Brasil e nelas continham o que ele iria enfrentar: "a mão medonha de Roma e seu poder eclesiástico". O missionário encontraria no Brasil uma forte campanha antiprotestante encabeçada pelo clero católico romano, apesar do país ter decretado desde 7 de janeiro de 1890 a separação da Igreja com o Estado, assegurando o reconhecimento e dando proteção aos protestantes e a outros credos religiosos, criando o Estado laico. A reação da Igreja Católica Romana foi manter-se totalmente contrária a modernidade, ao protestantismo, a maçonaria e outros movimentos; também fortaleceu suas estruturas eclesiásticas criando mais dioceses,

²⁶Others have caught the vision of this very needy field with us, and although having not seen yet believe. They have shared their substance with those who can go with the confidence that when the harvest comes our rewards will be mutual. Again the precious hours of fellowship experienced during the past year with Christians became a new and living blessing, providing courage and strength.

arquidioceses e fundando novos seminários para formação de clérigos. Foi no período republicano que a Igreja Católica mais perseguiu os protestantes e outros credos religiosos. Destacam-se nesse período dois clérigos que encabeçaram a campanha antiprotestante: o padre e conferencista Júlio Maria de Lombaerde (1878-1944)

[...] De origem belga, missionário da Congregação da Sagrada Família, Júlio Maria chegou ao Brasil em 1912. Após dezesseis anos de atuação nas regiões Norte e Nordeste do país, radicou-se na cidade mineira de Manhumirim, onde permaneceu até o fim de sua vida. Ali, travou uma acalorada disputa com os protestantes locais, cujos principais frutos foram a fundação de um semanário católico (o jornal O Lutador) e a publicação de uma série de obras voltadas para a refutação do protestantismo. A verve que o mesmo imprimia às suas polêmicas o tornou conhecido nacionalmente, rendendo-lhe, inclusive, a alcunha de 'martelo do protestantismo no Brasil'. (SIMÕES, 2008, p. 2).

O segundo foi D. Sebastião Leme da Silveira Cintra (arcebispo de Olinda e Recife de 1916 a 1921, bispo coadjutor do Rio de Janeiro de 1921 a 1930 e cardeal arcebispo do Rio de Janeiro de 1930 a 1942) que bradava a plenos pulmões que os católicos deveriam militar contra o protestantismo:

Nossas trincheiras católicas estão sendo invadidas pelo inimigo: Espiritismo, protestantismo, livre pensamento, ódios sectários, anarquismo, o respeito humano, a descrença enfim, e o indiferentismo religioso penetram em nossos arraiais. Alerta, soldados de Cristo. Mas... os soldados são poucos, os soldados jazem por terra, sonolentos, feridos de tédio, mortos de torpor... (SIMÕES, 2008, p. 34-5).

A ideia era restaurar a religião católica, coloca-la novamente a vista de determinadas instituições do Estado e lutar contra os protestantes e contra outros religiosos, a exemplo dos espíritas e de instituições tal qual a maçonaria. Era necessário, na visão de Cintra, "recristianizar o Brasil":

A partir dessa época, começou a ganhar consistência o propósito de "re Cristianizar" o país, restabelecendo uma "ordem cristã" na qual a influência dos valores católicos fosse novamente sentida nas diversas instituições sociais. Ao mesmo tempo, a Igreja continuou a voltar-se contra as "heterodoxias", mantendo, em particular, acirrada polêmica com o protestantismo. Era a resposta da Igreja à secularização e ao pluralismo republicano. (SIMÕES, 2008, p. 34).

Essa era a cartografia geral, a paisagem religiosa que iria recepcionar o missionário Edward McLain no Brasil, e como já falei no capítulo anterior, a campanha antiprotestante já em pleno vapor no Brasil, chega à região do Cariri e se instaura no mesmo dia em que Edward McLain chega à cidade de Juazeiro do Norte. Chega o forasteiro na região onde "o padre manda".

3.2 – "Sou Forasteiro Aqui, em Terra Estranha Estou".

*Sou forasteiro aqui, em terra estranha estou
De um reino lá do céu, embaixador eu sou.*

Duas semanas após sua chegada ao Rio de Janeiro em 1935, Edward embarcou em um navio rumo a Salvador, onde começou a aprender a língua portuguesa, criou laços de amizade e teve seus primeiros contatos com a cultura nordestina. Cada palavra em língua portuguesa, era uma nova descoberta, uma nova leitura sobre o lugar em que iria se instalar. Deveria aprender não apenas um novo idioma, mas também um outro vocabulário cultural, marcado pelo forte coronelismo político-religioso e pela masculinidade muito peculiar ao Nordeste brasileiro. Neste mesmo período ele conheceu um colporteur²⁷ escocês chamado de

²⁷ **Colporteur** é um termo empregado por algumas Igrejas Evangélicas (tradicionalistas e/ou renovadas), para quem oferece literatura religiosa, via de regra de porta em porta, ao tempo em que realiza pregação. É uma tática de evangelização bastante eficaz e que, durante muito tempo, fez parte do roteiro cotidiano dos evangelistas. A **Colportagem** é o nome atribuído ao trabalho que um adepto de uma religião faz para apresentar os devidos códigos religiosos, e ainda, levar a pessoa com quem

Sr. Ducan que havia chegado de uma viagem ao interior do Nordeste. Percebendo a juventude e a coragem de Edward, deu-lhe um conselho:

[...] se eu fosse jovem, começando um trabalho no Brasil, iria para o Vale do Cariri. Há algumas cidades grandes lá, e não existe um trabalho evangélico. Seria muito difícil porque o povo é muito fanático pelo Pe. Cícero". (LIMA, 1997, p. 39).

E o conselho foi aceito pelo jovem evangelista. Porém, antes mesmo de partir para Juazeiro, Edward começa a perceber quão grandes seriam seus desafios e um deles seria enfrentar a identidade religiosa do povo caririense, marcada pelo forte catolicismo popular em torno da figura de Padre Cícero. A fama dos devotos do Pe. Cícero já corria por todo o Nordeste e por outras espacialidades brasileiras. Juazeiro era uma terra de uma religiosidade tão intensa que era comparada à cidade de Jerusalém, no Oriente Médio:

[...] o povo transformou Joazeiro (sic) em Terra Santa. A Serra do Catolé foi rebatizada como Serra do Horto e era identificada com o Jardim das Oliveiras onde Cícero, assim como tinha sido com Cristo, suportava o seu martírio. Paralelamente, o caminho Ingreme talhado na pedra, ligando a aldeia ao Horto, tornou-se conhecido como Caminho do Calvário [...] até o riacho de inverno, Salgadinho, que corre do Horto para os alagados a oeste de Joazeiro (sic), foi apelidado de Rio Jordão. (DELLA CAVA, 1976, p.119).

De Salvador Edward embarca em um navio rumo a Recife em 25 de agosto de 1936, de Recife seguiu viagem de trem para Campina Grande, desembarca e segue caminho num caminhão em direção a Patos onde se hospeda na casa do missionário inglês Rev. Briault, antigo colega do Moody Bible Institute. O Rev. Briault ao saber que Edward tinha a intenção de prosseguir viagem para Juazeiro o desaconselha a fazer tal proeza: "[...] Disse que ele sairia de lá em pouco tempo ou

estabelece contato, o conhecimento de Deus ou de outro ser supremo, através da literatura religiosa. Os colportores são pessoas devidamente preparadas para tal serviço e buscam, mediante este método, conquistar adeptos para sua fé. A palavra "colportagem" deriva do francês "colporteur" e significa "levar no pescoço". Esse nome originou-se do costume que tinham os colportores valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa, ou numa bolsa que pendia do pescoço.

debaixo de pedra ou morto num caixão”. (LIMA, 1997, p. 40-1). Talvez para algumas pessoas esse conselho seria realmente desestimulante, mas para Edward essas notícias serviram para colocá-lo novamente em um trem para Juazeiro do Norte. Nada desconcentrava Edward McLain do seu propósito, talvez aquela música ainda ressoasse nos ouvidos do jovem missionário: “Onde Ele me guiar eu o seguirei, [...] Eu viverei por ele que morreu por mim”. (MCLAIN, Edward G. Uma Voz do Brasil. Agosto 1939, Ohio, **The Ohio Independent Baptist**, p. 13. Tradução nossa)²⁸.



Figura 6 – O ir e o vir da estação ferroviária de Juazeiro do Norte, sempre com expectadores acompanhando a movimentação.
Fonte: Acervo do Autor

“As viagens eram feitas de trem ‘Maria Fumaça’, [conforme vemos na imagem acima]. Além de serem mais vagarosas, a jornada era bastante incômoda”. Percebemos na imagem acima que “Na estação ferroviária, a chegada era sempre festejada por quem aguardava os passageiros”. (LIMA, 1997, 41). Edward McLain não tinha ninguém para recebê-lo com festividade, talvez por ser estrangeiro pôde atrair alguma atenção das pessoas que ali estavam, era um desconhecido, e em pouco tempo, seria uma pessoa que incomodaria as autoridades eclesiásticas da região cariense.

²⁸“Where He leads me I will follow”, “I’ll live for Him who died for me”.

A solidão poderia ter sido mais uma desculpa para deixar o missionário abatido e colocá-lo na estrada de volta a sua terra. Mas não deu desculpas. Talvez em oração silenciosa, tenha-se apresentado diante do seu Deus como um "forasteiro" que precisa da graça celestial para romper com o medo e o temor diante do desconhecido. Naquela hora, só podia falar mesmo com Deus, pois as pessoas com quem tinha intimidade estavam do outro lado do Oceano Atlântico. Superar a solidão era mais um desafio a ser enfrentado, fazer novos amigos e ingressar na cultura local era a chave para poder atravessar a cidade e a região do Cariri desafiando os lugares sagrados do catolicismo, as tradições religiosas que nunca antes tinham sido ameaçadas. Na situação de Edward era mais fácil conseguir inimigos e continuar sozinho ou até mesmo desistir, arrumar as malas e ir para outro lugar menos religioso. Nem mesmo a solidão, uma inimiga psicologicamente perigosa, conseguira tirar Edward de seu foco principal, ele iria permanecer o tempo que fosse necessário em Juazeiro, e ver naquela cidade uma Igreja Batista implantada. A presença da solidão nos primeiros dias da estada de Edward em Juazeiro do Norte foi aos poucos sendo substituída por novas amizades. A facilidade de fazer novas amizades era uma marca na vida de Edward, mesmo pertencendo a uma cultura que as pessoas mal se conhecem, e a frieza nas relações pessoais é algo totalmente normal, Edward estava disposto a superar essa diferença. Era perceptível essa diferença entre as relações pessoais aqui no Brasil e as relações pessoais dos Estados Unidos. Edward encontra pessoas que se cumprimentavam calorosamente e afetuosamente, que paravam para conversar umas com as outras, pessoas sorridentes e alegres. Houve assim, um aprendizado dos gestos e dos modos de viver por parte do missionário. Se Edward queria circular pela cidade e fazer amigos, algo necessário para cumprir com seu propósito, teve que se superar e aprender os gestos mais simples: a cumprimentar as pessoas, dar um simples sorriso do jeito brasileiro, entrar em uma casa para tomar um café, convidar os novos amigos a fazer uma refeição na sua casa. Gestos simples, mas que quebrariam a tensão entre o forasteiro protestante e os nativos que tanto o estranhavam.

Ao final de uma carta enviada às Igrejas Batistas Regulares nos Estados Unidos, Edward escreve o que pretendia fazer em Juazeiro do Norte (Joazeiro, como era chamada na década de 1930):

Nossa visão: Que Joazeiro, um dos centros financeiros do Brasil, pode se tornar o centro evangelista desta vasta região. Nós interiorizamos aquela promessa 'Fiel é aquele que nos chamou qual também o fará'. Irmãos, orem com toda força por nós. (MCLAIN, Edward G. Uma Voz do Brasil. Agosto 1939, Ohio, *The Ohio Independent Baptist*, p. 13. Tradução nossa)²⁹.

Portanto, o propósito estava muito bem definido na mente do missionário. Era um propósito muito pretencioso da parte de um estrangeiro desconhecido, fazer de Juazeiro do Norte, até então batizada como "terra do Pe. Cícero", de um catolicismo popular muito forte e arraigado, um centro evangelista protestante. Juazeiro tinha um lema na época: uma cidade de fé e trabalho. Pe. Cícero, fundador da cidade, inculcava nos residentes de Juazeiro que em cada casa deveria ter um altar e uma oficina. Esse lema era uma marca que distinguia esta cidade das outras vizinhas, a ponto de criar um bairrismo entre elas, mesmo compartilhando da mesma fé católica romana. Juazeiro do Norte mostrava sua identidade as outras cidades e as pessoas que ali tinham o desejo de residir. "A identidade é assim marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares" (WOODWARD, 2000, p. 11).

3.3 – "Alerta, católicos! Não deixeis nunca a Santa Religião Católica, Apostólica Romana" – Definindo a Identidade Católica Cariense.

Para os fanáticos católicos, a liquidação dos 'vermes' heréticos prometia a restauração da unidade do corpo social... [A multidão gritava nas ruas] viva

²⁹Our vision: That Joazeiro, one of the financial centers of Brazil, may someday become the evangelistic center for this vast region. We call to mind that promise, "Faithful is He that calleth you, Who will also do it." Brethren, pray mightily for us.

a religião católica, [...] Que todo o mundo vá à missa. Um Deus, uma Fé, um Rei. (DAVIS, 1990, p. 135)

As discussões sobre construção de identidade são marcadas por algumas afirmações segundo Kathryn Woodward (2000): a primeira afirmação diz que, "A identidade é relacional. [...] assim, marcada pela diferença". (p. 09). A construção de uma identidade depende da outra para existir. Neste processo há a negação de determinadas similaridades entre pessoas ou grupos de pessoas tornando-as estranhas e exclusas umas das outras. A segunda nos fala que, "A identidade é marcada por meios simbólicos. [...] Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa". (p. 09-10). Esses símbolos podem ser tanto coisas materiais, quanto imateriais. O uso desses símbolos determina a identidade das pessoas e dos grupos. E por último a identidade é marcada e se estabelece "[...] por meio do apelo a antecedentes históricos". (p. 11). Reproduzir o passado e buscar nele a verdade histórica produz nos sujeitos sua posição de quem ele é no presente, "[...] essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade, [...] ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise". (p. 12).

Todas essas afirmações proporcionam uma discussão entre perspectivas diferentes sobre identidade: a perspectiva essencialista e a não-essencialista.

Uma definição essencialista da identidade [...] sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características comuns que todos [...] partilham e que não se altera ao longo do tempo. Uma definição não-essencialista focalizaria nas diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas [...]. Uma definição não essencialista prestaria atenção também às formas pelas quais a definição daquilo que significa [...] têm mudado ao longo dos séculos. (p. 12).

Tomando a definição de identidade conforme Kathryn Woodward podemos perceber que construção da identidade religiosa da região do Cariri é formada a partir uma perspectiva essencialista. Quando Edward McLain chegou a Juazeiro do

Norte havia passado apenas dois anos da morte do fundador da cidade. Os seus habitantes estavam naquele momento saudosos daquele que os acolhia e aconselhava-os. Os hábitos e ritos religiosos deixados pelo Pe. Cícero eram praticados cotidianamente por seus seguidores. Naquele momento "As condições eram as mais difíceis que se possa imaginar para um jovem missionário iniciar um trabalho evangélico [...]" (LIMA, 1997, p. 39). Era uma cidade diferente das outras, vivenciando um momento que nenhuma outra circunvizinha estava passando. Juazeiro naquele instante estava tornando-se a principal cidade da região do Cariri cearense, tanto comercialmente, quanto na sua religiosidade. É neste interim que acontecia rejeição de qualquer pessoa ou entidade que não aceitasse ou pertencesse à religião católica.

Além de ser recepcionado de forma odiosa pelo pároco da cidade, havia ainda o jornal *A Ação*, conforme mencionamos nos capítulos anteriores, que orientava a comunidade católica a preservar-se e rejeitar toda religião oposta a Católica Romana:

Muitos se enganam, os que dizem que todas as religiões são boas, e que o ser católico ou protestante ou quase (sic) o mesmo sobre o que direi, que só faz tanta diferença quanto se dá entre a verdade e o erro.

Entre todas as religiões, só há uma verdadeira, porque a verdade é uma só, e por isto, de duas ou mais doutrinas que são contrárias uma a outra, só uma pode corresponder a verdade e as outras são falsas. A religião católica é a única que tem a doutrina de Jesus Cristo, e por isto temos a certeza infalível de que ela é a única religião verdadeira, o único caminho certo e seguro para a felicidade e salvação eterna. Portanto, é um grande erro, julgar que todas as religiões são boas e iguais.

O protestantismo, não pode pretender ser a religião de (sic) Jesus Cristo; dividido em centenas de seitas são outras tantas religiões cada uma com doutrina diferente e todas negando os pontos mais importantes da doutrina de Jesus Cristo. Onde a Igreja Católica afirma, o protestante nega.

Só há, pois, uma religião verdadeira, a qual é Jesus Cristo, e só ela é que abrange todos os séculos, todos os povos, todos os homens, por isso sempre foi chamada – católica ou universal. As seitas protestantes não são essa religião única e verdadeira de Jesus Cristo; só as variedades de seitas e dos nomes lhes bastam para indicar; logo, não são a verdadeira religião; são erro e uma corrupção do cristianismo. (LOPES, Crato, 02/03/1952, p. 03).

É claramente percebido nas palavras do jornalista Abílio Lopes a construção de uma identidade essencialista para o catolicismo na região do Cariri. Apesar de falar em diferenças entre católicos e protestantes a ênfase dada pelo jornalista está no que é autêntico, cristalizado e imutável. Ser católico é pertencer a uma religião boa, verdadeira, única e infalível. Os adjetivos único ou única e os artigos um e uma são usados neste trecho em relação à religião católica oito vezes para afirmar sua superioridade as outras religiões que não são verdadeiras ou boas. Por haver muitas diferenças doutrinárias entre os protestantes e a negação de algumas doutrinas católicas, essa religião não poderia ser considerada de Jesus Cristo. "Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, na qual a identidade é vista como fixa e imutável". (WOODWARD, 2000, p. 13). Não pertencer à religião católica é estar enganado, viver na falsidade religiosa, andar no sentido contrário da salvação e logicamente ser infeliz.

Na escrita do jornalista encontramos "[...] o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas," (WOODWARD, 2000, p. 14). Ser católico (nós) é pertencer a uma religião verdadeira, boa e única, ser protestante (eles) é pertencer a uma religião falsa, que nega o próprio fundador Jesus Cristo. O jornalista ainda afirma:

O protestante rejeita a Igreja e despreza sua autoridade; interpreta a Bíblia como quer; não reconhece no Papa, o Vigário de Jesus Cristo o cabeça dos fiéis, o pastor supremo e o doutor infalível da lei Deus, não reconhece os sacramentos, apenas o batismo, e esse mesmo...; não acredita Jesus Cristo na eucaristia; não faz caso de Maria Santíssima e nem dos santos; logo, dá-se uma diferença essencial em pontos de fé entre o católico e protestante; e portanto, não é o mesmo ou quase (sic) o mesmo. (Abílio Lopes, A Ação 02/03/1952 p. 03-Diferença que há entre o católico e o protestante).

A identidade católica dependia dessa diferença, que por sua vez foi crucial para organizar a vida social da população cariense dividindo-a em dois grupos opostos e incompatíveis de convivência.

[...] As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...] A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação. (WOODWARD, 2000, p. 41.)

Abílio Lopes faz questão de classificar a ordem religiosa a fim de manter a ordem social afirmando em seu discurso as principais diferenças doutrinárias entre católicos e protestantes.

No trecho abaixo aparece uma das características da perspectiva essencialista: o apelo ao passado que frequentemente é usado para construir e representar uma verdade imutável (WOODWARD, 2000, p. 14). Ser católico é pertencer a uma religião que atravessou os séculos sem sombra de mudanças, que atinge todos os homens e todos os povos. “[...] os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas frequentemente reivindicam uma cultura ou uma história comum como fundamento de sua identidade”. (WOODWARD, 2000, p. 15).

É do modo seguinte: o Papa Bispo atual de Roma, é o cabeça da Religião Católica, e remonta por uma *não interrompida sucessão* de Pontífices até ao Apóstolo S. Pedro; e os Bispos Católicos (sic) *em todos os tempos* foram sempre olhados com sucessor do Apóstolo a quem Jesus Cristo deu, e só a eles, a missão sagrada de pregar sua religião, a todos os homens, e escolheu entre os mesmos apóstolos a S. Pedro para ser o *Cabeça* de toda sua Igreja, por laço de unidade dos pastores e dos fiéis, o fundamento *imutável do edifício vivo* que pretendia erigir. E a S. Pedro foi que Jesus Cristo deu as *chaves do Reino dos Céus*, com poderes de tudo ligar e desligar, assim na terra como no céu. E por este modo foi S. Pedro constituído por Jesus Cristo, cabeça fundamental, doutor infalível, de toda sua Igreja. Logo, é a Igreja Católica Apostólica Romana, de que o Papa, sucessor de S. Pedro, é o Pontífice e o *Cabeça*, a que está confiada a missão de pregar, ensinar e conservar a religião. É só com eles que Jesus Cristo permanece até a *consumação dos séculos*, para os preservar de todo erro no ensino e todo vício na santificação das almas. Só ela difunde a santidade por toda parte onde penetra e produz sempre a perfeição mais sublime em todos aqueles que são dóceis ao seu ensino. Ela é a mãe dos santos; *em todos os tempos* os tem produzido, e grandes milagres tem confirmado sua santidade. E o que é o protestantismo? É uma anarquia religiosa. (LOPES, 02-03-1952, p. 03).

Na visão do jornalista, a doutrina da sucessão apostólica iniciada por S. Pedro é prova cabal da veracidade e unicidade da religião católica. Por vezes, o tempo e consequentemente a história são citados pelo autor reivindicando a legitimidade da Igreja Católica. O tempo e a história, ganhando status de sujeitos na escrita de Abílio Lopes, são preenchidos de pessoas importantes: S. Pedro e seus sucessores, ao lado da figura de Jesus Cristo, são personagens históricos determinantes, são eles que concedem poderes aos que pertencem à Igreja, é somente nela que acontecem os milagres, o verdadeiro ensino cristão, o ser santo e sublime depende exclusivamente desse ensino.

A “marcação simbólica” é determinante na construção da identidade, essa marcação é feita e estabelecida a partir da diferença da outra identidade (WOODWARD, 2000, p. 14). Há algumas expressões usadas por Abílio Lopes que nos remetem a sistemas de representação que diferenciam a religião católica das outras religiões: a expressão “o cabeça” em relação a S. Pedro e aos pontífices faz-nos lembrar de um corpo humano do qual o principal membro é a cabeça que comanda todo restante dos outros membros. Em nenhuma outra religião encontramos esse simbolismo para os seus chefes ou seus guias espirituais, nem mesmo para os protestantes, mesmo sendo cristãos, os protestantes creem num corpo espiritual guiado e mantido pela presença espiritual de Jesus Cristo, nenhum pastor ou outro líder religioso (presbítero, diácono, apóstolo, bispo, evangelista, profeta ou mestre) é “o cabeça” de qualquer igreja protestante.

Outra expressão usada por Abílio Lopes foi “as chaves do Reino dos Céus”. Na concepção do jornalista, só a Igreja Católica na pessoa dos pontífices tem o poder de abrir e fechar as portas dos céus, ninguém entra ou sai do reino dos céus sem a permissão do sumo-pontífice. “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio de diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais”. (WOODWARD, 2000, p. 14). Ser “cabeça”, ou ter “as chaves do Reino de Deus” fazia muita diferença entre a Igreja Católica e o protestantismo, ou qualquer outra religião.

Neste caso, os protestantes estavam totalmente excluídos do Reino dos Céus pelo fato de terem crenças diferentes dos católicos. A religião católica construía e

afirmava sua identidade no Cariri por meio da reprodução dos sistemas simbólicos (WOODWARD, 2000, p. 39).

Devo lembrar que essa construção da identidade Católica Romana fazia parte da campanha antiprotestante que germinava, ou melhor, se reorganizava em todo Brasil. As cidades do interior nordestino não escaparam dessa campanha; bastava sair uma notícia que havia um protestante pregando ou residindo em uma destas cidades que logo o clero católico organizava-se para combater a heresia³⁰. Os indivíduos protestantes eram vistos e ditos como forasteiros, transgressores da ordem social e deveriam ser imediatamente excluídos da sociedade convencional. Uma das medidas tomadas pela Igreja Católica, como vimos nos trechos do jornal A Ação Católica, foi produzir e afirmar sua identidade em detrimento à identidade do forasteiro. Nessa produção e afirmação da identidade católica, produziu-se também a identidade do protestante, pois "A produção da identidade do 'forasteiro' tem como referência a identidade do 'habitante local'." (WOODWARD, 2000, p. 46). Nas palavras de Abílio Lopes, o protestantismo é sinal de uma "corrupção do cristianismo" e "uma anarquia religiosa".

Antes de Edward houve um pregador que chegou a realizar um culto na cidade de Juazeiro, Virgílio Smith, missionário de credo pentecostal que residia na cidade do Crato. O culto foi realizado com a presença de quarenta policiais para garantir a proteção do missionário que não pode realizar novamente o mesmo feito em outras vezes, nem fixou nenhum trabalho evangélico na cidade. (LIMA, 1997, p. 41).

Edward McLain chegou e realmente transgrediu a ordem social da região do Cariri cearense. "Ele sabia da perspectiva sombria de uma cidade dominada pela intolerância e pelo fanatismo religioso em torno do Pe. Cícero". (LIMA, 1997, p. 40).

³⁰ Essa onda de perseguição tornou-se ainda maior com a figura de uma outra personagem da região Nordeste: Frei Damião de Bozzano, que entre as décadas de 40 e 70 encabeçou várias perseguições religiosas em diversos Estados, a exemplo da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e do Ceará. Nesses Estados, várias igrejas evangélicas foram queimadas a mando de Frei Damião. Na Paraíba, por exemplo, igrejas foram destruídas durante as "Santas Missões" nas cidades de Brejo dos Santos (1942), Patos (1958), Sousa, Catolé do Rocha (1938) e Guarabira (21 de abril de 1937). Fonte: MACEDO, Euricles Cavalcante. "Frei Damião transforma templo presbiteriano em fogueira de São Pedro". Jornal Brasil Presbiteriano. Órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, SP, Agosto de 1997, página 16; COSTA, Samuel Magalhaes. As malvezas de um frade incendiário. Revista Chamada da Meia Noite. Disponível em: http://www.chamada.com.br/mensagens/frei_damiao.html. Acesso em 16 março 2011.

A visita do Pe. Orlando à pensão a qual o missionário estava hospedado foi o início contundente da campanha antiprotestante na região do Cariri. Foi o início de uma batalha discursiva e física, onde o corpo religioso era o principal alvo. Ao dizer que ele era o pastor da cidade, Pe. Orlando não deixava outra opção para o jovem Edward, a não ser sair da cidade, era um aviso claro, pois se o missionário não se evadisse sofreria as consequências. Nota-se na fala do Pe. Orlando que;

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2000, p. 73).

O movimento missionário moderno europeu e norte-americano do século XIX promoveu conscientemente uma subversão e uma desestabilização das identidades, especialmente em países que tinham uma identidade religiosa, como no caso do Brasil. Os missionários norte-americanos³¹ imigravam para a região do Cariri como o propósito de pregar o evangelho e mudar a vida das pessoas e se possível fosse de toda uma localidade, mesmo tendo consciência de todas as dificuldades que iram enfrentar.

O Sr. Jim, que chegou em 1941, era um homem muito corajoso, meio agressivo quando falava do evangelho, ele era mais direto, mais contundente na pregação. A filosofia dele era essa. Ele começou a viajar por essa região do Cariri. Ele disse: 'nós temos que confrontar esse povo com o catolicismo. [...] Então vamos para Barbalha, Missão Velha, para outros lugres, nas esquinas, para outros bairros como o São Miguel'. (Entrevista 01).

³¹ Depois da chegada do missionário Edward McLain em 1936 vieram outros para ajudar na instalação dos Batistas Regulares no Cariri, os pioneiros são: Elizabeth Mills em 1938, Sr. George e D. Bertha Knuston em 1940, Inez Hills e Florence Sutter em 1941, Jim Willson em 1941, Louis Kinsel (D. Luisa) em 1946, Evelin Olson em 1947, Sr. Thomas Willson em 1948, Harold Reiner em 1949, Peter Brooks em 1951, Sr. Albert Johnson em 1956 e Jerry Leonard em 1962.



Figura 7 – Missionário Jim Willson nas ruas de Juazeiro do Norte, circulando e conhecendo os lugares ocupados.

Fonte: Acervo do Autor

Os estrangeiros, aqueles que estavam chegando ao Cariri, tinham o desejo de mudar a identidade do outro, mesmo que essa parecesse fixa e sem espaços para mudanças. Neste sentido, “O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; do outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” (SILVA, 2000, p. 84). A confrontação com o catolicismo por parte dos missionários Batistas Regulares era uma maneira de estremecer a identidade católica. Para o missionário Jim Wilson, não bastava somente se fazer presente, se mostrar como estrangeiro, ou pertencente à outra religião, havia uma necessidade de mostrar ao outro sua identidade e convencê-lo que poderia haver uma mudança de identidade. Para isso o missionário ousou atravessar fronteiras físicas e espirituais.

Cruzar fronteiras [...], pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. Cruzar fronteiras significa não respeitar sinais que demarcam – “artificialmente” – os limites entre os territórios das diferentes identidades. (SILVA, 2000, p. 88).

Não estou afirmando aqui que os missionários estavam transpondo fronteiras físicas e/ou espirituais de modo transgressor da lei ou forçando as pessoas a aceitarem uma nova fé, pelo contrário, a liberdade de culto no Brasil já há muito tempo era regularizada na constituição brasileira e em nenhum lugar os Batistas Regulares impunham sua fé, pois uma das bandeiras desse movimento é a liberdade religiosa, liberdade de escolher a fé pessoal.

Mesmo sem transgredir uma lei formal, houve portanto, por parte dos missionários a transgressão e a subversão de símbolos trazidos pela linguagem, usada nas edições dos jornais e nos discursos por parte do catolicismo romano, linguagem essa que (re) afirmava constantemente o lugar do católico e do protestante. A ideia de identidade e diferença está extremamente ligada ao conceito de representação (SILVA, 2000, p. 89).

As perseguições que tem sofrido a Igreja nestes últimos tempos, superam muito em ferocidade e perversidade as perseguições dos imperadores romanos. [...] No Brasil, as propagandas protestantes, maçônicas e espíritas, têm recrudescido; não faltam sectários que trabalham contra o clero, contra o ensino religioso; contra a família cristã, a favor do comunismo. Querem sepultar a Igreja, como outrora pretendiam sepultá-la. (Abílio Lopes, *Jornal A Ação*, 22-06-1952, p. 2).

Os símbolos trazidos pela linguagem configuram uma produção cultural, que por sua vez produzem práticas culturais. O jornal *A Ação* por exemplo, produziu além de uma identidade para os católicos e protestantes, uma representação visível das relações conflituosas entre católicos e protestantes (maçons, espíritas e comunistas). Percebe-se mais uma vez que, o escritor enfatiza e compara as propagandas³² protestantes, maçônicas e espíritas às perseguições da época do império romano. Os protestantes, assim como os outros movimentos, não estavam somente presentes nas localidades pacificamente, mas a partir de suas práticas perseguiram a Igreja indo de encontro ao nome do clero, da família e do ensino

³²Propaganda no contexto protestante era os cultos realizados nas praças, nas ruas, onde havia apelos constantes por parte dos pregadores a conversão das pessoas que assistiam o culto, bem como divulgar o nome e endereço da igreja, ou seja, tornar a igreja conhecida. Esses cultos quando anunciados eram denominados de Cultos de Propaganda.

cristão. Essas representações desenvolvem determinados deslocamentos. O protestantismo fora um movimento que causou desconforto a Igreja Católica na região do Cariri (assim como em todo Brasil), que por sua vez reagiu deslocando parte de seus esforços para enfrentar esse inimigo. A representação é evidente, ser protestante é ser inimigo da Igreja Católica. E os inimigos chegaram para perseguir e sepultar. Percebemos então que:

A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. (SILVA, 2000, p. 91).

O poder que a Igreja Católica no Brasil exercia era de grande influência na vida das pessoas. O jornal A Ação era um dos veículos de comunicação usado pela Diocese do Crato na tentativa de convencer os católicos da região a combaterem as heresias. Nesse intento, e com sua autoridade nas vidas das pessoas já estabelecida, era comum a Igreja determinar e produzir algumas identidades. Para isso, algumas vezes o jornalista apelava à autoridade espiritual e visível da Igreja Católica para combater os seus inimigos e erradicá-los que aparecessem em qualquer época:

[...] desde os primeiros séculos foram surgindo dentro da Igreja heresias, ou seja doutrinas errôneas, contudo ao serem condenadas essas erezias (sic) pela autoridade da Igreja, iam morrendo e desapareciam, como obra dos homens. [...] Só a Igreja verdadeira pôde resistir à ação do tempo, às lutas internas e à perseguição dos inimigos dos inimigos de Deus. (LOPES, 11/011953, p.01).

As relações entre católicos e protestantes foram construídas a partir das representações reais de classificação, de divisão e delimitação entre essas duas religiões. O tratamento dado pelo católico ao protestante é extrema inimizade, não

importava a Igreja Católica naquele momento à presença insalubre do protestante nas redondezas. Percebendo a situação de perigo a Igreja toma providências imediatas para alertar aos católicos e chamá-los a resistir, pois resistindo o resultado já era dado como certo: a morte e o desaparecimento “dos inimigos, dos inimigos de Deus”. Aconteceu o mesmo no passado, o mesmo deveria acontecer no presente, pois a Igreja não mudou, era a mesma, detentora da verdade e do poder de Deus.

As identidades construídas a partir da visão católica romana provocaram intensos conflitos entre esses dois grupos. Segundo Certeau em sua obra “A Cultura no Plural” (2005) determinados discursos de violência (ou mesmo de paz) deixados pelo poder fazem-se passar por verdades com a pretensão de “somente preservar um cenário de valores” (p. 87). A ameaça da presença protestante fez com que a linguagem usada no Jornal A Ação e no Livro de Tombo da Matriz de Santo Antônio em Barbalha, assim como os discursos orais dos clérigos revelavam um discurso que tendia organizar os espaços religiosos carienses, de modo que haveria lugar para algumas atividades. Nota-se uma linguagem que denota desprezo pelo outro em virtude da diferença. Para Certeau esse tipo de discurso denota uma linguagem de violência:

Esse discurso funciona como uma manifestação da violência, se por isso entendermos uma distorção crescente entre aquilo que diz e aquilo que uma sociedade faz dele. Ele se torna próprio, uma linguagem de violência. Porém o terreno da violência na linguagem não nos indica somente uma nova condição do discurso na sociedade e à desmistificação do poder ao qual damos crédito desde o século das luzes; ao analisar como se produz a não significação daquilo que se diz, obtemos um meio de encontrar aquilo que se deve fazer. (CERTEAU, 2005, p. 88).

A inimizade entre católicos e protestantes estava assim materializada, a fé protestante deixa de ser apenas uma subjetividade, ela toma os corpos dos mesmos, são inimigos a serem combatidos nas cidades carienses. O discurso jornalístico e eclesiástico materializa-se e toma as ruas, as casas e as paróquias. É realizada uma caça aos protestantes na região cariense, conforme veremos no capítulo seguinte.

IV CAPÍTULO

**QUEM SÃO ELES? QUEM ELES PENSAM QUE
SÃO? A PRESENÇA PROTESTANTE NO
CARIRI CEARENSE**

4.1 – “Quem sois vós para reformar uma religião divina? Jesus Cristo é o Senhor dela foi ele que vos enviou?”

O objetivo deste capítulo é problematizar quais foram as principais práticas elaboradas pelos clérigos, intelectuais e os católicos de modo geral, frente à presença protestante na região do Cariri. Além disso, perceberemos neste momento quais foram as reações dos protestantes frente a estas práticas. Essas reações iriam formular as representações dos Batistas Regulares por eles mesmos e não a partir da Igreja Católica. Essas representações de si e de outrem constroem parte do mundo social daquela época, pois,

[...] mesmo as representações colectivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos – quem tem por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua. (CHARTIER, 1988, p. 18).

Irei dividir essas práticas em dois momentos que não significam períodos cronológicos, mas momentos de ações: a) discursos nos jornais, b) as homilias dos padres geradoras das práticas de violência³¹. Creio que assim, o leitor entenderá melhor os conflitos entre católicos e protestantes.

Os discursos do jornal Ação Católica na sua maioria tinha como objetivo principal afirmar a “veracidade e a santidade” da doutrina católica frente à doutrina “herética” protestante. Mesmo assim, o texto é muito incisivo na questão do tratamento aos protestantes. À medida que os autores dos artigos do jornal afirmavam a doutrina católica, também davam margem aos leitores e ouvintes para possíveis práticas contra os protestantes. Portanto, não era somente uma questão de diferença doutrinária ou das práticas religiosas, mas essas diferenças geraram práticas sociais e culturais que, segundo Chartier, trazem em si “as percepções do social”, o discurso que claramente é tendencioso é também produtor de “estratégias

³¹Neste momento estarei dialogando com o tempo subjetivo, isto é a partir das ações dos sujeitos envolvidos.

e práticas” e “[...] que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. (CHARTIER, 1988, p. 17). Ao longo de três anos, de 1951 até 1953 nas edições do Jornal A Ação foram publicadas as notas e os artigos mais incisivos sobre a campanha antiprotestante no Cariri. É importante lembrar neste momento que o jornal era uma produção da Diocese Católica do Crato, ou seja, uma instituição de autoridade que comandava as ações das paróquias da região.

Para Certeau “A instituição dos aparelhos escriturísticos da ‘disciplina’ moderna’ aparece como ‘a voz do povo’”, a escrita assim circulã, baila a passeia no campo do outro (1994, p. 222). O jornal A Ação tinha uma intenção de ser um aparelho escriturístico de disciplina, pois, ele orientava e organizava os domínios da religião católica invadidos pelos protestantes. Editado na cidade do Crato, representava bem o progresso, a modernidade e a cultura, marcas desta cidade, sempre enaltecida como a capital da cultura desde sua fundação. “O progresso é do tipo escriturístico”. (CERTEAU, 1994, p. 224). A cidade do Crato contava desde os anos 50 com o Instituto Cultural do Cariri, o ICC. As figuras mais célebres³² e avassaladoras da Princesa do Cariri, com toda a hegemonia e exuberância de uma época, estavam ali prontas para continuarem garantindo e favorecendo a cultura do Cariri e, por conseguinte, a sua salva-guarda.

É sobretudo, sob o ponto de vista cultural que o Crato tem seu lugar privilegiado no interior nordestino. É na realidade a capital intelectual de importante trecho da interlândia, compreendendo parte do Ceará, Pernambuco e Piauí. (FIGUEIREDO FILHO, PINHEIRO, 1953, p. 69).

Tudo aquilo que fosse contra os ditames vigentes era logo interpretado como ridículo e abominável. Afinal, eles eram a resultante de uma maneira de pensar e de agir. As “Associações Culturais”, assim como os periódicos, tais como o jornal A Ação, foram criadas para responder e representar a cultura cratense, uma cultura racionalizada e intelectualizada:

³²Dentre os intelectuais de destaque no Crato estão J. de Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro, fundadores do Instituto Cultural do Crato. Estes dois intelectuais também publicavam artigos para o jornal A Ação.

A leitura era um privilégio de poucos na região, e em virtude disso, possivelmente alguns católicos não tinham acesso ao jornal A Ação para serem orientados pelos artigos redigidos por seus intelectuais. Para transpor esta barreira, os padres usavam das homílias nas missas dando voz ao que estava escrito. A campanha antiprotestante foi tema recorrente nas prédicas dos padres. As missas eram momentos em que as igrejas católicas reuniam grande parte da população, e os padres aproveitavam-se deste momento para chamar a atenção dos católicos a tomarem parte na campanha contra a permanência dos protestantes nas cidades carienses. A retórica dos padres se alia a escrita dos jornais para "influenciar o querer do outro, estabelecer adesões e contratos, coordenar ou modificar práticas sociais e, portanto, forjar a história". (CERTEAU, 1994, p. 252). Como resultado das homílias veio às práticas de violência contra os protestantes.

As práticas de violência surgem como resultado das interpretações dos textos e das homílias, bem como das ordens dadas fora do altar pelos clérigos aos católicos das cidades. Violência esta que algumas vezes chagava as vias de fato, ferindo corpos e destruindo objetos. Em outros momentos era uma violência das sensibilidades, que atingia a personalidade, a moral e a integridade dos protestantes. Essas práticas de violência nos fazem pensar na "modalidade de alteridade extrema" que é negação ou exclusão do outro, segundo Pesavento este tipo de alteridade é:

[...] a modalidade mais perversa da alteridade. A exclusão é, no caso, condição atribuída que nasce do gesto, da palavra e do olhar de quem designa o outro. Ela se faz acompanhar da rejeição, do estigma e do preconceito, negando um lugar social de reconhecimento a este outro. (PESAVENTO, 2008, p. 92)

Palavras e gestos, ações e reações fizeram parte do cotidiano das relações entre católicos e protestantes. Lembramos aqui o uso das táticas e estratégias que também tomam seus lugares nestes momentos. Os dois grupos reversavam-se no uso destes procedimentos: os católicos para manterem-se na sua hegemonia, e os protestantes para conseguirem se estabelecer na região.

4.1.1 – Os Jornais como campo de batalhas: as escrituras de si e do outro

Neste item, faremos uma análise do material jornalístico como campo de batalha. Cada folha ou editorial tornava-se uma escritura de defesa de si ou de acusação ao outro. As diferenças doutrinárias eram colocadas de uma forma muito impetuosa nas edições do jornal *A Ação*³³. Os artigos serviam muito mais do que um campo doutrinário para orientar os católicos a se manterem separados dos protestantes por causa das doutrinas e práticas diferentes. Eram, também, códigos escriturísticos que “santificavam” a si e “infernizavam” o outro, que tomava a verdade como algo inerente a si e a mentira como integrante dos chamados opositores.

A Igreja Católica tinha a seu favor uma tipografia própria para emitir suas opiniões sobre qualquer assunto. Com a presença protestante na região, a Igreja Católica fez uso do seu jornal como estratégia para (re)organizar seu lugar na sociedade antes nunca desarranjado por nenhuma doutrina diferente. (re)Organizar o lugar faz parte dos procedimentos estratégicos de quem julga estar no poder, pois,

[...] Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Ai se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Ai impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 1994, p. 201).

O jornal *A Ação* anunciava em suas páginas a campanha antiprotestante. Os escritos funcionavam como dispositivos de poder que caricaturavam o protestante, tornava-o aliado do inferno, enviado do diabo para as terras do Cariri. A figura do protestante era desenhada de modo a imprimir medo. Os colunistas do jornal apresentavam os protestantes à sociedade da seguinte maneira: “seculares inimigos da única e verdadeira Igreja de Cristo”; “adversários terríveis de Cristo”; “cegos

³³ Alguns desses discursos já foram colocados nos capítulos anteriores e nos servirão novamente para dar ênfase em algumas práticas utilizadas no relacionamento entre católicos e protestantes.

protestantes"; "os falsos profetas"; "os modernos gratuitos inimigos de Cristo e sua Igreja"³⁴.

O jornalista Abílio Lopes gostava de enfatizar as diferenças doutrinárias entre as duas religiões. O duelo entre o bem e o mal, o bom e o ruim, o mocinho e o bandido era bem presente nessas escrituras. Lopes narrava sempre que a religião católica era superior a qualquer outra, que a verdade era uma só e esta residia na Igreja Católica e de lá não sairia para nenhuma outra religião. É importante destacar que a verdade era tomada por Lopes como uma produção inscrita no contexto do confronto de forças entre as duas religiões, de maneira a lançar nos campos da construção da subjetividade e da experiência a sua tese fundamental, qual seja, a existência de relações íntimas que existiriam entre Jesus e o Catolicismo.

Entre todas as religiões, só há uma verdadeira, porque a verdade é uma só, e por isto, de duas ou mais doutrinas que são contrárias uma a outra, só uma pode corresponder a verdade e as outras são falsas". A religião católica é a única que tem a doutrina de Jesus Cristo, e por isto temos a certeza infalível de que ela é a única religião verdadeira, o único caminho certo e seguro para a felicidade e salvação eterna. (LOPES, 02/03/1952, p. 03).

Essas batalhas discursivas envolvem uma supremacia religiosa, uma hegemonia da escrita, o cuidado do outro como parte da "natureza" cristã e o discurso dos direitos da Igreja que "chegou primeiro" no Cariri. Assim, o que se produz como verdade nessas práticas estaria inscrito como um jogo num confronto de forças – jogos de verdade. Nesses jogos de verdade, a exclusão de outra religião se dava por alguns motivos, tais como: não ser verdadeira e não possuir a verdade, e a presença da doutrina de Jesus Cristo que estaria limitada somente no catolicismo. Duas doutrinas não poderiam conviver juntas, não poderiam ocupar o mesmo lugar, portanto só restaria uma solução para a outra religião: sair da região, desocupar o lugar para que se restabeleça a ordem.

O artigo continua fazendo mais argumentos para a exclusão de outras religiões. O protestantismo é alvo predileto do colunista. Desta vez, ele usa o

³⁴ O jornal também denunciava a chegada de outras instituições, religiões e partidos políticos que vinham de encontro às doutrinas católicas: "Há entre os modernos gratuitos inimigos de Cristo e sua Igreja, uma preocupação de embriagar, de toda sorte de entorpecentes, a alma da multidão, com o único fim de arrancar-lhe a fé. Já estamos cercados dos quatro inimigos da fé: protestantes, maçons, espíritas e comunistas, que não se cansam de anunciar a morte próxima da Igreja Católica". (LOPES, 01/06/52, p. 2.)

argumento da diversidade das "seitas" protestantes. Segundo seu argumento, essa diversidade de seitas era resultado da falta da Verdade.

O protestantismo, não pode pretender ser a religião dé(sic) Jesus Cristo; dividido em centenas de seitas são outras tantas religiões cada uma com doutrina diferente e todas negando os pontos mais importantes da doutrina de Jesus Cristo. Onde a Igreja Católica afirma, o protestante nega. (LOPES, 02/03/1952, p. 03).

"Os pontos mais importantes da doutrina de Jesus Cristo" que os protestantes negavam eram: rejeitar a Igreja Católica, desprezar o Papa como Vigário de Cristo e líder infalível da Igreja, não reconhecer os sacramentos, não acreditar na eucaristia, e não fazer caso de Maria Santíssima e dos santos. (LOPES, 02/03/1952, p. 03). Por negar estes pontos, os protestantes eram escriturados como archi-inimigos da Igreja. Ao nomear o protestante como inimigo, um campo de forças era acionado para que isto se tornasse "a verdade". O discurso do jornal A Ação torna-se uma "técnica de dominação" em virtude das verdades produzidas sobre o sujeito protestante em diversos campos discursivos, bem como pelas práticas discursivas localizadas no interior da instituição católica que, ao tomarem certos "sujeitos" como objetos de críticas e de exclusão, também os tornam "objetos de dominação".

Um traço marcante nas colunas escrituradas por Abílio Lopes, é a caracterização e adjectivação do protestante e de sua religião como inimigos, alguém e algo indignos de estarem presentes no mesmo lugar que um devoto do Padre Cícero. A geografia do sagrado é demarcada, territorializada. Percebemos que o escritor usa como estratégia o descrédito doutrinário por parte dos protestantes, ou seja, se eles não criam na mesma doutrina católica por que, então, dar crédito ou confiar nestes falsos profetas? Abílio Lopes, exímio defensor católico, faz uso da escrita para tentar convencer os católicos a enxergarem os inimigos nefastos da Igreja. O próprio jornalista designa o seu papel como jornalista católico;

Nesta época em que se multiplicam os falsos profetas, em que o homem marcha às cegas sem encontrar os mais elementares caminhos da vida, o papel do jornalista católico consiste em chamar os que vegetam no desconhecimento completo das verdades evangélicas; temos que recorrer à palavra de Deus, que é a luz verdadeira e caminho seguro para a vida do homem e das nações. É preciso que o jornalista católico se prepare para a

luta, cooperando com a plena dedicação de Apóstolo e membro da Ação Católica. (LOPES, 23/03/52, p. 4).

Os tempos eram "modernos" e a prática escriturística faz parte deste momento. O papel do jornalista católico era usar as folhas do jornal para chamar a atenção dos católicos, a escrita tomava o lugar de um arauto anunciando "as verdades evangélicas" que seriam o colírio para curar a cegueira espiritual dos homens modernos. O texto impresso é um sinal de conhecimento e quem o redige tem credências para elaborar e organizar os espaços. Certeau designa assim o ato de escrever: "[...] Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre o espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado". (1994, p. 225). O jornalista católico deveria ter uma dedicação de "Apóstolo", na etimologia da palavra, ser um enviado com um propósito, trazer a luz aos que caminham nas trevas. Para Abílio Lopes a tarefa do jornalista era semelhante a entrar em uma luta contra as trevas e colocar o homem e as nações no caminho da vida.

Em cada parágrafo escrito, era produzida uma ordem e traçavam-se trajetórias, mesmo em um espaço controlado que é a folha do papel, o jornalista tinha propostas para desarticular a religião protestante. Constantemente a pessoa de Jesus Cristo era convocada para desautorizar a religião protestante;

Só Jesus Cristo fundador do cristianismo é senhor d'ele e por isso, nenhum homem tem direito de ensinar e pregar esta religião, se não for encarregada disto mesmo por Jesus Cristo. Se alguém nos disser: eu venho reformar a Religião de Jesus Cristo podeis seguir as vossas paixões, porquanto, eu vos permito o que Ela vos proíbe: que deveríamos nós responder? (LOPES, 02/03/1952, p. 03).

Não havia razões para reformar a religião de Jesus Cristo, ele era o fundador e como tal se fazia presente nos sacramentos católicos e somente ele poderia autorizar alguém para ensinar e pregar, e isso já tinha acontecido, primeiramente com os seus doze apóstolos e posteriormente o seus sucessores, "os Papas da Roma Eterna". Abílio, usando as palavras com maestria, retira a presença de Jesus Cristo de qualquer religião e a coloca com exclusividade na Igreja Católica. Seguir outros ensinamentos era andar nas "paixões" da carne, ou seja, trilhar o caminho do

pecado, estar liberto para a libertinagem. Seguindo sua linha de pensamento o jornalista coloca o "mau exemplo" dos reformadores como forma de rejeitar o protestantismo:

Calvino, um dos cabeças dos protestantes, para provar sua missão, tinha pago a um homem que se fingisse morto, afim de ressuscitar depois. Porém quando chegou com os amigos, já a justiça divina havia castigado esse seu cúmplice; o fingido defunto estava realmente morto. Lutero outro chefe, quando lhe perguntavam pela prova de sua missão divina, respondia "é a um asno". Portanto, só os encarregados por Jesus Cristo, tem o direito de ensinar sua religião. (LOPES, 02/03/1952, p. 03).

Em outra edição do jornal, desta vez não é indicada a autoria do artigo, porém o mesmo argumento é usado para desconstruir e difamar o protestantismo:

Na Alemanha proclamou se chefe dessa revolução contra a Igreja, Martinho Lutero. Martinho Lutero nasceu em 1483 de uma família saxônica católica. Educado piedosamente, entrou ainda jovem na Ordem de Santo Agostinho, onde viveu mais de 10 anos. Mas o seu temperamento nervoso e desequilibrado, a sua exaltada imaginação e as tentações impuras o arrastaram pelo caminho da apostasia (1517). Incapaz de guardar os votos religiosos, que havia oferecido a Deus em sua juventude, casou-se (1525) com uma religiosa apostata, Catarina Bora, e com sua vida e seus escritos fez se o fundador do Protestantismo alemão. A imoralidade e a ignorância reinantes fizeram que essa heresia se propagasse internamente e que muitos habitantes da Europa Central e dos países escandinavos se fizessem luteranos. Seguindo o exemplo de Lutero, sacerdotes apóstatas, como Calvino Zwinglio e vários outros, formaram diversas seitas na Suíça, na França e nos Países Baixos. (A AÇÃO 11/01/1953, p.1).

Na escrita do jornal A Ação, Lutero, Calvino e Zwinglio não passavam de maus exemplos. Lutero era alguém nervoso e desequilibrado, um franco por cair nas tentações e na apostasia. Além disso, a religião que fundara era herética. Calvino era um charlatão que comprava as pessoas para comprovar sua missão celestial. Estes líderes por seus maus exemplos não deveriam nem se quer serem ouvidos, quanto mais sua religião ser seguida.

Os colunistas do jornal A Ação faziam uso constantemente do subterfúgio de difamar as pessoas mais influentes numa tentativa de desestruturar e desestabilizar a religião do outro, e assim minar a fé dos seguidores ou de quem dava ouvidos as palavras dos pastores e missionários protestantes. Segundo o escritor, o

protestantismo não é uma religião divina, não foi fundada pelo Salvador, é uma religião humana, fundada por homens pecadores, "uma anarquia religiosa". O protestantismo "[...] rejeita a regra fundamental da fé, que é o ensino infalível e autoridade divina do Papa e dos bispos, únicos Pastores e Doutores legítimos". (LOPES, 02/03/1952, p 03).

No término de um dos seus artigos, encontramos o jornalista fazendo um alerta aos católicos a se manterem firmes na fé católica empenhando a própria vida se isso fosse exigido: "Alerta, católicos! Não deixeis nunca a Santa Religião Católica, Apostólica Romana; muito embora venha sobre nós um martírio do ferro e do fogo; porque esta religião dá-se a própria vida". (LOPES, 02/03/1952, p. 4). A escrita articula-se neste momento com o que é sensível;

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. [...] Sensibilidades se exprimem em atos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. (PESAVENTO, 2008, p. 57-8).

A linguagem muda neste momento, depois de assegurar a veracidade da doutrina católica e repudiar a doutrina protestante, o colunista fala diretamente aos católicos apelando aos sentimentos, sai de cena a sistematização doutrinária e a razão apologética, e um novo ato começa, é chegada a hora de falar as subjetividades. Os católicos adormecidos deveriam abrir os olhos frente ao perigo, e se preciso fosse, dar a vida pela religião. A ameaça do martírio a ferro e a fogo não poderia fazer o católico distanciar-se de sua igreja e apostatar a sua fé católica. Para Certeau a escrita ocupa

[...] um espaço de formalização, tem como sentido remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função estratégica: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligada, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. (1994, p. 226).

Ao terminar sua coluna apelando às subjetividades e sensibilibdades dos católicos, o escritor cumpre com o que Certeau afirma: "mudar a realidade". Abílio Lopes, ao que nos parece, foi bem doutrinado e normatizado na sua religião, recebeu de seus catequistas codificações importantes sobre a tradição das crenças católicas e repassou-as nos espaços formalizados do jornal A Ação. Para o jornalista, essas informações tinham que surtir algum efeito na vida dos seus leitores, por isso, a última mensagem deixada por ele no artigo: "Não deixeis nunca a Santa Religião Católica".

Percebemos até agora nos discursos que a Igreja tomava uma posição de perseguidora dos seus inimigos. Era a Igreja Católica que comandava as ações contra os "inimigos". Mas, em alguns momentos o discurso se reverte, ao invés de perseguidora, a Igreja é perseguida por seus "inimigos".

Se os seus inimigos, como sejam os protestantes, maçons, espíritas e comunistas, não poderão isoladamente acabar com ela, também não o poderão fundindo-se num só partido, num só homem, no seu chefe, embora seja o Anti-cristo vaticinado. Cristo vive por Jesus Cristo, como o mesmo Cristo vive com ela. Contra a Bigorna de Roma batem os maçons, com seu martelo, sua colher e seu triângulo; batem os protestantes, com a massa de seu ódio acumulado nas suas bíblias falsificadas; batem os espíritas com os ossos dos defuntos; batem os furiosos comunistas, com sua foice e o martelo, mas todos estes instrumentos de ódio, gastar-se-ão; enquanto o trono de Pedro permanecerá sólido, inquebrantável. Do alto do seu trono imortal, o Santo Padre o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, o sucessor de S. Pedro, com uma mão abençoa os perseguidores que caem, e com a outra abraça os seus filhos que morrem pela verdade. (LOPES, 06/07/52. p. 3.)

Eram "os modernos e gratuitos inimigos da igreja", os perseguidores que se uniram com o propósito de destruir o trono imortal do santo Padre. O texto é impregnado de simbologia: para os maçons, o martelo, a colher e o triângulo, os protestantes usavam as bíblias falsificadas, os espíritas batem na Igreja Católica com os ossos dos defuntos, e os comunistas usavam a foice e o martelo. Eram metáforas da destruição utilizadas pela narrativa católica, instrumentos que representavam o discurso fundador ou as crenças subjetivas serviram para representar o ódio destes grupos contra a Igreja Católica. Roger Chartier em seu

conceito de representação propõe um sentido particular e historicamente determinado para a análise de determinados objetos construídos a partir da escrita:

[...] por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através de sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir sua memória e de o figurar tal com ele é. Algumas dessas imagens são bem materiais, [...] Outras, porém, são pensadas num registro diferente: o da relação simbólica [...]. (1988, p. 20).

Os símbolos colocados pelo autor remetem o leitor a objetos ausentes. Abílio usa esses símbolos para de alguma forma tentar dar a aparência do real a partir da imaginação do leitor. Estrategicamente o colunista se apega aos símbolos que representam os seus inimigos para levar ao leitor a compreender o funcionamento das relações sociais, neste caso das relações conflituosas.

O escritor tinha razão em determinados assuntos. As quatro instituições que ele relaciona, tinham suas ideologias e crenças contrárias à doutrina da Igreja Católica, mas por outro lado, o autor perde totalmente a razão quando diz que essas instituições se uniriam para "acabar" com a Igreja Católica. Dificilmente um protestante se coligaria a um comunista ou a um espírita para uma tarefa como esta, ou até mesmo um espírita comungaria com o partido comunista para o mesmo trabalho. Determinadas relações não poderiam acontecer. Nesta mesma época os comunistas cearenses desconfiavam dos protestantes no Cariri. Um jornal denominado O Democrata datado de 14 de maio de 1950³⁵ acusava os missionários americanos de estarem no Cariri para implantarem o imperialismo americano e de serem espíões, vejamos alguns trechos desse periódico:

Concernente aos estrangeiros no Cariri, elestrabalhamsobacapadeuma missão evangélicadaigrejabrasileira. Reuniõessão feitas no idiomainglês, longe dosolhosdos crentesnativos. O númerode missionáriosYankeecresce diaa dia. Quemé Sr.EdwardMcLainchefeda missão?Quandoos animaisde Trumansãopioresdo queas bestasde Hitler?

³⁵Esta edição chegou às mãos do missionário Edward McLain que traduziu para o inglês com o propósito de levar essas informações à sede da Baptist Mid-Mission nos Estados Unidos. A fonte original se perdeu nos arquivos da missão.

Há atos suspeitos de espionagem. Sabe-se que, recentemente, o Sr. Edward McLain foi para o gabinete de estatísticas nesta zona, pedindo, entre outras coisas, uma 'informação inocente', fatos completos em relação à topografia da região, as fontes de produção, o índice demográfico, etc. O que devemos fazer? É dever especial dos adeptos da religião pregada pelas missões Yankees exigir que os pastores esclareçam certos mistérios que os rodeiam e que devem dar contas de suas ações para as pessoas que os receberam de boa fé, explicando como eles vivem e onde tanto dinheiro vem para manter seu padrão de vida elevado. Quanto aos patriotas anti-imperialistas e amantes da paz, é preciso denunciar com veemência a cada movimento maior desses agentes de guerra e colonizadores de nosso país [...]. (O DEMOCRATA, 14/05/1950. Tradução nossa)³⁶.

O artigo deixa bem claro que não havia possibilidade de comunistas e protestantes americanos estarem juntos numa empreitada contra o catolicismo. Portanto Abílio Lopes estava totalmente enganado a este respeito.

A campanha antiprotestante no Cariri contava com produção e circulação de livros que visavam combater as doutrinas protestantes. Esta produção fazia parte das estratégias usadas pela Igreja Católica para destruir os seus inimigos. O padre Antônio Feitosa, um dos intelectuais mais influentes do cariri, escrevera uma obra importante da campanha antiprotestante. Este padre era colunista do jornal, possuía uma cadeira na academia de letras do Crato. Ao lado de outros intelectuais, como Abílio Lopes e José Newton de Souza, formavam um grupo de elite para combater o protestantismo na região. A obra de Pe. Antônio Feitosa foi assim descrita por José Newton de Souza, na coluna Fragmentos no dia 12 de agosto de 1951:

Padre Antônio Feitosa deu-nos bom presente de festas, neste crepúsculo triste de 1951. [...] o inteligente sacerdote cearense [...] acaba de nos oferecer o catecismo contra a heresia luterana que é "Desafios aos Protestantes". O crepúsculo, de 26 páginas apenas é escrito em linguagem cadente. É nú e crú quando defende os erros múltiplos daqueles seculares inimigos da única e verdadeira Igreja de Cristo. Sua argumentação é

³⁶ Concerning the American strangers in the Cariri, they work under the cape of an evangelical mission of the Brazilian church. Reunions in the English language, far from the sight of the native believers. The number of Yankee missionaries grows day by day. Who is Mr. Edward McLain chief of the mission? Where the beasts of Truman are worse than the beasts of Hitler? Suspicious acts of Espionage. It is known that recently Mr. Edward McLain went to the bureau of statistics in that zone, soliciting, among other things, "innocent information", complete facts concerning the topography of the region, fountains of production, demographic index, etc. What We Ought To Do? It is the special duty of the adepts of the religion preached by the Yankee missions to demand that the pastors make clear certain mysteries which surround them and that they give account of their actions to the people who have received them in good faith, explaining how they live and where so much money comes from to maintain their high standard of living. As for the anti-imperialistic and peace-loving patriots, we must denounce with utmost vehemence every movement of these war agents and colonizers in our country [...].

cerrada e irresponsável. Divide o Pe. Feitosinha seu trabalho em 18 desafios que se baseiam nos principais pontos apregoados, no Brasil, contra o catolicismo, pelo protestantismo quase sempre de importação americana. O autor não tem meias palavras para dizer as coisas. Vai direto ao amago da questão. Analisa o erro e depois esmaga-o de uma metralhada só. A Bíblia em suas amestradas mãos, se transforma no maior manancial de acusações contra a heresia que nasceu desde os nefastos tempos de Lutero, Calvino Zwinglio e Henrique VIII. (SOUZA, 18/08/1951).

A obra de Pe. A. Feitosa foi recepcionada com muita alegria, vista como um presente em meio à tristeza da presença protestante. O livro iria fazer parte do arsenal que seria usada para acertar em cheio a doutrina protestante não deixando margem para uma recuperação. Os 18 desafios lançados pelo Pe. Feitosa não davam chance alguma de serem rebatidos por qualquer protestante. A propaganda do livro contém uma linguagem bélica e violenta: os desafios são assemelhados uma metralhadora armada e apontada para a doutrina protestante a fim de esmagá-la.

A produção do texto é um procedimento estratégico de (re)organização do lugar. "Através da escrita, os homens e mulheres tentam organizar a sociedade fundada na estabilidade do texto já que não há uma voz cosmológica-universal que serviria de base para tal organização". (JOSGRILBERG, 2005, p. 50). "Desafios aos Protestantes" foi escrito por um "inteligente cearense" conhecedor das tradições católicas, portanto fazia parte do poder religioso local, a obra carregava as credencias necessárias para ser consumida pela comunidade católica.

Além das credencias do autor, a obra foi produzida pela própria diocese em sua tipografia e contava com o apoio de um dos mais conhecidos capuchinhos do Nordeste:

"Desafios aos Protestantes" foi editado pela Tipografia de A Ação de Crato e está sendo vendido a preço modico, revertendo seu resultado em beneficio da obra de Propagação da Fé. Foi escrita o opúsculo como lembrança das Missões pregadas, em Crato, pelo santo capuchino Frei Damião, o novo apóstolo do Nordeste e pesadelo do protestantismo, em todas as suas diversas modalidades. (SOUZA, 18/08/1951).

A obra não tinha valor somente por seu conteúdo, mas também tinha validade por ser escrita e apoiada por aqueles que encabeçavam a campanha

antiprotetante. Além disto, ao adquirir o livro, o católico estava cooperando para as campanhas de propagação da fé católica.

Em suas últimas frases José Newton de Souza faz o desfecho dando propósito daquela obra, apela aos padres nordestinos que adquiram e divulguem a obra pois,

O folheto, embora de aparência modesta, tem amago e merece ser difundido pelo Brasil afora. Os Snrs. Bispos e Vigários, notadamente do Nordeste, devem conhece-lo e divulga-lo o mais que possível. Suas frases são golpes certos contra aqueles adversários terríveis de Cristo que se rotulam de cristãos para melhor desfigura-lo. Sua argumentação é saraivada de granadas contra a cidadela da heresia, geradora de todas as outras do presente século e que, para melhor rasgar as paginas dos Evangelhos, proclamam-se seus arautos serem os únicos seguidores e interpretadores do Novo e do Velho Testamento. (SOUZA, 18/08/1951).

O colunista insiste na linguagem agressiva contra os protestantes. Podemos notar no texto a inserção dos corpos dos protestantes. Fazendo uma análise da obra de Certeau, Fabio B. Josgrilberg nos indica que:

Com a escrita, o Logos de uma sociedade é encarnado e os seus sujeitos são inseridos em um texto. Certeau, faz uma analogia entre o corpo e o livro para ilustrar este ponto. A lei feita carne pela escrita está registrada no corpo; ela coloca o corpo, chama o corpo, marca o corpo. (2005, p. 51).

Os protestantes seriam desfigurados quando os católicos os desafiassem com os argumentos do Pe. Feitosinha. Não iria restar pedra sobre pedra desta heresia, sua cidade que parecia fortificada pelas interpretações do Antigo e Novo Testamento reduzir-se-ia ao pó pela força das granadas argumentativas do padre.

“O Protestantismo a Luz da História” foi o tema de pelo menos sete artigos impresso no jornal. Estes artigos tinham o intuito de contar a história do protestantismo desde o dia da sua fundação até aqueles dias daquelas edições. Os autores davam sua interpretação dos eventos, colocavam os nomes dos reformadores, escreviam sobre as diferenças doutrinárias e dos ritos e por último fechavam com a situação atual do protestantismo pelo mundo e sua situação aqui no Brasil.

As missões protestantes, especialmente as missões da América do Norte, eram o alvo dos comentários do colunista:

Em 1931 dizia o Conselho Geral de Missões Nacionais Protestantes: "Há nos Estados Unidos 10.000 povoações sem igreja, 30.000 sem pastor residente e 13.400.000 crianças menores de 12 anos sem instrução religiosa".

Segundo um jornal norte-americano (sic), durante o ano de 1940 fecharam-se nos Estados Unidos mais de 1000 igrejas; enquanto o número de templos católicos aumentam sem cessar.

E apesar de tudo, os comitês protestantes de missões estrangeiras continuam despachando para América do Sul, para Colômbia (para o Brasil) grupo de pastores bem pagos para virem anunciar-nos que o protestantismo, o fator da anarquia religiosa, o desmoralizador das sociedades, o pai do ateísmo, o moribundo (sic) em toda parte, vem ser a nossa luz para a verdade, venha comunicar-nos a vida, velha salvar a Colômbia. (Salvar o Brasil). (OSPINA, 1/2/53, p. 2).

O argumento agora se volta a atacar as razões da vinda dos protestantes para o Brasil. Eles não deveriam estar aqui, ou em qualquer outro lugar se não em suas plagas. Lá na outra América a situação espiritual estava calamitosa: sem pastores, igrejas fechando suas portas, crianças desamparadas. Um pastor americano aportar aqui no Brasil para pregar a salvação, seria uma atitude irresponsável, um "fator de anarquia religiosa" (termo bastante usado em relação ao protestantismo). "E se viessem dizer-lo a nós, que estamos informados da sua decomposição cadavérica nos Estados Unidos e na Europa, seria certamente uma imprudência inqualificável que excitaria a nossa indignação". (OSPINA, 1/2/1953, p. 2).

- Em tais escrituras, o protestantismo estava fadado à derrota, pois se em sua terra natal não estava mais frutificando, não iria produzir em outro lugar. O contrário acontecia com a Igreja Católica, enquanto os templos protestantes fechavam suas portas, "o número de templos católicos aumentam sem cessar".

O argumento do fracasso protestante passa pelos números. É a quantidade de templos abertos e fechados que medem o sucesso e fracasso das duas religiões. Vale ressaltar aqui que o autor do artigo não cita suas fontes, portanto a força do seu argumento é meramente colocada sobre sua autoridade eclesiástica.

O último artigo com o título de "O Protestantismo à Luz da História" relaciona os motivos da vinda dos protestantes para a América do Sul. Motivos espúrios proporcionados pela situação de penúria religiosa na América do Norte;

A vinda dos missionários protestantes a nossa terra é por si só prova manifesta de que essa propaganda não prima por verdadeiro zelo religioso, tal zelo levaria a trabalhar no seu país, primeiramente por tratar-se de sua pátria e depois porque ali o mal da irreligião e incredulidade tomou proporções monstruosas. Mas, à falta de motivo religioso, há dois motivos que os pastores protestantes tem mais força que o bem das almas. O primeiro motivo é o econômico. Se não viessem pregar sua interpretação da Bíblia não receberiam os chorudos ordenados que as sociedades das missões oferecem aos pastores que se resolvem a vir à América do Sul. O Segundo motivo é o político. É claro que enquanto uma nação conserva uma unidade religiosa, encontra nela uma força incomparável de independência (sic) política, em face de nações mais fortes que ameaçam absorver-las. (A AÇÃO 22/2/53, p. 2).

Novamente, os protestantes são vistos como pessoas sem zelo religioso, pois que, se fossem zelosos e amantes da sua religião permaneceriam em sua pátria, pois a descrença e a negação da religião estavam reinando nos Estados Unidos. Os protestantes vinham para a América do Sul primeiramente para ganhar muito dinheiro, desfrutando assim de uma boa vida, e em segundo pela falta de unidade religiosa e política da sua pátria mãe. Era, portanto, mais fácil sobreviver em países que não os ameaçavam e que eram de alguma forma subordinados as políticas norte-americanas. Para o autor esses motivos já eram bastante para rechaçar essa religião, seus motivos de permanência não eram divinos, mas puramente humanos. Os brasileiros deveriam "[...] resistir com todas as forças a toda a penetração protestante".

A escrita, como já foi posto, é o lugar das estratégias por utilizar uma série de procedimentos formalizados. Estas estratégias manipulam as relações de poder organizando as relações sociais. Os jornais que usamos neste momento datam da década de 1950, período mais intenso das perseguições contra os Batistas Regulares. A Igreja Católica usou várias estratégias de perseguição, uma delas foi a escrita: publicações de artigos no jornal e edições de livros. A cidade do Crato, reduto de intelectuais, foi quem mais usou dessa estratégia. Nesta cidade não houve por parte dos católicos uma perseguição aos corpos físicos dos protestantes. Por outro lado a violência escolhida por estes intelectuais foi o uso da palavra escrita

para denigrir à imagem, à moral, à espiritualidade e à dignidade dos Batistas Regulares naquela cidade.

As perseguições tornavam os crentes mais resistentes aos ataques e muito mais cuidadosos com o testemunho. Perseguidos na cidade, escurraçados nas zonas rurais e desalojados muitas vezes do meio de suas próprias famílias eles não se intimidavam. Continuavam dando seu testemunho de amor a Bíblia e ao Senhor Jesus Cristo. (LIMA, 1997, p. 49).

Em Juazeiro e Barbalha as perseguições foram mais intensas no sentido de ferir corpos, destruir objetos e constranger pessoas. A batalha saiu do campo discursivo e ganhava ares de uma cruzada contra o corpo do outro.

4.1.2 – As homilias dos padres geradoras das práticas de violência e as táticas de permanência dos protestantes

“Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?”

(Carta de Paulo aos Romanos 8:35)

Os missionários batistas começaram a chegar na segunda metade da década de 1930 na região do Cariri, e em pouco mais de dez anos, os batistas já tinham inaugurado uma escola primária (final de outubro de 1945 – 1946), um instituto preparatório de pastores e missionários na cidade de Juazeiro do Norte (Instituto Bíblico Batista, 25 de fevereiro 1946), e algumas congregações³⁷ que recebiam seus primeiros convertidos (LIMA, 1997, p. 50-4). Estas informações levam-nos a pensar

³⁷Há uma diferença entre congregação e igreja na organização dos Batistas Regulares. Geralmente uma congregação é uma pequena comunidade de pessoas que se reúnem regularmente, mas que dependem de determinados auxílios (pregadores, professores de escola bíblica dominical, finanças, etc.) de uma igreja organizada. Uma igreja é marcada pelo auto-sustento tanto espiritual, quanto físico e financeiro. As igrejas Batistas Regulares organizadas são auto-dependentes, cada uma é autônoma para tomar suas decisões.

que os protestantes em pouco tempo já estavam passando pela fase de aceitação por parte da população cariense. Isso realmente estava acontecendo, mas não foi fácil conseguir esse feito, tanto missionários quanto aqueles primeiros convertidos passaram por dificuldades em Juazeiro do Norte e Barbalha até a década de 1960.

O desejo inicial de Edward McLain em tornar Juazeiro em um grande centro evangélico contou com a insistência, e porque não dizer com a teimosia dos missionários em permanecer nestas cidades.

O espaço religioso já estava organizado e em pleno funcionamento quando da chegada dos missionários. Implantar uma nova religião exigiria dos missionários determinados procedimentos³⁸. Já ressaltamos que algumas vezes as ações dos Batistas Regulares nos darão a sensação do uso de estratégias, pois com o passar do tempo e com a permanência do grupo na região cariense, os Batistas acabam criando um lugar próprio de onde podem organizar determinadas relações sociais.

"Espaço é um lugar praticado", afirma Certeau (1994, p. 202), onde acontecem os movimentos do dia-a-dia, do cotidiano. As práticas acontecem dentro de um lugar organizado, o que podemos chamar movimentos táticos (JOSGRILBERG, 2005, p. 73).

Trata-se de pensar um espaço criado por uma série de movimentos dentro do campo visual do "inimigo". Tais movimentos se beneficiam das fissuras no campo do adversário e de oportunidades contingentes, ou seja, os movimentos são produzidos a partir de certa organização estabelecida pelo inimigo. Em constante tensão com o lugar próprio, o espaço é marcado por "cruzamentos de movimentos", é o "efeito produzido por uma série de operações", uma "unidade polivalente de programas conflitivos" ou uma "unidade de proximidades contratuais". (JOSGRILBERG, 2005, p. 74).

Na utilização do espaço os movimentos táticos são necessários. As práticas cotidianas tais como: falar, ler, circular, andar, conversar, são táticas, "vitórias do 'fraco' sobre o mais 'forte' (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.)". (CERTEAU, 1994, p. 47).

As primeiras ações dos missionários pioneiros operavam sobre o lugar próprio organizado pela Igreja Católica, ou seja, o lugar do outro.

³⁸Aqui irei, mais uma vez, me apropriar dos conceitos de espaço e táticas de Michel de Certeau.

As operações táticas (virar, usar, caminhar, ler, cozinhar etc.) também fazem parte da démarche que tanta organizar o espaço e são elas as responsáveis pela pluralização das referências sociais. Tais movimentos compõe uma "arte", a arte do fraco, que opera dentro do lugar; uma arte performativa [...]. (JOSGRILBERG, 2005, p. 76).

Véremos neste momento os discursos dos clérigos alguns deles encontrados nos em jornais, outros em depoimentos orais que relatam as ações dos católicos e as reações dos protestantes diante destes discursos.

Já relatamos como foi a recepção por parte do Pe. Orlando Bezerra em Juazeiro do Norte ao missionário Edward McLain. O padre termina aquele diálogo fazendo uma ameaça ao missionário e sugerindo a saída do missionário da cidade. A ordem não foi obedecida, e Edward McLain permanece na cidade, mesmo sabendo o que poderia acontecer com ele. Dar-se início então a uma perseguição ao missionário na tentativa de expulsá-lo de Juazeiro. Edward McLain permanece sem a companhia de outros missionários na cidade por dois anos. A partir de 1938 chegaram outros (as) missionários(as) para ajudá-lo no trabalho evangelístico. Estes também iriam sofrer as consequências da perseguição;

De 1936 a 1940 um bom número de pessoas tinha sido ganho para Cristo. Mas era difícil ser crente em Juazeiro. O Pe. Orlando fazia um constante esforço para expulsar os missionários. Sr. Edward relata que, no dia 21 de abril de 1940, os padres divulgavam seus nomes e endereços das casas dos missionários pelo alto-falante. Elas seriam invadidas pelo povo, e teriam seus pertences destruídos. (LIMA, 1997, p. 43-4).

Edward, nos dois primeiros anos de sua estada na cidade, aprendera muito sobre a cultura do povo cariense. Nas palavras do Pr. Jaime Augusto Lima³⁹, ele aproveitava-se dos locais de aglomeração de pessoas para visitá-los e, assim, gerar amizades. Somente assim ele se tornaria conhecido e sua identidade também apareceria para as pessoas. Identidade já forjada pela Igreja Católica como inimigo da Igreja. O intuito de Edward era desconstruir essa imagem de um inimigo mortal e passar a ser amigos das pessoas.

³⁹Entrevista 01 concedida no dia 01/02/2011. Pr. Jaime Augusto Lima é professor da cátedra de História dos Batistas no Seminário Batista do Cariri. Autor da obra *Que Povo é Esse? Uma obra de referência sobre a história dos Batistas Regulares no Brasil*. Constam no seu acervo pessoal os diários de alguns primeiros missionários. Além disto, ele conheceu pessoalmente os missionários pioneiros e foi um dos que presenciou a campanha antiprotestante no Cariri.

Conversando com Edward MacLain, ele não usava um tipo de evangelismo que poderíamos chamar de agressivo. A estratégia dele foi aquela coisa bem pacífica, bem lenta e não reagia aquelas perseguições, mas ele agia sorrindo, andava pela cidade, procurava fazer amizade com as pessoas. Era o tempo que se usava os cafés. Ele andava pelas praças onde tinham aqueles cafés onde às pessoas, os homens da cidade se encontravam para bater papo, para conversar, para se divertir. Ele também frequentava esses locais, onde se encontrava com as pessoas e ali criava laços de amizades. (ENTREVISTA 01).

O fazer amigos era a tática mais ideal para aquele momento. Edward soube usar as relações espaciais e as sensibilidades afetivas na elaboração de novas conquistas. Nos momentos de ausência do poder, ele soube jogar no terreno do outro se aproximando das pessoas tornando-as amigas. Nos cafés da cidade, nas praças e nas ruas em dias normais, o poder religioso não circulava com muita vigilância, circulavam os transeuntes, que por vezes eram levados pela curiosidade de conhecer um estrangeiro, se aproximavam de Edward.

A tática é a arte do fraco. [...] Quando maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efeitos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de "demonstrações" é geralmente inútil e "a seriedade da amarga necessidade toma a ação direta lugar a esse jogo". As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como "último recurso": "Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia". Traduzindo: tanto mais se torna tática. (CERTEAU, 1994, p. 101).

Para as perseguições, Edward sorria, uma atitude contraditória aquilo que o sofrimento leva a vida das pessoas. Não, que ele gostasse das atitudes de perseguição por parte das pessoas, mas ele tinha a certeza que aquilo tudo não o afastaria do propósito divino. O Pr. Jaime Augusto Lima assim nos conta:

Sr. Edward usou duas estratégias para permanecer em Juazeiro do Norte: a estratégia humana e a estratégia divina. A estratégia divina não tem lógica para gente explicar, é o que acontece. Eu acredito que foi muito mais forte, porque crendo no propósito de Deus, na soberania de Deus e que foi aquilo que Deus determinou, há de cumprir conforme Ele pré-determinou. Então homem nenhum haveria de mudar a ordem do propósito e da vontade de Deus. (ENTREVISTA 01).

Nada se comparava a alegria de estar cumprindo o propósito que Deus tinha para Edward. Talvez fosse isso que o fazia sorrir em meio às perseguições. Ele cria firmemente nesse propósito divino e que nenhum homem o frustraria. Essa alegria chamava a atenção das pessoas principalmente dos clérigos. As perseguições deveriam continuar e fazer os missionários sofrerem era uma estratégia dos padres da cidade.

Edward passou aproximadamente dois anos morando na pensão de um homem chamado Chico Bode⁴⁰, esse homem foi quem interveio para defender Edward contra o Pe. Orlando, mandando se retirar do seu estabelecimento (LIMA, 1997, p. 40). Os padres da cidade faziam uma pressão muito grande sobre a população para que não fornecessem os mantimentos necessários para os missionários. Água, leite, e até mesmo os feirantes não vendiam seus hortifrúteis temendo a represália dos padres. Casa para morar era outra dificuldade, as pessoas não alugavam as casas para os missionários.

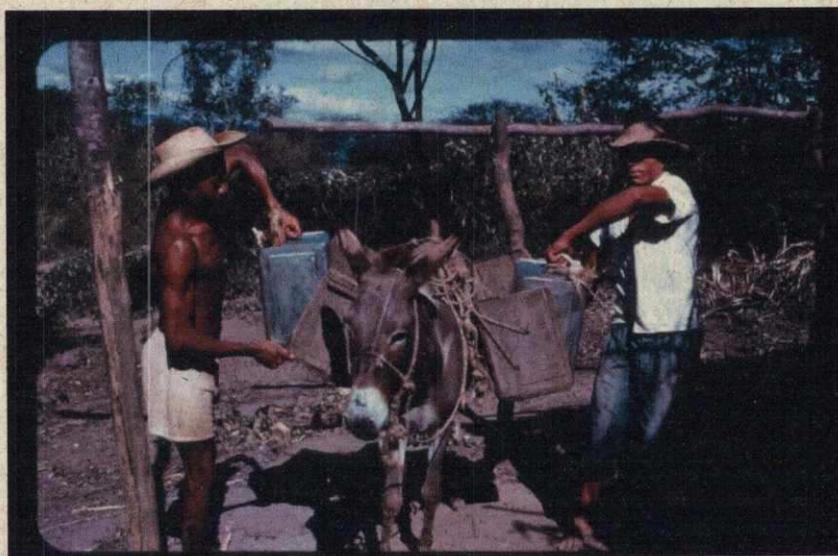


Figura 8 – O atendimento de água em Juazeiro do Norte na década de 1950 chegava às casas levada por animais, mas não chegava às casas dos missionários por ordem dos padres.

Fonte: Acervo do Autor.

O círculo de amigos criado por Edward McLain foi providencial neste momento:

⁴⁰Chico Bode fora o apelido dado pelos moradores da cidade ao dono da pensão onde o Sr. Edward McLain se hospedara em Juazeiro do Norte.

Foi através dessas amizades, principalmente com Dr. Mozart Alencar que foi prefeito de Juazeiro. Ele era um médico famoso em Juazeiro, que através das pessoas que ele atendia tornou conhecimento da situação, que por causa da influência do clero as pessoas não atendiam os missionários: não forneciam leite, nem água, nem alugavam casas, pois as pessoas eram muito carolas e quem fornecia alguma coisa para o missionário era perseguido pelo clero.

Então Dr. Mozart Alencar sabendo dessa situação, conversa com Edward e se compromete a não deixar faltar nada para o missionário. Dr. Mozart alugou uma casa para Edward, na rua Pe. Cícero. Ele era dono de uma vacaria e possuía terrenos perto da cidade, e mandava deixar para Edward, lenha, leite e outras coisas que o missionário necessitasse. (ENTREVISTA 01)

As amizades com pessoas influentes da cidade fazia parte da tática usada pelos missionários para circular na cidade e isto também quebrou um pouco do poder dos padres em relação à influência que eles tinham sobre a população. Segundo Pr. Jaime Augusto, mudou-se até mesmo a mentalidade das pessoas influentes quanto à questão da perseguição aos protestantes:

Um dos efeitos da amizade que os missionários tinham com as pessoas foi uma dar armas usadas pelos missionários. Eles conseguiram esse respeito por dois motivos: primeiro era a educação dos missionários, eles eram pessoas muito educadas; segundo, o brasileiro tem um defeito: é de valorizar o que é de fora, e ser amigo de um americano trazia status às pessoas. Parece que as pessoas consideravam ter status por ser amigo de um americano, e o fato de ser amigo de Mrs. Edward e Mrs. Jim trazia isso na mentalidade das pessoas. De modo que as pessoas que pertenciam às classes mais elevadas atribuíam a perseguição aos missionários às pessoas menos instruídas e mais atrasadas. (ENTREVISTA 01).



Figura 9 – Edward McLain e sua esposa Inês McLain. Companheiros no mesmo propósito.
Fonte: Acervo do Autor.

Edward McLain, além de tratar as pessoas com educação e amizade, usou outra tática para evangelizar algumas pessoas em Juazeiro do Norte: ensinar a sua língua materna. Instalou-se em Juazeiro do Norte uma fábrica de extração de óleo vegetal norte-americana chamada Anderson Clayton e & Cia Ltda. Vários funcionários dessa empresa tinham o desejo de aprender a língua dos seus patrões, foi a chance que Edward precisava para se aproximar daquele grupo de pessoas.

Edward também ensinou inglês, começou de uma maneira muito lenta.

Primeiro ele deu algumas aulas numa antiga fábrica americana de extração de óleo chamada de Anderson & Clayton, uma companhia do Texas.

Edward criou um vínculo com as pessoas da fábrica depois de conhecê-las após uma visita. Ele então começou a ensinar inglês a algumas pessoas interessadas, alguns funcionários da fábrica.

Nas aulas Edward deixava a Bíblia aberta sobre a mesa, e certo dia na volta do intervalo das aulas, tinha um aluno que tomou a Bíblia nas mãos e perguntou a Edward: que livro é esse?

Veja que Edward não usava uma maneira agressiva de pregar o evangelho, ele não-entrava assim, era a estratégia da amizade.

Edward começou então a explicar que aquele livro era a Bíblia sagrada, a palavra de Deus, e começou a falar sobre o amor de Deus, e dois homens se converteram: Dimas Montoril e Pedro Mitoso. (ENTREVISTA 01).

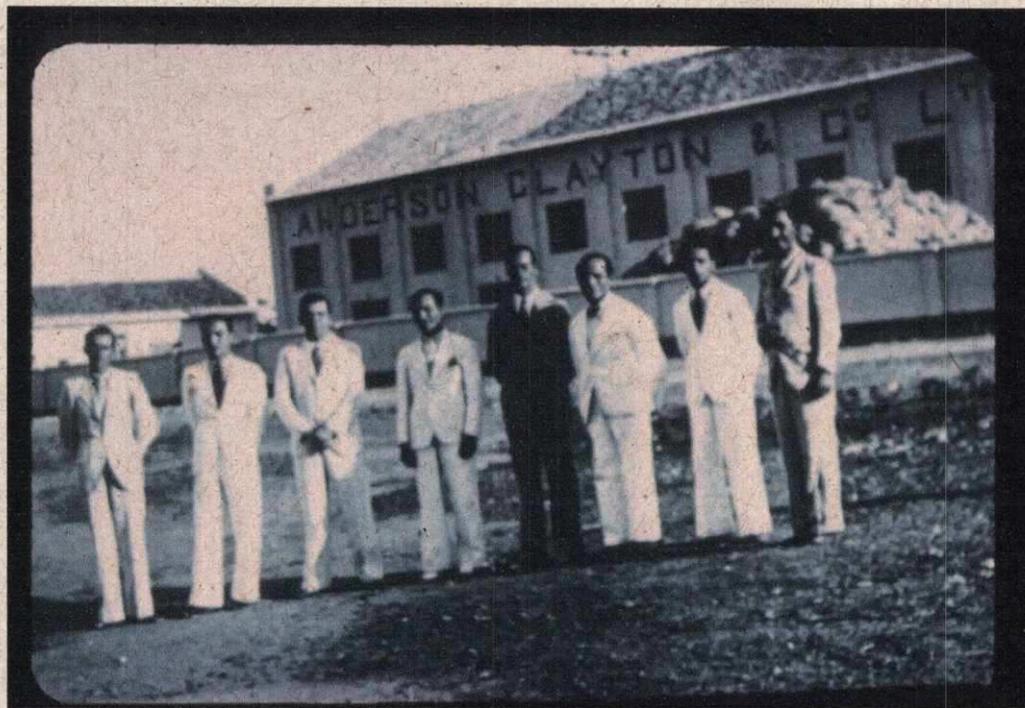


Figura 10 – Grupo de alunos de inglês da fábrica Anderson Clayton & Cia LTDA.
Fonte: Acervo do autor

Eram poucas as oportunidades que Edward tinha de falar da sua fé. Quando as oportunidades apareciam, ele as agarrava. Percebe-se na ação do missionário a sua perspicácia de usar os momentos certos para dar vazão aos usos táticos. A fábrica era um lugar que não estava sobre a vigilância do poder religioso, e foi em lugares como este, que Edward conseguia penetrar e transmitir sua fé.

Alberto Johnson usou da mesma tática de Edward McLain, mas desta vez na cidade de Barbalha. “Nenhuma cidade da região ofereceu tanta oposição aos crentes, quanto Barbalha, a 10 km de Juazeiro”. (LIMA, 1997, p. 45). Esta cidade, semelhantemente ao Crato, aspirava ares de intelectualidade. O depoimento de Dr. Napoleão⁴¹ é esclarecedor quanto ao contexto da cidade quando os protestantes Batistas chegaram à cidade em 1940:

Quando os protestantes chegaram ao Cariri, sobretudo em Barbalha, Barbalha era uma cidade eminentemente tradicionalista, era uma cidade de famílias bem plantadas, girando em torno da aristocracia da cana-de-açúcar e dos engenhos de rapaduras, em torno de oitenta engenhos. Era a capital da rapadura, eram trezentas mil cargas de rapadura por ano e era uma cidade que gravitava em torno da Igreja Católica sobretudo porque ela foi

⁴¹Entrevista 2 Concedida em 02/02/2011. Dr. Napoleão Tavares Neves é médico na cidade de Barbalha, Professor Honoris Causa, título outorgado pela Universidade Regional do Cariri. Um amante da história, como muitos lhes chamam. Conhecedor profundo da história da cidade de Barbalha.

fundada a sombra de Santo Antônio. O primeiro prédio construído em Barbalha foi a Igreja de Santo Antônio inaugurada antevéspera do natal de 1798. Então, entorno da capelinha surgiram às casas da cidade de Barbalha. Então, Barbalha era uma cidade muito tradicionalista. (ENTREVISTA 02).

Com toda essa tradição religiosa, Barbalha reagiria de modo voraz à invasão dos missionários Batistas, conforme podemos ver no depoimento de Dr. Napoleão:

Quando os protestantes chegaram aqui, a cidade reagiu, reagiu como se fosse uma invasão de cangaceiros quase. Os líderes católicos tendo a frente o célebre médico Dr. Pio Sampaio, Antônio Costa Sampaio que era integralista, Zeca Duarte pai de várias freiras que perseguiu por várias vezes os protestantes, várias lideranças católicas se irmanaram para repelir aquela invasão. Invasão que para estas lideranças se igualavam a horda de bárbaros ou de cangaceiros.

Dr. MarchetCallou⁴² que era um dos líderes católico, orador, home de cultura, primeiro dentista formado do Cariri aqui chegado em 1938 criou aquela frase que foi estampada na entrada da cidade: "Alto lá senhores protestantes, a Barbalha de Santo Antônio já está evangelizada". Aquilo é como se fosse uma citação da bíblia, "vá embora satanás", para que os protestantes não viessem.

Naquela época foi terrível, aquela placa era uma advertência para quem chegasse, mas os protestantes sempre muito determinados conseguiram passar por tudo isso e se firmaram na cidade.

Houve certos encontros violentos por parte dos católicos, inclusive com apedrejamentos. Sr. Zeca Duarte era um empedernido católico que repudiava o protestantismo de todas as formas. (Zeca Duarte era um comerciante influente na cidade, muito rígido na criação dos filhos, é tanto que três de suas filhas foram ser freiras). Era um homem que respirava o catolicismo vinte quatro horas por dia. (ENTREVISTA 02).

Foram feitas várias algumas tentativas de realizar cultos ao ar livre naquela cidade, mas todas foram frustradas, pois os católicos intercediam e acabavam com o culto. O método era o mesmo usado em Juazeiro do Norte: destruição de Bíblia, muita gritaria, apedrejamento, banhos de água tudo isso acompanhado com o discurso do pároco da cidade. Essa tática não funcionou nas primeiras tentativas. A melhor opção era o evangelismo pessoal ou por testemunho. Algumas pessoas

⁴² O livro de Tombos narra assim a inauguração da placa contra os protestantes fincada na entrada da cidade: No dia da Bíblia 27-09-59 a Paroquia promoveu um grande avivamento. Mandou fazer uma placa em Fortaleza em que se lê o antigo protesto do povo de Barbalha contra a invasão protestante: "Alto lá Senhores Protestantes, a Barbalha de Santo Antônio Já Está Evangelizada". Entre fogos, vivas e música, foi levantada esta placa no símbolo de Cristo PX. Por ocasião falou o Dr. MarchetCallou e o Vigário. Por fim foram distribuídas bíblias e Novos Testamentos entre o povo. Essa demonstração de fé católica e repulsa à heresia luterana tomou-se de calor e entusiasmo indizível deixando a todos reconfirmados na fé Católica Apostólica Romana. (Placa Contra os Protestantes. Livro de Tombo I da Matriz de Santo Antônio de Barbalha - Ce.)

converteram-se e passaram a frequentar os cultos. Mais uma vez os evangélicos tinham que ser astutos e conseguir burlar a vigilância do poder.

Os Batistas não desistiam de realizar os cultos nas casas daqueles que se convertiam. Mas, não adiantava se recolher dentro de uma residência, quando a notícia de uma reunião chegava aos ouvidos do clero, as ações já planejadas eram efetivadas, como está escrito no livro de Tombos da Matriz de Santo Antônio de Barbalha do dia 11 de março de 1951:

No dia 11 de março um pastor protestante realizou um culto na residência de um sargento da polícia cuja mulher dizem ser d'aquela seita. A indignação do povo católico foi grande a "cruzada contra o protestantismo", obedecendo ao toque do sino, logo se dirigiu ao local onde, uma cooperação com o destacamento especial, vindo do quartel de Joazeiro, conseguiram libertar o discípulo de Lutero e sem [...] numa fuga vergonhosa e humilhante por quintais e muros de residências vizinhas. "Alto lá". "Srs. Protestantes, A Barbalha de Sto. Antônio já está evangelizada" (LIVRO DE TOMBO 1, 11/03/1952).

Os habitantes católicos de Barbalha já sabiam que quando o sino da igreja tocasse, era o sinal de partir para a batalha contra os protestantes a fim de humilhá-los e expulsá-los da terra de Santo Antônio. O sino era um toque que despertava o barbalhense para a batalha contra o outro, quebrando carros, destruindo escritórios, conforme mostra a fotografia abaixo:

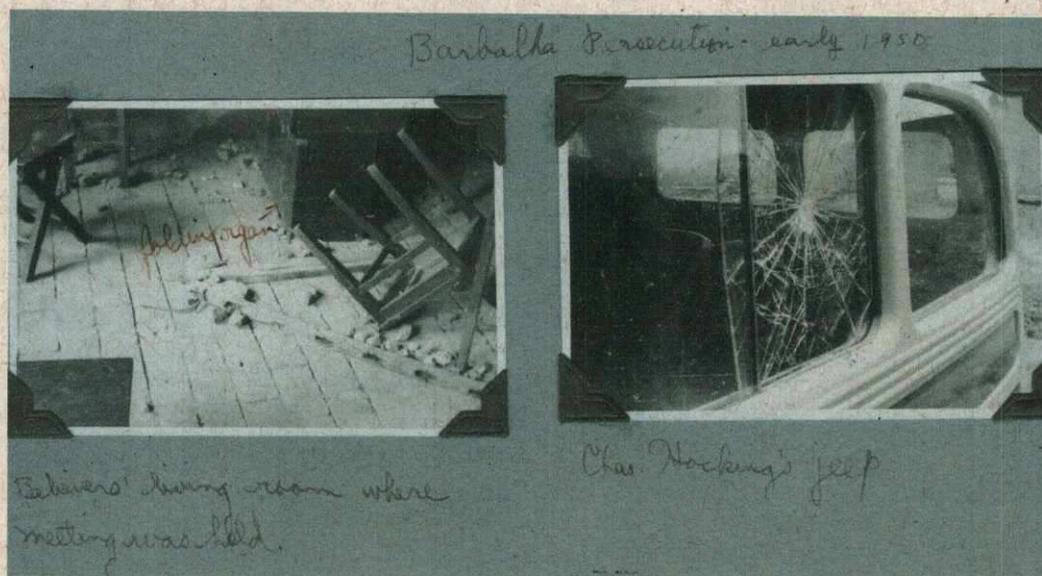


Figura 11 – Cartão com fotos da perseguição: do lado esquerdo nota-se uma sala de reunião de oração com os móveis destruídos. Do lado direito, o carro Jeep dos missionários apedrejado pela população barbalhense. (Foto de 1950)

Fonte: Acervo do Autor.

O clero barbalhense usou de subterfúgios para conseguir deturpar a imagem dos protestantes em Barbalha.

Em Barbalha no período das santas missões em 1952 a 1954, o clero simulou um debate público entre um padre e um pastor protestante que era um padre disfarçado de pastor, imagina quem ganhou o debate? Eles usavam de qualquer estratégia para poder desmascarar o protestantismo, nos documentos que eles publicavam diziam que os pastores deveriam ficar na sua terra e alguns diziam que os missionários tinham outras intenções inclusive de dominar. Isso afastava as pessoas dos cultos e da igreja. (ENTREVISTA 01).

A chegada do missionário Alberto Johnson em Barbalha foi preponderante para mudar a situação de perseguição aos Batistas. Assim como em Juazeiro, ninguém alugava casas para os missionários. Sr. Alberto era um missionário que ministrava aulas de inglês, ciências, geografia em escolas da região. Era um homem muito educado e cuidadoso no trato com as pessoas. E com isso ganhava a amizade dos seus alunos e de quem se aproximava.

As perseguições em Barbalha foram horríveis, mas foi com Sr. Alberto Johnson com o trato de amizades, ensinando inglês e outras disciplinas, com toda mansidão que ele tinha, com muita conversa, fez amizade com uma pessoa de uma família influente, a família Luna, um rapaz que era aluno dele, e certo dia perguntou ao Sr. Alberto por que ele não iria morar em Barbalha. Sr. Alberto respondeu que não tinha uma casa para morar lá, não acho uma casa para alugar em Barbalha. A resposta daquele rapaz foi

que iria arranjar uma casa para o missionário. Aquele rapaz poderia fazer isso, pois era de uma família influente da cidade. Em questão de dias o rapaz arrumou a casa se Sr. Alberto muda-se para Barbalha, daí ele começou o trabalho evangélico. O grande segredo e a grande estratégia de Sr. Alberto foi fazer amizades. (ENTREVISTA 01).

Ao mesmo tempo em que Sr. Alberto fazia amizades, ele mudava, transformava a identidade protestante na cidade de Barbalha. Os missionários eram pessoas de fino trato e que tinham algo a ofertar para a comunidade.



Figura 12 – Missionário Alberto Johnson em sua casa na cidade de Barbalha.
Fonte: Acervo do autor

Os missionários em certo ponto começaram a desafiar a estrutura do lugar organizado pela religião vigente. Os cultos ao ar livre era uma afronta ao catolicismo que não suportava a presença dos protestantes nas ruas de Juazeiro e Barbalha pregando sua heresia.

A população era usada pelos clérigos para perseguir os protestantes. Os cultos ao ar livre aconteciam nas frentes das residências daqueles que se convertiam, ou nas praças da cidade, uma prática constante dos Batistas Regulares. Era um momento de evangelização que missionários usavam, uma maneira de fazer propaganda de sua fé e ganhar outras pessoas para sua religião.

O primeiro culto evangélico (ou de propaganda) que eles fizeram publicamente foi em 1940 em frente da casa de D. Elizabeth Mills.

Como eles falavam português com dificuldade, convidaram um pastor da convenção batista que veio inclusive com sua família. Os missionários davam o sustento para esse pastor.

Os missionários disseram que esse pastor falava muito alto quando estava pregando e as pessoas podiam ouvi-lo à distância.

Neste culto, quando o pastor estava pregando chegou o padre a porta com sua multidão falando, e pastor falava mais alto, e o padre também falava mais alto ainda. A perseguição começou assim, o padre com a multidão querendo atrapalhar os cultos.

A perseguição aumentava à medida que os missionários e os crentes pregavam o evangelho e visitavam as pessoas nas casas, já tinha um pastor brasileiro que pregava.

E um dos maiores perseguidores foi Pe. Orlando Bezerra. (ENTREVISTA 01)

Os relatos mais intensos foram narrados pelos próprios missionários e consta na obra do Pr. Jaime Augusto Lima. O Sr. Jim Willson narra um deles:

Sexta-feira, 27 de fevereiro de 1948, uma forma de perseguição alcançou seu clímax nesse período eleitoral.

Ia haver um culto ao ar-livre no bairro São Miguel. Eu não assisti, porque me pareciam que as coisas estavam calmas. Ao culto compareceram muitos Católicos.

A gritaria e as pedras voando no espaço interromperam a reunião. Louis Kinsel (Dna. Luíza Brooks) foi ferida por uma pedra que cortou a testa.

Quando os crentes chegaram no Instituto para me avisar, eu fui com eles chamar a polícia.

Falei ao delegado, um major, que isso era intolerável, e que o Secretário de Segurança do Estado, as autoridades federais e as embaixadas Britânica e Americana seriam acionadas se ele não agisse. (LIMA, 1997, p. 44).

Os crentes eram instruídos pelos missionários a não reagirem com violência. Mas procurarem seus direitos para continuarem com suas práticas. A violência contra os corpos fazia parte da estratégia da Igreja Católica, boa parte do clero da época incentivava os católicos a agirem dessa maneira. O lugar deveria ser (re)organizado a todo custo, e caso fosse necessário derramar sangue isso aconteceria sem maiores problemas.



Figura 13 – Culto ao ar livre na década de 1950 na Praça Pe. Cícero no centro da cidade de Juazeiro do Norte. O pastor está no centro da foto e uma multidão ouvinte ao redor.

Fonte: Acervo do Autor

A violência não cessava e alguns desses momentos foram marcantes para alguns pastores daquela época. Pr. David de Lima Gino passou por esta experiência por algumas vezes e narra assim alguns fatos:

Na época da minha chegada em Juazeiro do Norte por volta da década de 1950 o trabalho de evangelismo e de fundação de igrejas no Juazeiro e no Cariri com um todo era muito difícil, porque havia uma perseguição muito forte da Igreja Católica, especialmente por parte dos franciscanos. O Pe. Orlando e depois os franciscanos desencadearam uma perseguição muito forte achando que com a violência eles expulsariam os protestantes como eles chamavam do Cariri todo, mas especialmente de Juazeiro do Norte.

Eu presenciei muitas vezes, cultos sendo invadidos por franciscanos, às vezes não frades mesmos, mas os seus ajudantes, eles usavam especialmente esses ajudantes. Os franciscanos mesmos, os frades, eles foram algumas vezes, mas o normal eram eles mandarem alguém. (ENTREVISTA 04)

Pr. Davi Gino⁴³ nos relatou em entrevista que sua chegada a Juazeiro do Norte aconteceu no final de 1955, veio para estudar na escola primária e depois ingressar no Instituto Bíblico Batista e forma-se no curso de pastor. Logo na sua chegada ele começou a trabalhar junto com os missionários pregando o evangelho e

⁴³Entrevista 03 cedida em 28/02/2011. Pr. David de Lima foi um dos primeiros estudantes do Instituto Bíblico Batista. Foi pastor da Primeira Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, professor do Seminário Batista do Cariri. Conviveu por muito tempo com os missionários pioneiros em Juazeiro do Norte e conforme a entrevista vivenciou o período da campanha antiprotestante no Cariri.

ajudando nos cultos tanto na congregação, quanto nos cultos ao ar livre. O entrevistado confirma as agressões feitas por parte dos católicos nestes momentos:

Eu presenciei uma vez foi na Rua Santa Luzia na casa do irmão Joaquim Vieira e D. Valdetrudes. Nesta época havia aqui um evangélico chamado José Liberato, que nós o chamávamos de Tenente José Li.

Então, Tenente José Li foi para esse culto fardado de policial e isso serviria como uma proteção. A polícia não foi, mas como ele era policial ele estava presente.

Antes mesmo do culto se iniciar chegou uma grande multidão, eu não lembro se no meio dessa grande multidão tinha algum franciscano, um frade, mas eram sempre mandados e incentivados por eles.

Eles invadiram, e o Tenente José Li nada pode fazer em vista de que era um grande número de pessoas. Mesmo se apresentado como tenente da polícia o povo não o respeitou, passou por cima de tudo, agrediram evangélicos, rasgaram bíblias e a reunião terminou.

A violência foi tamanha que não houve mais ambiente para a reunião prosseguir. (ENTREVISTA 04)

Até mesmo quem estava do lado católico sentiu o clima pesado e de ânimos extremamente acirrados. O depoimento de D. Francismar Nepomuceno Monteiro⁴⁴ (D. Mazinha) denuncia essa ocasião:

Então por volta de 1953 ou 1954 houve um tumulto, uma guerra religiosa entre o catolicismo e o protestantismo aqui em Juazeiro do Norte. Onde o povo influenciado pelos franciscanos. Eu lembro que tinha mais ou menos onze anos. Lembro-me bem de Frei Mirocles que ele em um dos sermões, ele falando e rebatendo sobre o que os protestantes estavam mandando aqui em Juazeiro, e que não era possível fazer isso.

Então recordo-me que minha mãe era muito devota, assim, muito fanática, não era devota, era fanática pelos santos, e ela em uma das missas que agente foi das novenas, o Frei Mirocles falou na missa que estava havendo um culto na rua Todos os Santos ou na Rua São Domingos, não me recordo bem, porque os protestantes moravam na Rua São Paulo, onde tinha o colégio deles. A Igreja ainda estava sendo construída. Então, foi todas as pessoas que estavam naquele momento se dirigiram para aquela casa onde estava havendo o culto. Então, eu apesar de pequena, na idade aproximadamente entre dez ou onze anos, tive muito um medo vendo aquela multidão reunida, fiquei pensando que aquilo não estava certo.

Eu fiquei apavorada e pedia para minha mãe para voltar. Eu perguntava a minha mãe por que estavam fazendo isso com aquelas pessoas que não estavam fazendo mal a ninguém. Minha mãe me respondeu que aquelas pessoas eram protestantes. Eu perguntei: por que são protestantes? Ele me respondeu: porque não querem conversa com nossa igreja, não querem saber sobre Nossa Senhora. Isso era o ponto chave. Eu me recordo dessa

⁴⁴Entrevista 04 concedida em 07/01/2011. D. Francismar Nepomuceno Monteiro (D. Mazinha) é aposentada e católica praticante e presenciou e ouviu muitas vezes os franciscanos dando ênfase na campanha antiprotestante durante as missas na Igreja dos Franciscanos.

invasão. Esse ato foi denunciado nos rádios e todos na cidade ficaram sabendo.

Os padres proibiam agente passar até na porta da Igreja dos protestantes. Naquela época agente não tinha a mentalidade que nós temos hoje.

As pessoas gritavam contra os protestantes: vamos colocar para fora, Juazeiro é a terra da Mãe das Dores, outros davam vivas a Igreja Católica. A multidão era grande e estava eufórica. As pessoas estavam com paus e pedras nas mãos. (ENTREVISTA 04).

O papel dos frades franciscanos na década de 1950 foi preponderante na caça aos protestantes na cidade de Juazeiro do Norte. Esse grupo religioso chegou a promover uma passeata para expulsar os Batistas Regulares de Juazeiro.

Esta passeata se deu por conta de um confronto em 1960 na Rua do Cruzeiro. Relatado por Pr. David Gino.

Outro incidente, este para mim foi o maior de todos, aconteceu na rua do cruzeiro em 1960. Nós estávamos fazendo um culto no domingo à tarde, na residência de um cidadão chamado Sr. Antônio que se dizia evangélico. Quando o Pr. Raimundo Teixeira estava pregando e o missionário Jim Wilson estava lá, com o carro dele. Quando chega um franciscano, um auxiliar da igreja, desta vez ele chegou com um pequeno grupo, umas quinze a vinte pessoas, dentre estas pessoas, vários homens. O franciscano se aproximou uns cinco a dez metros e resolveu acabar com o culto com rezas e gritarias. Novamente não se tinha ambiente para continuar com o culto. Nesta hora, um seminarista correu para a casa de um cidadão chamado Pedro Feitosa, ele era ligado a Igreja Presbiteriana, a esposa dele pertencia aquela igreja. Ele gostava de dizer a seguinte frase: eu sou crente, mas meu braço não é. Era um homem que não temia nada. Poucos dias antes os franciscanos tinham acabado um culto da igreja presbiteriana, Pedro Feitosa sabendo disto, disse que num dia que um franciscano for acabar um culto seja de qual for a igreja corram lá em casa e me avisem que vai ser o último culto que eles acabam. Bem, quando o franciscano acabou o culto a notícia chegou a Pedro Feitosa por um dos nossos seminaristas, e em poucos minutos Pedro chegou ao local e se aproximou do franciscano e gritou que ele estava preso pegando na gola da camisa do franciscano, quando ele fez isso os outros homens se aproximaram e disseram que aquele homem só iria preso se Pedro levasse a todos. Nesse momento, Pedro viu que iria ser agredido pelos homens e sacou um revólver apontou para o grupo que se afastou com medo da cena do revólver. O homem que estava detido conseguiu se desvencilhar de Pedro e correu, e Pedro correu atrás dele e conseguiu captura-lo e derrubá-lo dando-lhe uma coronhada em sua cabeça e neste momento houve sangue e os homens não quiseram enfrentar mais o Pedro Feitosa.

Nesta mesma tarde de domingo aconteceu uma revolução em Juazeiro, a cidade toda ficou abalada, e os franciscanos começaram a convocar o povo nos alto falantes da igreja, avisando que iriam fazer uma passeata e que quebrariam a igreja batista durante a passeata. Com isto, se reuniram várias autoridades de Juazeiro: o juiz, o prefeito, delegado e até mesmo o missionário Jim Wilson estava presente nesta reunião e foram negociar com os franciscanos. Os franciscanos não queriam ceder em nada, eles iriam fazer a passeata, iriam invadir a igreja batista e iriam quebrar tudo. O delegado tentou de todas as maneiras convencê-los a não fazerem isto, mas não conseguiu. Porém, ele os responsabilizaria por tudo que

acontecesse com os batistas e com o patrimônio. Disse também que iria preparar o policiamento para dar proteção dos batistas. Com isto, os franciscanos fizeram um acordo com as autoridades: eles fariam a passeata; passariam de frente a igreja batista, mas não invadiriam. De fato fizeram, foi num domingo à noite, eu imagino que naquele dia tinha por volta de três a quatro mil pessoas naquela passeata descendo a Rua São Paulo, muitos com paus nas mãos, gritando palavras contra os batistas, mas passaram e não fizeram nada e não tocaram em nada. (ENTREVISTA 03)

Foi o momento da mais alta tensão entre estes dois grupos na cidade de Juazeiro do Norte. Notadamente o intento inicial dos franciscanos era exterminar os Batistas de Juazeiro e conseqüentemente de toda região.

A partir deste momento a perseguição usando a violência física diminui, mas restava ainda atacar as subjetividades dos protestantes e isto acontecia constantemente através dos xingamentos e palavras de preconceitos. O testemunho dado por Sr. Joaquim Vieira⁴⁵ constata isso;

Até quando Frei Damião quando chegou aqui em Juazeiro, eu assisti ele dizendo: não chame de bode, chame de sapo, porque bode se come, sapo ninguém não se come. Era uma raiva né? Muito grande dos crentes né? Mas graças a Deus estamos aqui, ou bode ou sapo estamos aqui com graça a Deus, sendo vitorioso. E Ele já se foi, ninguém sabe onde ele tá, Deus sabe né?⁴⁶

Bode, sapo, até mesmo a palavra protestante eram termos pejorativos e depreciativos com respeito aos Batistas ou a qualquer outro tipo de evangélico que chegasse a região caririense.

Os Batistas não se importavam com esses adjetivos dados pelos católicos. Os missionários continuavam visitando as casas, criando novos laços de amizade, ajudando as pessoas.

D. Elizabeth Mills foi a missionaria que chegou depois de Edward McLain. Ainda jovem chegou a Juazeiro em 1938. Ela visitava as pessoas de casa em casa. Ela era uma pessoa muito simpática, delicada com as pessoas. (ENTREVISTA 01).

⁴⁵ Joaquim Vieira, carpinteiro e um dos fundadores da 1ª Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte.

⁴⁶ Depoimento dado na ocasião do aniversário de 60 anos da 1ª Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte. Este depoimento está disponível gravado em DVD. O casal supracitado participou dos primeiros trabalhos juntamente com os missionários batistas pioneiros na região.

Alguns traços marcantes formavam a nova identidade dos missionários no Cariri: a delicadeza com as pessoas, o tratamento atencioso, muitas vezes nem pareciam inimigos. Colocavam-se em igualdade com aqueles cidadãos. D. Elizabeth ao chegar a Juazeiro, comprou um cavalo para transportá-la em suas visitas as casas das pessoas. Atitude semelhante teve o Sr. Jim Willson. Essa atitude enciumavam os clérigos católicos sempre carrancudos e indispostos a atender as suas ovelhas. Certo é que, os missionários aprenderam a se posicionar frente a uma cultura diferente da sua, caso contrário teriam enormes dificuldades de circular e agir taticamente no lugar do outro.

Outra maneira de circular no lugar do outro, foi à criação da Escola Primária Batista em 1945. Um sonho antigo do Sr. Edward McLain. A razão deste sonho se realizar foi que “Os filhos dos crentes passavam por sérios embaraços e dificuldades com a discriminação que havia nas escolas, públicas e privadas”. (LIMA, 1997, p. 50). No começo a escola serviu para acolher os filhos dos crentes, mas no processo de identificarem-se com o próximo, os missionários se preocuparam também em oferecer a população juazeirense vagas na escola para quem quisesse estudar. A escola começou a funcionar no seu primeiro ano letivo completo a partir de 1946.



Figura 14 – Alunos e alunas da Escola Primária Batista – Uma nova fase da história da educação na cidade de Juazeiro do Norte.

Fonte: Acervo do autor

A Escola Primária Batista funcionou como uma espécie de demonstração do caráter dos missionários, bem como uma afirmação aos perseguidores Católicos que os Batistas Regulares não iriam deixar a cidade, nem tão pouco a região. Segundo Pr. Jaime Augusto:

As perseguições foram se abrandando em virtude do instituto e da escola primária fundada pelos americanos, a educação do povo foi aumentando, as pessoas foram percebendo que os missionários traziam também educação e com o tempo o respeito foi aumentando, tanto é que até os dias de hoje o Ginásio Batista, antiga escola primária foi um balde de água gelada nas perseguições de Juazeiro do Norte, porque ganhou uma projeção tão grande que os filhos de juizes, políticos, médicos e as pessoas ditas nobres de Juazeiro colocavam seus filhos para estudar naquela escola. O instituto e a escola primária foram fundamentais para diminuir a perseguição porque os missionários eram pessoas muito prestativas, simpáticas e isso contava contra aqueles padres que eram educadores carrancudos, os missionários eram acessíveis ao povo, falavam com as pessoas, atendiam as pessoas com muita atenção e educação. Essas coisas faziam a diferença e facilitaram muito a convivência e a permanência dos missionários aqui na região, de modo que, quando o clero quis estremecer mais as relações eles não conseguiram porque os missionários tinham o apoio de parte da população e esta era influente na região, o clero assim perdeu suas forças. (ENTREVISTA 01)

O instituto citado na fala do Pr. Jaime Augusto foi criado para treinamento de pastores e missionários brasileiros. Os missionários batistas norte-americanos já estavam espalhados pelo Brasil ganhando mais pessoas para sua religião. A religião crescia e necessitava de mais pessoas para ajudar a cuidar do rebanho. Assim surgiu a ideia de criar o Instituto Bíblico Batista em 25 de fevereiro de 1946.



Figura 15 – Alunos do Instituto Bíblico Batista sendo treinados para ajudar nos trabalhos Batistas Regulares.

Fonte: Acervo do autor

Neste ano entra em cena um novo missionário Tom Willson, conhecido por Pr. Tomé, irmão de Sr. Jim. Um homem de valor acadêmico inestimável. Veio dos Estados Unidos, com os títulos de Bacharel em Artes no campo da filosofia feito no Wheaton College, e de Mestre em Divindades concedido pelo Grand Rapids BibleSeminary.



Figura 16 – Família Willson: Missionário Tomé Willson, sua esposa D. Eveline Willson e seus quatro filhos.

Fonte: Acervo do autor

Pr. Tomé Willson ajudou a elaborar uma imagem diferente para os Batistas na região. Com seu currículo repleto de títulos e um grande zelo acadêmico, foi solicitado por várias instituições para ajudar na área de ensino. A Faculdade de Filosofia do Crato, entidade da Diocese do Crato, pediu-lhe ajuda para conseguir que a mesma se tornasse uma entidade reconhecida pelo governo federal. Eram ações que vinham da parte da sociedade civil que contribuíam para desconstruir a imagem negativa dos protestantes, ao tempo em que novas elaborações eram tecidas. Mas isto é tema para outros trabalhos acadêmicos. Para esta dissertação, gostaria de concluir este capítulo citando mais uma passagem bíblica que traduz muito bem os sentimentos dos missionários pioneiros da região do Cariri cearense:

De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desamparados.
Somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos.
Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia,
Pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós a glória eterna que pesa mais do que todos eles. (Segunda Carta de Paulo aos Coríntios Capítulo 4 versos 8,9, 16 e 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A campanha antiprotestante no Cariri representava uma batalha discursiva que estava acontecendo em todo território nacional, na qual católicos e protestantes "guerrevam" em busca de almas e de territórios, de vidas e de adeptos, de espaços e de visibilidade. A Igreja Católica tinha perdido seu posto de religião oficial durante a Primeira República, mas não queria perder sua hegemonia como religião do povo brasileiro. O período republicano favoreceu a circulação ainda maior de ideais iluministas, e a completa liberdade de culto era um destes. Como resultado, chegaram ao Brasil uma diversidade de crenças, práticas e ritos religiosos diferentes da religião católica. A cartografia brasileira, dessa forma, tornou-se ainda mais plural.

A "ameaça" à hegemonia católica, como vimos, vem de além-mar, ultrapassa as fronteiras e se torna uma realidade com a presença visível dos "inimigos da fé católica". O que estava escrito nos livros de história, ou que acontecera na Europa e na América do Norte há séculos atrás havia chegado com toda força: os protestantes que eram poucos, agora desembarcam as centenas em nossas terras. Mas, o lugar seja físico ou subjetivo já estava demarcado, cercado como uma fortaleza. A atitude deveria ser de resistência, usar todos os meios possíveis para não usurparem os quinhões que foram conquistados durante anos.

Resistir aos protestantes passou a ser um dos objetivos principais do Catolicismo Romano. Nessa empreitada, a Igreja Católica no Brasil empreende suas forças para ocupar lugares estratégicos a fim de minar a atuação dos protestantes no Brasil. Dois lugares são importantes neste momento: a política e a educação.

Os católicos eram, e ainda são, a maioria no Brasil, um país que saiu de um regime imperial para o regime republicano com desejos imensos de democracia. Logo, tanto políticos, quanto o clero iriam necessitar um da ajuda do outro. O clero tornou-se atuante na política brasileira, passou a vigiar mais de perto as ações dos políticos a participarem mais ativamente da vida política brasileira. Houve também um incentivo por parte da Igreja aos cleros tomarem posição na Educação, praticamente, em quase todos os grandes centros no Brasil havia uma instituição educacional comandada pelos clérigos locais.

No caso do Cariri cearense, esses dois lugares foram preponderantes para a campanha antiprotestante. O clero cariense estava completamente envolvido com

a política e com a educação e por algumas vezes usou desses lugares para perseguir os protestantes na região.

A campanha antiprotestante ganhou ares de uma guerra. Era o bem contra o mau, Deus contra o Diabo. Como em toda guerra há uma necessidade de arregimentar soldados para os combates. A Igreja Católica fez isso com maestria colocando na linha de frente seus principais intelectuais para apontarem seus escritos em direção à "heresia" protestante. Munições não faltavam: livros, jornais, folhetos e até mesmo monumentos foram usados para atingir o inimigo de forma mortal.

Enquanto os intelectuais atingiam os protestantes com seus escritos, a Igreja também convocava as pessoas comuns, os soldados rasos, para atacarem, pessoas que não tinham habilidade com o papel e o tinteiro, mas que manejavam bem os próprios corpos para ferir outros corpos. As casas e as ruas eram o campo de batalha, ao mínimo som de um hino cantado, os soldados saíam em ordem à busca do inimigo a fim de abatê-lo. Como vimos em toda a dissertação, a metáfora de uma guerra foi constantemente usada pela Igreja Católica na campanha antiprotestante.

Do outro lado, o inimigo protestante se movia astutamente, (re) fazendo trajetórias no lugar do outro, ocupando espaços e usando o tempo para (des) ajustar o que não lhe é próprio. Andar, sorrir, visitar, compartilhar, cumprimentar, ensinar, eram as armas de contra-ataque usadas pelos protestantes. (Re) ações sem o uso da violência, mas com coragem, nunca deixaram de enfrentar as batalhas. Os cultos ao ar livre, nas casas e nas congregações continuavam mesmo sobre fortes ameaças. Para superar tudo isto, somente algo exterior, subjetivo, para dar sentido do que estavam fazendo, um chamado divino que os incomodava a saírem do lar e transpor fronteiras para enfrentar qualquer desafio em nome da fé.

A jornada dessa dissertação contemplou uma época em que as relações sociais no Cariri cearense eram regidas (a ainda são) pelo tipo de crença religiosa. Boa parte da população acreditava que os protestantes e o protestantismo não deveriam estar presentes na sociedade. Era um mal que deveria ser exterminado imediatamente. Foi uma época marcada pela intolerância e violência. A campanha antiprotestante tomou conta das subjetividades das pessoas a partir de suas leituras e dos discursos acalorados dos clérigos. A campanha, nos primeiros instantes dava a impressão que sairia vitoriosa contra os inimigos, eles não iriam resistir a tantos

ataques. Os tiros foram certos, mas cada alvo que era atingido e se dava a aparência de estar morto e acabado, lá estava ele novamente, ativo, como nada o tivesse atingido. O protestantismo resistiu e fez do Cariri um lugar de novas crenças, de novas paisagens religiosas, de novas geografias espirituais. Para essa nova geografia ser elaborada, foi preciso alguém deixar a sua pátria, o seu solo e afirmar: "Onde Ele me guiar, eu O seguirei".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. **O Episcopado Brasileiro frente à Revolução de 1930**. Síntese Política Econômica Social (SPES), v. V, nº 12, p. 47-78, jan-mar., 1978^a.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: Especialidades e abordagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Editora Vida Nova, 2003.

BITUN, Ricardo. **"Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal"**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: Puc, 2007.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALMON, Pedro. **Introdução ao Diário da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil (1823)**. Edição fac-similar. Brasil: Senado Federal, 1973. 3v.

CATROGA, Fernando. **Memória e História** in PESAVENTO, Sandra JatahyPesavento (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

_____. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, EmiliaViotti. **Da Monarquia a República: momentos decisivos**. São Paulo: UNESP, 1999.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à nova história.** São Paulo: Edusc, 2003.

DENOMINAÇÕES CRISTÃS. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/denominacao-crista> Acesso em: 13 de jan. de 2011.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Quem Precisa de Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

HILL, Christopher. **Mundo de ponta cabeça.** São Paulo: Cia. das letras, 1991.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JOSGRILBERG, Fabio B. **Cotidiano e Invenção: espaços de Michel de Certeau.** São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

LIMA, Augusto Jaime. **Que povo é esse?** São Paulo: Editora Batista Regular, 1997.

LARROSA, Jorge. **Leitura, experiência e formação.** In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos investigativos.** Rio: DP&A, 2002.

_____. **Ensaio Pedagógico.** In: **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Euricles Cavalcante. **"Frei Damião transforma templo presbiteriano em fogueira de São Pedro".** *Jornal Brasil Presbiteriano.* Órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, SP, Agosto de 1997, página 16.

MARIA, Júlio. **O catolicismo no Brasil: memória histórica.** Rio de Janeiro: Agir, 1950.

OLIVEIRA, Betty Antunes. **Centelha em Restolho Seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

ORLANDI, Eni P. (org.) **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. (org.) **Discurso fundador.** Campinas: S. R: Pontes, 1993.

PEREIRA, Nilo. **Ensaio de História Regional.** Recife: Ed. Universitária, 1972.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **A experiência viva: uma introdução a história religiosa de Michel de Certeau.** Trabalho apresentado no simpósio do CEHILA Vivências do sagrado no centro-oeste, ocorrido na Cidade de Goiás, em 1/11/2002.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Juazeiro e caldeirão: espaços de sagrado e profano.** In. SOUZA, Simoni de (org). **Uma nova História do Ceará.** Edições Demócrito Rocha. Fortaleza: 2004.

REIS, José Carlos. **Annales: a renovação da história.** Ouro Preto: UFOP, 1996.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1888-1889.** São Paulo: Pioneira: 1973.

RODRIGUES, J. C. **Religiões acathólicas no Brasil, 1500-1900.** Rio de Janeiro: Escripório do "Jornal do Commercio", 1904.

SANTOS, Lyndon Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república.** Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista. Assis: 2004.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **"De bem com a vida": o sagrado num contexto em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea.** Tese de doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo. 2001.

SILVA, Cristina Maria. **Metáforas da Cultura: Diferença e identidade na leitura da vida social.** Revista Espaço Acadêmico, ano VI, n. 67, dez. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **A Produção Social da Identidade e da Diferença.** In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **A Cultura Histórica Em Representações Sobre Territorialidades.** Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos03_silveira.pdf Acesso: 13 de jan. de 2011.

SIMÕES, Daniel Soares. **O Rebanho de Pedro e os Filhos de Lutero: O Pe. Júlio Maria de Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil.** (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil.** São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia: Edusp, 1981.

WILLEMS, Emilio. **Followers of the New Faith.** Nashville: Vanderbilt University Press. 1967.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

FONTES

A Ação Informa "aos Católicos". Crato: Jornal A Ação, N. 593, Ano XIII, 14/04/1953.

Barbalha está sendo Modelo. Crato: Jornal A Ação, N. 655,p. 3, Ano XV,4/7/54.

Espionagem. Fortaleza: O Democrata, 14/05/1950.

Livro de Tombo 1 da Igreja Matriz de Barbalha. Barbalha: Visita de Um Protestante, 11/03/1952.

Livro de Tombo 2 da Igreja Matriz de Barbalha.Circular.Barbalha: janeiro de 1959.

LOPES Abílio.Diferença que há entre o católico e o protestante. Crato: Jornal A Ação 02/03/1952, p. 03-04.

_____. A Vitalidade da Igreja no Passado, No Presente e No Futuro. Crato: Jornal A Ação, 06/07/52. p. 3.

_____. O Papel do Jornalista Católico na Atualidade. Crato: Jornal A Ação, 23/03/52, p. 4.

_____. Os Quatro Amigos, Inimigos da Igreja.Crato: Jornal A Ação, 01/06/52, p. 2.

MCLAIN, Edward G. Uma Voz do Brasil. Agosto 1939, Ohio, The Ohio Independent Baptist, p. 13.

O Protestantismo à Luz da História. I- As Origens. Crato: Jornal A Ação, N. 581, Ano XIII, 11/01/1953, p.1.

OSPINA, Eduardo S. J. O Protestantismo à Luz da História – O Fracasso Mundial do Protestantismo – IV. Crato: Jornal A Ação,Nº 584, Ano XIV,1/2/1953, p. 2.

SOUZA, José Newton de.Fragmentos.Crato: Jornal A Ação, 12/08/1951.

ENTREVISTAS

Entrevista 1. Pr. Jaime Augusto Lima.

Entrevista 2. Dr. Napoleão Tavares Neves.

Entrevista 3. Pr. David de Lima Gino.

Entrevista 4 D. Francismar Nepomuceno Monteiro.

ANEXOS

**ANEXO 1 – JORNAL DEMOCRATA TRANSCRITO EM INGLÊS POR EDWARD
MacLAIN**

Translation of an article printed in the Communist newspaper of Fortaleza, Ceara, Brazil Democrata of May 14, 1950, ESPIONAGE (first page—two and half inch letters)

Concerning the American strangers in the Cariri; they work under the cape of an evangelical mission of the Brazilian church. Reunions in the English language, far from the sight of the native believers. The number of Yankee missionaries grows day by day. Who is Mr. Edward McLain chief of the mission? Where the beasts of Truman are worse than the beasts of Hitler?

It has been but a short time since the periodical, 'The Action', which is edited in the city of Crato, published a full report denouncing with strong alarm the profundity of the Yankee imperialist penetration in the Cariri, masqueraded in an evangelical Mission of the Baptist church, headed by Mr. Edward McLain. It is true that that organ, which obeys the orientation of the Roman clergy, saw little beyond the danger which said mission would bring to the interests of the Roman church.

However, the danger exists, but for the future of our country; because it is already no secret that the North American Imperialist forces come to us adopting these tactics in the penetration of many, if not all, of the countries of the continent.

A Notable Engineer.—Mr. Edward has resided for some years in the city of Crato, which seems to be the seat of the so-called mission of the Baptist church in the Cariri. He is a mining engineer of notable capacity, who presents himself as simple Protestant pastor. In Crato, Mr. Edward possesses a residence installed with every modern comfort. He lives on a high plane, and no one knows any other legal activity aside from his being chief of the Protestant worship in the Cariri.

The Mission grows continually. Since 1949, the number of missionaries has increased considerably. Most of the houses recently constructed in Juazeiro, for example, are to be used by members of the Mission who are now arriving, or soon will be; these missionaries bringing with them refrigerators, radios, automobiles, etc. The mission owns a Jeep, and a station wagon which constantly leave Juazeiro with destination unknown, being gone from three to four days

Suspicious reunions. Every Monday there is a reunion of the pastors to which the native believers do not have access. Further than this, the conversation is all in English. Since it is impossible for any native element to enter, no one has the slightest idea what is discussed in these sessions, which are secret and lengthy.

Suspicious acts of Espionage. It is known that recently Mr. Edward McLain went to the bureau of statistics in that zone, soliciting, among other things, "innocent information", complete facts concerning the topography of the region, fountains of production, demographic index, etc.

It is to be seen that not even religion escapes the colonizing and war-thirst fury of the North American trusts and monopolies. We know, today, from our own experience, that Truaman's hyenas are worse than Hitler's beasts. Since it is thus, it isn't to be wondered at that they use religion for the criminal ends of colonization and war, as the Axis did in the last war, using the piety of priests and bishops of the Catholic religion, in various countries of the world including Brazil; and has occurred recently in Poland, Czechoslovakia, and in other countries of the new democracy where different acts of espionage were discovered and punished.

What We Ought To Do? It is the special duty of the adepts of the religion preached by the Yankee missions to demand that the pastors make clear certain mysteries which surround them and that they give account of their actions to the people who have received them in good faith, explaining how they live and where so much money comes from to maintain their high standard of living. As for the anti-imperialistic and peace-loving patriots, we must denounce with utmost vehemence every movement of these war agents and colonizers in our country, demanding that the Brazilian government which orientates our international policy in the sense of absolutely impeding the atomic bomb and that it considers it a crime against humanity to use atomic energy for Biblical ends, and a war criminal the nation which first uses it against any other people or nation.

Let us put into practice the wise recommendations of the Congress of Stockholm beginning by driving off our native soil all the spies and war traffickers of every color.

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DOS ARTIGOS DO JORNAL A AÇÃO.

A Ação 12-08-1951 Fragmentos José Newton de Souza: “Desafios aos Protestantes” do Pe. A. Feitosa

Padre Antônio Feitosa deu-nos bom presente de festas, neste crepúsculo triste de 1951. A Igreja Católica, no Brasil, tinha sua Bíblia anti-protestante – “A Igreja, a Reforma e a Civilização” do Pe. Leonel da Franca e agora o inteligente sacerdote cearense autor da “Violeta de Lisieux” e “Comunismo e Maçonaria” acaba de nos oferecer o catecismo contra a heresia luterana que é “Desafios aos Protestantes”. O crepúsculo, de 26 páginas apenas é escrito em linguagem cadente. É nú e crú quando defende os erros múltiplos daqueles seculares inimigos da única e verdadeira Igreja de Cristo. Sua argumentação é cerrada e irrespondível. Divide o Pe. Feitosinha seu trabalho em 18 desafios que se baseiam nos principais pontos apregoados, no Brasil, contra o catolicismo, pelo protestantismo quase sempre de importação americana.

O autor não tem meias palavras para dizer as coisas. Vai direto ao amago da questão. Analisa o erro e depois esmaga-o de uma metralhada só. A Bíblia em suas amestradas mãos, se transforma no maior manancial de acusações contra a heresia que nasceu desde os nefastos tempos de Lutero, Calvino Zwinglio e Henrique VIII.

“Desafios aos Protestantes” foi editado pela Tipografia de A Ação de Crato e está sendo vendido a preço modico, revertendo seu resultado em beneficio da obra de Propagação da Fé. Foi escrita o opúsculo como lembrança das Missões pregadas, em Crato, pelo santo capuchino Frei Damião, o novo apóstolo do Nordeste e pesadelo do protestantismo, em todas as suas diversas modalidades.

O folheto, embora de aparência modesta, tem amago e merece ser difundido pelo Brasil afora. Os Snrs. Bispos e Vigários, notadamente do Nordeste, devem conhecê-lo e divulga-lo o mais que possível. Suas frases são golpes certos contra aqueles adversários terríveis de Cristo que se rotulam de cristãos para melhor desfigura-lo. Sua argumentação é saraivada de granadas contra a cidadela da heresia, geradora de todas as outras do presente século e que, para melhor rasgar as páginas dos Evangelhos, proclamam-se seus arautos serem os únicos seguidores e interpretadores do Novo e do Velho Testamento. Mas a verdade é imutável e uma só e toda ela emana de Jesus Cristo e de sua Igreja imortal que tem sede – a Roma Eterna dos Papas.

Jornal a Ação 28/10/1951

Dentre muitos frutos espirituais das missões de Frei Damião nesta cidade, além de quarenta mil comunhões várias legitimações de casamentos e conversões de protestantes.

Abílio Lopes, Jornal A Ação, 02-03-1952, p. 03. Diferença que há entre o católico e o protestante

Muitos se enganam, os que dizem que todas as religiões são boas, e que o ser católico ou protestante ou quasi(sic) o mesmo sobre o que direi, que só faz tanta diferença quanto se dá entre a verdade e o erro.

Entre todas as religiões, só há uma verdadeira, porque a verdade é uma só, e por isto, de duas ou mais doutrinas que são contrárias uma a outra, só uma pode corresponder a verdade e as outras são falsas. A religião católica é a única que tem a doutrina de Jesus Cristo, e por isto temos a certeza infalível de que ela é a única religião verdadeira, o único caminho certo e seguro para a felicidade e salvação eterna. Portanto, é um grande erro, julgar que todas as religiões são boas e iguais.

O protestantismo, não pode pretender ser a religião de Jesus Cristo; dividido em centenas de seitas são outras tantas religiões cada uma com doutrina diferente e todas negando os pontos mais importantes da doutrina de Jesus Cristo. Onde a Igreja Católica afirma, o protestante nega. O protestante rejeita a Igreja e despreza sua autoridade; interpreta a Bíblia como quer; não reconhece no Papa, o Vigário de Jesus Cristo o cabeça dos fiéis, o pastor supremo e o doutor infalível da lei Deus, não reconhece os sacramentos, apenas o batismo, e esse mesmo...; não acredita Jesus Cristo na eucaristia; não faz caso de Maria Santíssima e nem dos santos; logo, dá-se uma diferença essencial em pontos de fé entre o católico e protestante; e portanto, não é o mesmo ou quasi(sic) o mesmo.

Só há, pois, uma religião verdadeira, a qual é Jesus Cristo, e só ela é que abrange todos os séculos, todos os povos, todos os homens, por isso sempre foi chamada – católica ou universal. As seitas protestantes não são essa religião única e verdadeira de Jesus Cristo; só as variedades de seitas e dos nomes lhes bastam para indicar; logo, não são a verdadeira religião; são erro e uma corrupção do cristianismo. Só Jesus Cristo fundador do cristianismo é senhor d'ele e por isso, nenhum homem tem direito de ensinar e pregar esta religião, se não for encarregado disto mesmo por Jesus Cristo. Se alguém nos disser: eu venho reformar a Religião de Jesus Cristo podeis seguir as vossas paixões, porquanto, eu vos permite o que Ela vos proíbe: que deveríamos nós responde?

Quem sois vós para reformar uma religião divina? Jesus Cristo é o Senhor dela foi ele que vos enviou? Dai-me a prova da vossa missão divina, que vos acreditaremos. Calvino, um dos cabeças dos protestantes, para provar sua missão, tinha pago a um homem que se fingisse morto, afim de ressuscitar depois. Porém quando chegou com os amigos, já a justiça divina havia castigado esse seu cúmplice; o fingido defunto estava realmente morto. Lutero outro chefe, quando lhe perguntavam pela prova de sua missão divina, respondia "é a um asno". Portanto, só os encarregados por Jesus Cristo, tem o direito de ensinar sua religião.

Mas, estes enviados de Deus, estes pastores legítimos do povo cristão, que são, e como se pode conhece-los?

É do modo seguinte: o Papa Bispo atual de Roma, é o cabeça da Religião Católica, e remonta por uma não interrompida sucessão de Pontífices até ao Apóstolo S. Pedro; e os Bispos Católicos (sic) em todos os tempos foram sempre olhados com sucessor do Apóstolo a quem Jesus Cristo deu, e só a eles, a missão sagrada de pregar sua religião, a todos os homens, e escolheu entre os mesmos apóstolos a S. Pedro para ser o Cabeça de toda sua Igreja, por laço de unidade dos pastores e dos fieis, o fundamento imutável do edificio vivo que pretendia erigir. E a S. Pedro foi que Jesus Cristo deu as chaves do Reino dos Céus, com poderes de tudo ligar e desligar, assim na terra como no céu. E por este modo foi S. Pedro constituído por Jesus Cristo, cabeça fundamental, doutor infalível, de toda sua Igreja. Logo, é a Igreja Católica Apostólica Romana, de que o Papa, sucessor de S. Pedro, é o Pontífice e o Cabeça, a que está confiada a missão de pregar, ensinar e conservar a religião. É só com eles que Jesus Cristo permanece até a consumação dos séculos, para os preservar de todo erro no ensino e todo vicio na santificação das almas. Só ela difunde a santidade por toda parte onde penetra e produz sempre a perfeição mais sublime em todos aqueles que são dóceis ao seu ensino. Ela é a mãe dos santos; em todos os tempos os tem produzido, e grandes milagres tem confirmado sua santidade. E o que é o protestantismo? É uma anarquia religiosa.

Dividido em mil pequenas sítas que se anatematizam umas as outras, e só concordando em seu ódio contra a Igreja Católica.

Ele rejeita a regra fundamental da fé, que é o ensino infalível e autoridade divina do Papa e dos bispos, únicos Pastores e Doutores legítimos. Ele não acredita na palavra de Deus; ele não tem crenças, opiniões, e essas variáveis como ele mesmo; por isso é que entre os protestantes são tantas as religiões, quantas cabeças, e cada cabeça pode dela mudar todos os dias. Alguém conheceu uma família protestante que constava de quatro pessoas, e cada uma delas tinha uma religião diversa! Por isso, ele navega com qualquer vento da doutrina, cada dia varia no símbolo da sua fé, rejeitando hoje o que ensinava hontem! Ele não tem unidade, nem antiguidade, nem universalidade, nem estabilidade.

Tertuliano dizia: "tu varias, logo erras". O protestantismo rejeita tudo quanto há de consolador, terno e afetuoso na Religião Católica, por isso devemos aborrecer e abominar, tão malvada seita.

Desengane se todo católico: a religião protestante é cômoda para viver, porque cada um entende a Bíblia como quer, conforme as suas paixões; e assim, pode luxar divertir-se, namorar, amancebar se, comer carne no dia de abstinência, jogar, dansar(sic), etc.; não é preciso a penitencia, a oração, o jejum, a confissão, a frequência do sacramento, e boas obras; basta só a fé; e assim, esta religião é cômoda para viver, mas para morrer! Para morrer é o diabo.

Assim respondeu uma senhora protestante a um ministro protestante, que a repreendeu (p.4) por ela em perigo de vida ter se convertido ao catolicismo. O protestantismo, em suas excitações, vacilações e mudanças de suas seitas, constitui sua sentença de morte, como a imutabilidade da Igreja Católica é a prova de sua divindade e infalibilidade. O protestantis(sic) mudando, mostra que não é divino; é uma seita puramente humana, que se reconhece seu fundador e organizador, um homem viciado; nele não há Santos nem verdadeiros milagres; por isso devem desaparecer do meio de nós e volta para os abismos donde saiu.

Alerta, católicos! Não deixeis nunca a Santa Religião Católica, Apostólica Romana; muito embora venha sobre nós um martírio do ferro e do fogo; porque esta religião dá-se a própria vida. Finalmente, pedimos a Deus todos dias, que nos conserve esta religião, e que abra os olhos ou ilumine esses cegos protestantes, para que conheças os seus erros, e voltem ao grêmio(sic) da Igreja Católica Apostólica Romana, fora da qual não felicidade nem salvação.

Valença, 11-02-52.

A Ação 23-03-52 (p. 4)

O Papel do Jornalista Católico na Atualidade.

Abílio Lopes

Nesta época em que se multiplicam os falsos profetas, em que o homem macha as cegas sem encontrar os mais elementares caminhos da vida, o papel do jornalista católico consiste em chamar os que vegetam no desconhecimento completo das verdades evangélicas; temos que recorrer a palavra de Deus, que é a luz verdadeira e caminho seguro para a vida do homem e das nações. É preciso que o jornalista católico se prepare para a luta, cooperando com a plena dedicação de Apostolo e membroda(sic) Ação Católica.

A Ação 01-06-52 (p. 2)

Os Quatro Amigos, Inimigos da Igreja – V – Comentário. Abílio Lopes.

Há entre os modernos gratuitos inimigos de Cristo e sua Igreja, uma preocupação de embriagar, de toda sorte de entorpecentes, a alma da multidão, com o único fim de arrancar-lhe a fé.

Já estamos cercados dos quatro inimigos da fé: protestantes, maçons, espíritas e comunistas, que não se cansam de anunciar a morte próxima da Igreja Católica. E na verdade, se a Igreja Católica não fosse divina e Jesus Cristo não tivesse com ela, já os maus tinham acabado com ela, a muitos séculos.

A Ação 22-06-1952 (p.2)

A Sorte dos Perseguidores da Igreja – Abílio Lopes.

As perseguições que tem sofrido a Igreja nestes últimos tempos, superam muito em ferocidade e perversidade as perseguições dos imperadores romanos. Do ponto de vista religioso a situação internacional é cada vez mais confusa. O comunismo mexicano combateu por um quarto de século; o espanhol devastou a nação assassinando padres e trucidando os fieis; o nazismo germânico, de uma maneira mais falaz e astuciosa propoz(sic) não só exterminar os homens religiosos com a própria idéia religiosa; os vermelhos russos descristianizaram por completo a nação, e procuraram por meio dos seus agentes, implantar em todos os países, o regime comunista, e a final dominar o mundo inteiro. No Brasil, as propagandas protestantes, maçônicas e espíritas, têm recrudescido; não faltam setários que trabalham contra o clero, contra o ensino religioso; contra a família cristã, a favor do comunismo. Querem sepultar a Igreja, como outrora pretendiam sepultá-la.

A Ação 06-07-52. p. 3. A Vitalidade da Igreja no Passado, No Presente e No Futuro. Abílio Lopes.

Se os seus inimigos, como sejam os protestantes, maçons, espíritas e comunistas, não poderão isoladamente acabar com ela, também não o poderão fundindo-se num só partido, num só homem, no seu chefe, embora seja o Anti-cristo vaticinado.

Cristo vive por Jesus Cristo, como o mesmo Cristo vive com ela. Contra a Bigorna de Roma batem os maçons, com seu martelo, sua colher e seu triangulo; batem os protestantes, com a massa de seu ódio acumulado nas suas biblias falsificadas; batem os espíritas com os ossos dos defuntos; batem os furiosos comunistas, com sua foice e o martelo; mas todos estes instrumentos de ódio, gastar-se-ão; enquanto o trono de Pedro permanecerá sólido, inquebrantável. Do alto do seu trono imortal, o Santo Padre o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, o sucessor de S. Pedro, com

uma mão abençoa os perseguidores que caem, e com a outra abraça os seus filhos que morrem pela verdade.

A Ação 28-12-52

Por que o católico não pode ser espírita? Frei Boaventura, O F. M.

O frei expõe 40 motivos para o católico não ser espírita.

A Ação 11 de Janeiro de 1953 N. 581 Ano XIII (p.1) O Protestantismo á Luz da História. I – As Origens.

A única Igreja é a que fundou Jesus Cristo – Deus.

A Igreja verdadeira de Jesus sempre se chamou católica, isto é, universal, porque foi fundada pelo Salvador para salvar a todos os homens.

Desde o século I até o século XVI a Igreja verdadeira foi convertendo à fé cristã os povos de grande parte da Ásia e África e todos os povos da Europa.

Quando foi descoberta a América, a Igreja defendeu os naturais e cristianizou assim indígenas como colonos, e depois cultivou as Nações independentes que formaram a América católica.

E ainda que desde os primeiros séculos foram surgindo dentro da Igreja heresias, ou seja doutrinas errôneas, contudo ao serem condenadas essas eresias(sic) pela autoridade da Igreja, iam morrendo e desapareciam, como obra dos homens.

Só a Igreja verdadeira pôde resistir à ação do tempo, às lutas internas e à perseguição dos inimigos dos inimigos de Deus.

No século XVI tinha invadido a Europa o espírito do Paganismo, na arte e nos costumes, e com isso a vida de muitos católicos se havia corrompido.

Com a corrupção dos costumes cresceu a ignorância religiosa e a revolta contra a autoridade da verdadeira Igreja.

Na Alemanha proclamou se chefe dessa revolução contra a Igreja, Martinho Lutero.

Martinho Lutero nasceu em 1483 de uma família saxônica católica. Educado piedosamente, entrou ainda jovem na Ordem de Santo Agostinho, onde viveu mais de 10 anos. Mas o seu temperamento nervoso e desequilibrado, a sua exaltada imaginação e as tentações impuras o arrastaram pelo caminho da apostasia (1517).

Incapaz de guardar os votos religiosos, que havia oferecido a Deus em sua juventude, casou-se (1525) com uma religiosa apostata, Catarina Bora, e com sua vida e seus escritos fez-se o fundador do Protestantismo alemão.

A imoralidade e a ignorância reinantes fizeram que essa heresia se propagasse internamente e que muitos habitantes da Europa Central e dos países escandinavos se fizessem luteranos.

Seguindo o exemplo de Lutero, sacerdotes apóstatas, como Calvino Zwinglio e vários outros, formaram diversas seitas na Suíça, na França e nos Países Baixos.

Na Inglaterra reinava então Henrique VIII (1491-1547). Foi católico até o dia em que, enamorado torpemente de Ana Bolena, pediu ao Papa Clemente VII lhe permitisse divorciar-se da sua verdadeira esposa, Catarina de Aragão.

Negando-se o Sumo Pontífice a permitir a dissolução de seu matrimônio legítimo, Henrique VIII proclamou-se "Cabeça da Igreja", encarcerou sua esposa Catarina e tomou por mulher Ana Bolena. Quando se cansou dela fé-la degolar (1536) casou-se com Ana Cleve e no ano seguinte com Catarina Howard, a quem mandou matar dois anos mais tarde, para casar-se com Catarina Parr. Este tirano feroz, que teve seis mulheres, duas das quais mandou degolar, como mandou degolar em 1535 o admirável chanceler do reino Tomaz More e o santo arcebispo de Rochester João Fisher, Henrique VIII, tirano feroz e luxurioso é o fundador do protestantismo na Inglaterra.

A Ação 1-2-53 (p. 2) N. 584 Ano XIV. (Eduardo Ospina, S. J.) O Protestantismo à Luz da História – O Fracasso Mundial do Protestantismo – IV

Em 1931 dizia o Conselho Geral de Missões Nacionais Protestantes: "Há nos Estados Unidos 10.000 povoações sem igreja, 30.000 sem pastor residente e 13.400.000 crianças menores de 12 anos sem instrução religiosa".

Segundo um jornal norteamericano, durante o ano de 1940 fecharam-se nos Estados Unidos mais de 1000 igrejas, enquanto o número de templos católicos aumentam sem cessar.

E apesar de tudo, os comitês protestantes de missões estrangeiras continuam despachando para América do Sul, para Colômbia (para o Brasil) grupo de pastores bem pagos para virem anunciar-nos que o protestantismo, o fator da anarquia religiosa, o desmoralizador das sociedades, o pai do ateísmo, o moribundo em toda parte, vem ser a nossa luz para a verdade, venha comunicar-nos a vida, velha salvar a Colômbia. (Salvar o Brasil)

E se viessem dizer-lo a nós, que estamos informados da sua decomposição cadavérica nos Estados Unidos e na Europa, seria certamente uma imprudência

inqualificável que excitaria a nossa indignação. Mas que a propaganda fuga dos meios cultos e se aplique a atrair com dinheiro, e remédios às gentes mais necessitadas e ignorantes de nossos bairros e de nossos campos, isso é um crime contra os nossos pobres, afronta para a Colômbia (para o Brasil).

A Ação 22-2-53, p. 2, Ano XIV N. 587. O Protestantismo à Luz da História – Tática dos Protestantes VII

A vinda dos missionários protestantes a nossa terra é por si só prova manifesta de que essa propaganda não prima por verdadeiro zelo religioso, tal zelo levaria a trabalhar no seu país, primeiramente por tratar-se de sua pátria e depois porque ali o mal da irreligião e incredulidade tomou proporções monstruosas.

Mas, à falta de motivo religioso, há dois motivos que os pastores protestantes tem mais força que o bem das almas.

O primeiro motivo é o econômico. Se não viessem pregar sua interpretação da Bíblia não receberiam os chorudos ordenados que as sociedades das missões oferecem aos pastores que se resolvem a vir à América do Sul.

O Segundo motivo é o político. É claro que enquanto uma nação conserva uma unidade religiosa, encontra nela uma força incomparável de independência política, em face de nações mais fortes que ameaçam absorve-las.

Esses dois motivos, o econômico e o político são de grande eficácia para impedir os predieantes presbiterianos, adventistas, etc., a conquistar a Colômbia (digamos o Brasil) para os seus protestantismos; mas do mesmo passo, selo-ão também para alertar os colombianos (digamos os Brasileiros) a resistir com todas as forças a toda a penetração protestantes.

(A Ação 4-7-54, p.3 Ano XV N. 655 Barbalha está sendo Modelo.)

A religião é o grande segrêdo(sic) da harmonia e da união do povo barbalhense. Ali não há discrepantes. Não há protestantes: há, sim, um recado em grandes letreiros às portas da cidade, nestes termos: "Alto lá, senhores protestantes! A Barbalha de Santo Antonio Já está evangelizada!" Há, sim, uma cruzada de defesa contra protestante; também não há lá o demônio maçônico a bondade da terra não o suporta. Todo barbalhense é católico e devoto de Santo Antonio.

A Ação 14 de Abril de 1953 Ano XIII N. 593. A Ação Informa "aos Católicos"

Em Missão Velha, não há mais um só protestante. Bonito exemplo para outras cidades.

Em Juazeiro do Norte, o povo saturado com tanta perlenda paulificante reagiu "feroz" contra as insolências protestantes.

ANEXO 3 – TRADUÇÕES DAS CARTAS DE EDWARD MACLAIN NO THE OHIO INDEPENDENT BAPTIST

Agosto, 1939 – The Ohio Independent Baptist, página treze.

Uma Voz do Brasil (A Voice From Brazil)

por E.G. McLain, Joazeiro, Ceara, Brasil, América do Sul

Era final da tarde, 13 de Maio, quando o navio cargueiro, S.S. Balzac se soltou de suas âncoras (her?) e aportou na Baía Delaware. Os quatro passageiros, incluindo eu mesmo, de antemão cuidamos com esplendor do itinerário costeiro que estava programado; ele incluiu levar a carga a Baltimore e Norfolk no Chesapeake, e Jacksonville, na Flórida, o qual teve um bombordo no belo rio St. John.

Enquanto viajávamos para o Sul por entre as costas das Carolinas e da Geórgia, minha antena de rádio estava instalada no sino do navio, transmitindo-me notícias diárias das cidades sulistas. O devocional da manhã e as canções sacras dos negros eram de particular benção. Imagine estar nas ondulações, com o chacoalhar do mar com nada além do azul da água para ser visto, e de lá vem por entre os céus um coral de vozes cantando, "Nas alturas e nas profundezas do perdão, na duração e na amplitude do amor"; "Onde Ele me guia eu o seguirei", e de novo "Eu viverei por ele que morreu por mim".

Durante algumas horas de profunda experiência espiritual meus olhos freqüentemente olhariam de relance para o oeste, por todo lado, de dentro do pequeno quarto com gratidão a Deus, e àqueles queridos que estavam em casa, que valorosamente me contaram para entrar novamente em sua ceara por outro termo. Outros têm compreendido a visão que estes muito necessitados compartilham conosco, e apesar de não terem visto ainda acreditam. Eles têm dividido sua essência com aqueles que podem confidenciar que quando a ceara vem nossas recompensas serão mútuas. Novamente as preciosas horas de companheirismo vivido durante o último ano com os Cristãos se tornaram um jeito novo e abençoado de vida promovendo coragem e vigor.

Na noite do dia vinte alcançamos a embocadura do rio St. John apontando em direção ao oceano. Através do horizonte ocidental alguém podia ver uma massiva selva de palmeiras, pequenas cabanas de pescadores marcando as barreiras, e ao sul um lugarejo de luzes da ribalta que identificavam uma notável praia Atlântica

muito freqüentada; então, por fim, o velho Santo Agostinho nos veio à vista, ao anoitecer e nós viajamos em direção ao sul.

Quase proféticos eram os fortes ventos que nos moviam do norte em direção ao Mar do Caribe. Isso me lembrou de um membro de uma firma, a mão medonha de Roma e seu poder eclesiástico. Notícias recentes tem nos chegado de muitos novos pregadores em Joazeiro e do investimento de muito dinheiro em novas escolas e igrejas. Entretanto, O Espírito Santo continua a trabalhar no coração de muitos. Em Fortaleza um jovem, que foi salvo sob nosso testemunho, tem dado testemunho de fé para uma nova vida. O trabalho de Venda de Bíblias tem sido ampliado e de cada membro do povo cristão ouve-se a questão, "Onde podemos comprar uma Bíblia" A resposta é, "Em Joazeiro, a cidade do Padre, Cícero".

Nossa visão: Que Joazeiro, um dos centros financeiros do Brazil, pode se tornar o centro evangelista desta vasta região. Nós interiorizamos aquela promessa "Fiel é aquele que nos chamou qual também o fará". Irmãos, orem com toda força por nós.

Nóta do Editor: Aqueles que desejarem ajudar no sustento deste excelente missionário, devem escrever para Mid-Missions, Mishawaka, Indiana.

O Boletim Batista – página 13

Em Novo Edificio McLain Encontra Perseguição Católica

Joazeiro, Ceara, Brasil, 7 de Maio, 1940

Dr. R. T. Ketcham, Waterloo, Ia.

Caro Dr. Ketcham

Desde o primeiro dia do ano o Senhor tem ampliado e abençoado grandiosamente o trabalho aqui em Joazeiro. No começo de Janeiro nós convocamos uma evangelista local [nativa] para ajudar com a atividade de campo, nos tornando possível manter um contato mais próximo com os Cristãos de fora da cidade e ofertando-lhes cultos evangélicos com maior freqüência. No final de Janeiro, ele e eu fizemos uma visita ao nordeste visitando setores do país onde o Evangelho não tinha penetrado ainda. Muitos cultos foram acompanhados com boa assistência. Nós também sentimos a necessidade de um vendedor de Bíblias mais organizado que trabalhe por entre o vale e para este fim o pregador tem feito isso continuamente. Mês passado, um jovem veio a nós e ofereceu seus serviços de venda de Bíblias. Ele tem uns três anos de experiência neste trabalho com bom

sucesso, mas no momento ele está empregado como policial da cidade de Missao Velho [sic]. Um número de bíblias e testamentos foram entregues a ele para serem vendidos à noite quando não estivesse ocupado com suas outras obrigações. Nós esperamos ver ele e sua consagrada esposa dedicando tempo integral a este trabalho até o final do ano.

Todos nós fomos grandiosamente encorajados pela vinda do Sr. e Sra. Knutson para nosso campo. Ao tempo de sua chegada eu fui ao cais para ajudá-los com a alfândega e os problemas com a viagem. Com inclusive uma pequena estadia na capital nós voltamos ao interior, Sr. e Sra. Knutson, Mary Mills e eu. Agora todos estão na obra, exercendo a vocação na casa dos locais, o estudo do Português, os cultos semanais, todos estes sendo exercidos como trabalhos semanais. O campo é uma das maiores dificuldades e os amigos das casas atrapalham constantemente na pregação em muitas das necessidades espirituais e materiais de cada trabalhador.

Nós temos sofrido muita pressão desde o primeiro dia do ano em ter um lugar próprio e amplo para nossos cultos. Durante os três últimos anos eu tenho sido questionado que os Cristãos rogam por nossa necessidade de um templo [Chapel]. Em Março deste ano um prédio de tijolos nos foi oferecido por um juiz local. Não era apenas isso que nós tínhamos procurado no que diz respeito ao tamanho e à possível expansão para o futuro, mas isso supriu cada necessidade do momento e a localização foi excelente. Então após a compra do pregador ter sido feita, ela custou três mil dólares. Ao menos acordos foram feitos com os trabalhadores para eles reformarem os muros interiores e remodelá-los para se ajustarem às necessidades. Os pisos eram em tijolo e foram cobertos por cimento, um batistério foi construído – muitos estão esperando para serem batizados, tudo será repintado e futuramente se nossos recursos permitirem uma pequena sala será construída na parte posterior para as crianças. Este progresso tem dado a todos uma nova e profunda satisfação enquanto o Senhor tem aberto uma porta após a outra. Mas se nós temos sido abençoados, nossos inimigos têm ficado enfurecidos. E eu devo lhe contar novos esforços deles para destruir a nós e ao testemunho do Senhor.

O relato realmente começou na noite do primeiro culto após a chegada do Sr. e da Sra. Knutson e da senhorita Mills. Nós nos reunimos como de costume na noite de Quarta-feira. O culto foi aberto com cânticos então seguidos de oração e o pastor local iniciou seu estudo bíblico. Do outro lado da rua houve uma perturbação que foi provocada por um padre que entrou na casa vizinha e perguntou se poderia rezar. Sua pregação tornou-se cada vez mais longa, dez minutos passados, e vendo que não teve resultado ele começou gritando condenações. Pessoas se reuniram na rua e então ele voltou-se para o grupo com novas reprovações. Nós começamos a cantar canções que agiram como um revide e finalizamos aquele trabalho. Mas a hostilidade pela cidade continuou por todos os lados. Pouco após a negociação da propriedade para o templo, os padres católicos romanos organizaram um momento católico no "sistema de auto-falante" ["publicaddress system"] instalado na praça central. O momento era no Domingo à noite às seis e meia e foi devotado ao Bispo

do Crato. Na primeira ou segunda semana todos foram bem mas enquanto o trabalho no templo progredia os padres começaram a atacar-nos mais diretamente e nas últimas semanas pelo nome. No começo ele criou o costume de reunir algumas centenas de fanáticos na igreja primeiro, e então invadindo a praça com eles antes da oração.

Durante a última semana de Abril os padres foram por entre as pessoas e instruíram-nas para invadirem nossas casas, para quebrar e destruir o que tínhamos e para nos expulsar da cidade. Na noite de Domingo, 28 de Abril, houve uma grande reunião na praça, o sermão clamava por atitude e novamente nomes foram denunciados. A classe educada na praça revoltou-se contra tais métodos. Cedo da manhã de Segunda eu fui à polícia, fiz acusações formais pelo mau uso do meu nome e pedi por proteção estadual. Para Fortaleza fui mandado e em menos de dois dias nós estávamos assegurados. Na terça-feira uma acusação secreta foi arquivada contra mim pelos padres. Desde então vários fanáticos foram presos. Três eram homens santos. Domingo, 5 de Maio, o momento católico consistiu da leitura de um documento e de uma canção – cinco minutos. Agora tudo será organizado e a ordem estrita é para ser mantida até a chegada dos oficiais do Estado vindos de Fortaleza quando tudo será averiguado e tomado a ação. Ninguém saberá qual a consequência disso, mas o Senhor há de nos prover um caminho mais esplêndido. Centenas têm mostrado sua simpatia e tem tido interesse em uma oportunidade no Templo. Oramos que Deus nos dê o mesmo benefício perante o Estado o mesmo quanto ele tem com as autoridades locais. Oramos para que nosso Templo seja aberto de modo que venha ser a maior glória em nome do nosso Deus a Quem servimos. Nós colocamos esta necessidade urgente de oração diante de muitos Amigos Cristãos. Descanso no Salmo 54.

Estou enviando-lhe em diferente embrulho uma coleção completa de fotos do trabalho do templo e dos obreiros locais. Você pode usá-las da maneira que desejar. Eu escreverei novamente assim que novas condições surgirem.

Esteja em Deus,

E.G. McClain.